

Avante!

Ano 53 - Série VII - N.º 610
5 de Setembro de 1985
Preço: 40\$00

Semanário
Director:
António Dias Lourenço

Propriedade do Partido Comunista Português Dir./Red. - Soeiro Pereira Gomes, 1699 Lisboa-CODEX Tel. 76 97 25 - Telex 18390 Composição e impressão - Heska Portuguesa Distribuição - CDL, R. Santos Dumont, 57-2.º - 1000 Lisboa

10 festa!



Alto da Ajuda

sexta, sábado e domingo

INTENSO CONTACTO DE ÁLVARO CUNHAL COM AS POPULAÇÕES

nos distritos
de Coimbra e Aveiro



A foto refere-se a Buarcos, mas no resto dos dois dias e meio de viagem foi sempre assim...

Ler nas págs. 1 a 4/Semana 

Entusiasmo e confiança foram, como se vê, notas dominantes do comício do Porto



PORTO PREPARA UMA GRANDE CAMPANHA

- **Comício de apresentação
dos candidatos pelo círculo
foi um bom arranque**

Ler na pág. 5/Semana 

A HORA DAS OPÇÕES

O clima eleitoral domina já abertamente a vida política do País.

Determinar uma opção de voto que pode viabilizar um novo rumo da política nacional nos caminhos de Abril é desde já uma questão que se impõe com força à reflexão e à consciência dos cidadãos e democratas.

A 10 dias do começo oficial da campanha eleitoral para as legislativas antecipadas os dois partidos derrotados — mas ainda coligados no Governo e a negociarem novas alianças — tentam lançar poeira nos olhos dos eleitores, perturbar uma visão objectiva das questões em jogo e, com a distorção por vezes grosseira dos factos, ludibriar de novo o povo português.

Uma, de crescente actualidade à medida que se aproxima o acto eleitoral, é ainda a da composição política e a natureza dos poderes de gestão do Governo que temos à frente do País.

É uma questão que ameaça a democraticidade das eleições de 6 de Outubro e que imporia a sua imediata remoção e substituição.

Como é sabido, a decisão do Presidente da República de dissolver a AR e marcar eleições legislativas antecipadas alterou em aspectos fundamentais, com a demissão do Primeiro-Ministro, a natureza dos poderes e a figura institucional do Governo PS/PSD.

Mas, sabia-se já também pelo conhecimento dos dois comparsas do Governo e pelo andar da carruagem durante os dois últimos anos, que a coligação governante largamente viciada na delinquência política e na política de ilegalidades iria agir com o mais completo desprezo pelas novas funções que a controversa decisão do Presidente da República lhe cometera. Como o PCP previu e preveniu, o Governo demitido de uma coligação falida e derrotada comporta-se com arrogância na prática como órgão de soberania em normalidade de poderes e determinando-se a si próprio as áreas de intervenção.

De facto não só tudo continuou como dantes, como agora se verificam mesmo surtos de repressão violenta por parte do Governo que ameaçam envolver a campanha eleitoral num clima de intranquilidade social.

Os acontecimentos de segunda-feira em Évora são disso uma prova.

O Governo de gestão de Soares PS/PSD entrou sem soluções de continuidade na política corrupta anterior de manipulação e instrumentalização do aparelho de Estado e faz desde a sua demissão incursões em áreas políticas de fundo que o estatuto de gestão lhe interdita.

O que o Governo demitido e derrotado tenta neste momento, levar a cabo na zona da Reforma Agrária é uma ignóbil provocação contra os trabalhadores.

Abusando dos seus poderes, o Governo demitido intensifica a entrega ilegal de «reservas» aos latifundiários, recorre às forças repressivas no intento de destruir pela violência as UCP's/Cooperativas, como agora aconteceu no distrito de Évora, e ameaça semear a violência por todo o Alentejo e Ribatejo.

É o Governo demitido e o ministro dos latifúndios, Álvaro Barreto, e não os trabalhadores das UCP's — que Almeida Santos e Eduardo Pereira pretendem responsabilizar, segundo afirmou Barreto —, quem está levando a desordem e a perturbação aos campos do Alentejo.

Os trábaldhadores da Reforma Agrária querem fazer num clima de tranquilidade as sementeiras de Outono, querem fazer produzir as terras das UCP's, querem melhorar as culturas, trabalhar em paz.

Mas o Governo demitido ameaça-os com novas violências, abusa dos seus poderes e ao mesmo tempo fecha os olhos ao criminoso abandono de cerca de 300 000 hectares das terras roubadas às UCP's, entregues como reservas aos grandes agrários, muitas delas consideradas ilegais por acórdãos já transitados em julgado do STA.

Desresponsabilizem-se da grave situação económica e social que criaram ao País nos últimos 9 anos durante o período constitucional é outra das questões com que o PS, o PSD e o CDS procuram encher de poeira os olhos dos portugueses.

Cavaco Silva ataca o PS e o Governo actual onde o PSD detém numerosas pastas, vitupera a política dos últimos dois anos, como se o PSD não fosse um dos comparsas do Governo, e a dos anos anteriores, como se o PSD e ele próprio não tivessem na política de desastre uma responsabilidade fundamental.

No debate televisivo de anteontem entre Almeida Santos, Lucas Pires e Álvaro Cunhal vimos a desfaçatez com que os dois primeiros tentaram responsabilizar pelos males que eles próprios produziram... o PCP (!) pelo que fez em 1974 e 1975!

Álvaro Cunhal deu-lhes a merecida resposta. Falsificaram grosseiramente os números. Almeida Santos teve mesmo o descaramento de negar o agravamento da situação dos trabalhadores nos últimos dois anos.

No momento em que o Banco de Portugal, mesmo com a reconhecida falta de confiança que merecem, torna públicos alguns dados sobre a situação económica, financeira e social em 1984 — tão alarmantes que até surpreenderam o próprio Soares que como se sabe anda sempre fora dessa coisa chata dos *dossiers*... —, tentar impingir, como fez Almeida Santos, uma situação cor-de-rosa que os trabalhadores e as outras camadas populares mais vastas sabem ser redondamente falsa, que lhes morde na carne no dia-a-dia da sua existência actual, é o cúmulo da mistificação e da hipocrisia.

Queda dos salários reais de 9% (23% em 2 anos), baixa de 3,8% na média do emprego, inflação oficial de 29,3%, acréscimo oficial de 21,2% nos preços (números que se sabe pecarem por defeito), queda de 20% no investimento (que outros números mais verdadeiros apontam para 26%) são elementos demonstrativos do agravamento da situação social dos trabalhadores que, contudo, se agravou ainda mais no 1.º semestre de 1985.

E de novo vêm as promessas, as reedições das 100 medidas (aliás controversas) para os 100 dias, as garan-

tias de benesses que a prática tem rotundamente desmentido.

A mentira e a demagogia mais descabeladas são uma vez mais as «credenciais» dos partidos da recuperação capitalista para as eleições de 6 de Outubro.

Outra questão de decisiva importância para a opção de voto dos portugueses é saber o que nas eleições de 6 de Outubro está verdadeiramente em jogo.

O PS e o PSD, em zanga pública de comadres para eleitor ver, mas negociando de facto novas alianças antidemocráticas, procuram fazer crer que o que está em jogo são dois projectos: o do PS e o do PSD numa chamada alternância bipolarizada que Sá Carneiro teorizou e o PS perfiha.

Trata-se de vestir com diferente roupagem demagógica um mesmo projecto contra-revolucionário que tem norteado a acção de ambos, em aliança directa ou tácita com o CDS, ao longo dos últimos 9 anos e principalmente desde Junho de 83.

O seu «projecto» — único, de facto — é o chamado «Acordo político parlamentar e de governo entre o PS e o PSD» negociado em 4 de Junho de 83 e renegociado em 11 de Dezembro de 84, é o «projecto» que o PCP justamente tem denunciado como plano contra-revolucionário calendarizado para liquidar em seis meses as transformações democráticas do 25 de Abril.

Os dois partidos não somente não renunciaram a este projecto como se reivindicam mutuamente de lhe terem dado, numa grande medida, realização prática.

A variante «liberal» do CDS é apenas uma versão mais radical do verdadeiro projecto da direita restauracionista que vincula a aliança de facto entre os três partidos.

Entretanto o que está realmente em jogo é a supressão definitiva no plano contra-revolucionário da direita restauracionista ou a continuação do regime democrático e do 25 de Abril; o que se coloca verdadeiramente à opção de voto dos cidadãos em 6 de Outubro é a continuação e agravamento da política de desastre praticada nos últimos nove anos, em particular nos últimos dois — que arrastaria em definitivo Portugal para a bancarrota — ou uma alternativa política e uma política alternativa que nos arranque da crise e imponha um novo rumo na solução dos problemas fundamentais do País.

Esta alternativa à política e aos projectos da direita exige um largo entendimento das forças sociais e políticas que no momento actual dispõem do apoio maioritário do povo português. Transformar este apoio em votos é uma exigência democrática na hora actual.

Nestas forças se enquadram os trabalhadores, como força decisiva de uma nova política, e o seu Partido de classe, cujo Programa vai ao encontro das aspirações fundamentais do povo e aponta e propõe soluções concretas que a situação nacional reclama — o PCP.

Resumo

28
Quarta



Comissão Nacional de Eleições envia participação à PJ

Em conferência de imprensa, Dias Lourenço, director do Avante, afirma que a Festa do nosso jornal «vai ser um grande convívio democrático de massas, uma grande iniciativa de carácter artístico, cultural e político» ■ Lucas Pires acusa «de corrupção eleitoral» alguns «ministros candidatos a deputados» ■ Continuam a registar-se diversos incêndios na região centro em cerca de 14 concelhos ■ Em conferência de imprensa realizada em Lisboa dirigentes sindicais do Ribatejo e Alentejo exigem a revogação de um decreto-lei que em seu entender viola a autonomia sindical ao colocar à frente do Instituto de Emprego e Formação Profissional representantes do patronato e da UGT ■ O exército e a polícia racista da África do Sul cercam bairros e cidades inteiras para impedir que negros, mestiços e brancos se juntassem na marcha que exigia a libertação de Nelson Mandela ■ O dirigente do Partido Comunista da Colômbia, Jaime Caicedo, é alvejado a tiro por desconhecidos ■ O exército israelita ataca aldeias shiitas no sul do Líbano ■ Pelos menos 17 pessoas são assassinadas pela polícia racista da África do Sul quando tentavam participar na marcha pela libertação de Nelson Mandela

29
Quinta-feira



Bombeiros criticam o Serviço Nacional de Protecção Civil

A APU anuncia em conferência de imprensa que um dos seus principais objectivos é a passagem a primeira força eleitoral do distrito de Lisboa ■ Álvaro Cunhal afirma à saída de uma audiência com o Presidente da República que a manutenção do actual governo em funções compromete a democraticidade do próximo acto eleitoral ■ A CGTP acusa o governo de estar empenhado «numa manobra claramente eleitoralista» ao falsear a taxa de inflação ■ Enquanto grande parte da riqueza florestal do norte do país continua a arder, responsáveis pelas corporações de bombeiros de Viseu e Braga criticam a actuação do Serviço Nacional de Protecção Civil, organismo que é dependente do governo ■ Trabalhadores da Renault bloqueiam os Campos Elíseos em Paris com dezenas de automóveis fabricados no estrangeiro como forma de protesto contra a política de desmantelamento da empresa determinada pelo governo francês ■ Começa na Alemanha Federal o julgamento de dois ex-ministros acusados de corrupção no «caso Flick» ■ O presidente da organização pacifista «Green-

peace» anuncia em Paris que o seu movimento vai apresentar queixa contra o governo francês no Tribunal Internacional de Haia pelo afundamento do navio «Rainbow Warrior» ■ O presidente do Peru, Alan Garcia, confirma que o governo irá rescindir contratos com empresas petrolíferas dos Estados Unidos.

30
Sexta-feira



A. Cunhal em Aveiro

Membros da Comissão de Trabalhadores da RTP avistam-se com o general Ramalho Eanes e afirmam que o Presidente da República se mostrou preocupado com a situação ■ A Direcção da Organização Regional de Santarém do PCP protesta em comunicado contra a destruição que o governo demitido planeia levar nas terras da Reforma Agrária daquele distrito ■ Em entrevista publicada no jornal «Tal e Qual», o dirigente do PRD, Hermínio Martinho, exclui qualquer possibilidade de votar em Mário Soares nas próximas eleições presidenciais ■ O ministro de Estado, Almeida Santos, afirma em Lagos, no Algarve, que se o PS for governo marcará as eleições autárquicas para data posterior às presidenciais ■ Apesar de extintos alguns dos incêndios que devastaram milhares de hectares de floresta, a situação continua dramática pois os bombeiros defrontam-se com falta de meios eficazes para o combate aos sinistros ■ A direita francesa e as organizações sindicais controladas pelo partido socialista reagem violentamente às acções desencadeadas pelos trabalhadores da empresa Renault no sentido de defenderem os seus postos de trabalho

31
Sábado

O dirigente do PCP, Carlos Costa, afirma no Porto que por força legal o actual governo de gestão está obrigado a marcar as eleições autárquicas para Dezembro deste ano ■ O Movimento Unitário dos Reformados, Pensionistas e Idosos acusa o governo PS/PSD de «insensibilidade» perante o «grave crescimento permanente das dívidas das entidades patronais à segurança social» ■ O dirigente do PCP, Octávio Pato, afirma num comício na Brandoa que «o PRD não é um partido de esquerda, já que o espaço que ele irá ocupar será aquele que foi deixado pela deslocação do PS e do PSD para a direita» ■ Dezenas de milhares de negros da África do Sul juntam-se num *ghetto* de Joanesburgo, para assistirem ao funeral de 29 vítimas da repressão policial ■ O Comité Holandês Contra os Mísseis de Cruzeiro inicia uma importante operação de consulta nacional sobre a instalação de mísseis na Holanda ■ Quarenta e três pessoas morrem no descarrilamento de um comboio no centro da França

1
Domingo

Com um comício-festa em Buarcos e um encontro com agricultores do Baixo Mondego, o camarada Álvaro Cunhal termina uma visita de três dias aos distritos de Aveiro e Coimbra ■ No terceiro Encontro das Vindimas, na Régua, é aprovada uma carta reivindicativa dos trabalhadores

agrícolas do Douro onde, nomeadamente, se exige um pagamento da jorna não inferior a mil escudos ■ O dirigente do PCP, Carlos Costa, afirma em Campo (Valongo) que uma viragem democrática na política e no governo depende antes de tudo do reforço na votação na APU ■ O chefe de Estado da República Democrática Alemã manifesta-se optimista quanto às relações entre os dois estados alemães no decorrer de uma visita efectuada à Feira de Leipzig

2
Segunda-feira

Continuam a registar-se violentos incêndios no centro do país em pelo menos nove concelhos que provocam entre outras graves consequências, a ameaça a residências, o condicionamento de estradas, culturas queimadas e milhares de hectares de floresta completamente dizimados ■ Os trabalhadores da Reforma Agrária responsabilizam mais uma vez o governo e em particular o Ministério da Agricultura pelas consequências das lutas que são obrigados a travar face à nova vaga de entrega de reservas ■ Ardem três barracas, no Bairro da Pedreira dos Húngaros, entre Algés e Linda-a-Velha, nos arredores de Lisboa, deixando outras tantas famílias sem abrigo ■ Prossegue na África do Sul a greve dos mineiros do ouro e do carvão registando-se diversas intervenções policiais que causam numerosos feridos ■ Mais de cinco milhões de cartas começam a ser distribuídas pelo correio por toda a Holanda, como parte de uma petição ao governo para a não instalação dos mísseis nucleares norte-americanos Cruise na Holanda ■ É defendida pelo ministro angolano das Relações Exteriores, na abertura do encontro de embaixadores e peritos dos Países Não Alinhados, a urgente reforma do sistema monetário e financeiro internacional ■ O vice-ministro das Relações Exteriores da República Popular de Angola anuncia em conferência de imprensa, em Luanda, que foram capturados mais seis elementos da Unita armados pela África do Sul

3
Terça-feira

Vários funcionários do Ministério da Agricultura recusam-se a concretizar a entrega de uma reserva em S. Sebastião da Giesteira, em Évora, após se terem confrontado com a ilegalidade de todo o processo ■ O Conselho de Ministros decide manter o actual Conselho de Gerência da RTP confirmando-se assim a identidade de pontos de vista quanto à prática de informação daquela empresa pública ■ Doze famílias têm de ser realojadas após o rebentamento de uma importante conduta de água da EPAL na Quinta das Flores no concelho de Loures ■ Jornalistas visitam o Comando-Geral da Guarda Fiscal e constataam que o nome do principal réu no «caso DOPA» não consta do recém-criado Núcleo de Informática provando-se assim que o arguido poderá ter escapado do País legalmente ■ O presidente do Conselho de Comunicação Social afirma que reconhece na «pessoa política e no cargo do Presidente da República uma autoridade moral acrescida» para influir na transparência da comunicação social ■ O director de informação da RTP, Fernando Balsinha, afirma que é legítimo duvidar dos critérios informativos da Televisão, mas considera que é abusivo considerá-los manipuladores ■ O primeiro-ministro do Canadá anuncia que o seu governo não adoptará mais sanções económicas contra a África do Sul, «porque tal atitude causaria mais mal que bem»

O PCP, integrado na Aliança Povo Unido, representa a garantia mais válida da viabilização de um novo rumo para a política nacional.

A fórmula de governo democrático de salvação nacional corresponde à natureza política e ao conteúdo social de uma alternativa democrática.

A direita restauracionista, incluindo o PS, tenta instilar na opinião pública a ideia de que o PCP não poderá ser chamado a governos nos anos mais próximos, que o PCP está isolado, «fora do processo».

De facto, está fora do processo deles e em aberta e frontal oposição ao seu plano contra-revolucionário, mas os comunistas são uma força profundamente vinculada nas massas populares, têm hoje o apoio ou a compreensão de sectores sociais do nosso povo visivelmente maioritários na sociedade portuguesa.

A fórmula do governo democrático de salvação nacional não é uma questão de título mas uma proposta de conteúdo político e social definidos.

Não lhe chamemos «Governo Democrático de Salvação Nacional» (com maiúsculas) mas apenas e simplesmente «governo democrático de salvação nacional» (com minúsculas).

Álvaro Cunhal no debate televisivo de anteontem, vincou o seu carácter democrático, definiu nas linhas gerais o seu projecto de salvação nacional.

É um projecto que parte de uma situação de esmagamento brutal dos interesses não só da classe operária mas também dos pequenos e médios agricultores, comerciantes e industriais, de indignificação e exploração das mulheres e dos jovens, dos intelectuais, da penosa situação dos reformados e pensionistas e dos deficientes, situações que têm sido o produto da política anti-social dos partidos da direita no Governo, com ou sem o PS.

A superação da crise actual operar-se-á objectivamente, quaisquer que sejam os resultados eleitorais, não no colete de forças do FMI e da CEE, mas no desenvolvimento da economia nacional, no aproveitamento dos recursos nacionais e das energias criadoras do nosso povo, na defesa intransigente da independência nacional, na salvaguarda da paz para os portugueses.

Se a política proposta pelo PCP não for adoptada no fundamental, Portugal estará condenado à continuação da política de ruína, de miséria, de fome, de submissão ao imperialismo que são a substância do projecto da direita restauracionista com o PS, pintado de cores diferentes pelos três partidos, aliados no fundamental, — seria a bancarrota a curto prazo.

O PCP ao defender uma opção de voto dos cidadãos na APU e no PCP afirma-se como força dorsal e indispensável a uma nova política, a uma alternativa democrática, propõe um novo rumo para Portugal no caminho de Abril que é, no momento actual, a grande e decisiva opção que se coloca ao povo português.

Esta alternativa política e a necessária política alternativa estão ao alcance das massas populares. O voto em massa na APU e no PCP em 6 de Outubro é um passo essencial na viabilização de uma saída verdadeira democrática para a crise actual.

Avante!
Proletários de todos os países UNI-VOS!

O jornal dos trabalhadores da democracia e do socialismo

PROPRIEDADE: Partido Comunista Português, Rua Soeiro Pereira Gomes - 1699 - Lisboa CODEX. Tel. 76 83 45

DIRECÇÃO E REDACÇÃO: Rua Soeiro Pereira Gomes - 1699 Lisboa CODEX Tel. 76 97 25/76 97 22

ADMINISTRAÇÃO: Av. Santos Dumont, 57-3.º - 1000 Lisboa

DISTRIBUIÇÃO: CDL Central Distribuidora Livreira, SARL, Serviços Centrais: Av. Santos Dumont, 57 - 2.º - 1000 Lisboa Tel. 77 98 28/77 98 25/76 97 51

Casa da Venda em Lisboa: Rua do Século, 80 - 1200 Lisboa Tel. 37 22 38

Centro Distribuidor de Évora: Alarcova de Baixo, 13 - 7000 Évora Tel. 26361

Centro Distribuidor de Faro: Rua 1.º de Dezembro, 23 - 8000 Faro Tel. 24417

Delegação do Norte Centro Distribuidor do Porto: R. Miguel Bombarda, 578 - 4000 Porto Tel. 69 39 08/69 96 15

Centro Distribuidor de Coimbra: Terreiro da Erva, 6 - 3000 Coimbra Tel. 28394

ASSINATURAS: Av. Santos Dumont, 57-4.º Esq.º - 1000 Lisboa. Tel. 76 64 02

EXPEDIÇÃO: R. João de Deus, 24 - Venda Nova 2700 Amadora. Tel. 90 00 44

PUBLICIDADE CENTRAL: Alameda St.º António dos Capuchos, 6-B - 1100 Lisboa. Tel. 77 69 36/77 67 50 Porto - Rua do Almada, 18-2.º Esq.º - 4000 Porto. Tel. 38 10 67

Composto e Impresso na Heeka Portuguesa - R. Elias Garcia, 27 Venda Nova - 2700 Amadora

Depósito legal n.º 205/85

Tiragem média do mês de Julho: 37 650

Semana

Avante!

Ano 53 — Série VII

N.º 610

5 de Setembro de 1985

2.º Caderno

Não pode ser vendido
separadamente

Álvaro Cunhal nos distritos de Aveiro e Coimbra

A verdade à prova em prova de verdade

Quando Álvaro Cunhal, no Teatro Aveirense, afirmou para a multidão entusiasmada que «o PCP não é um Partido que teme a verdade, é um Partido a quem a verdade serve», sintetizou na perfeição o que iria ser a sua digressão de fim-de-semana pelos distritos de Aveiro e Coimbra, ali iniciada na noite da passada sexta-feira. A deslocação do secretário-geral do PCP aos referidos distritos transformar-se-ia num debate vivo e permanente com as populações, produzindo admiráveis situações de pedagogia política, de diálogo

apaixonado, de informação rigorosa e ao mesmo tempo directa e simples. Houve quase de tudo, desde perguntas sobre se «final os comunistas não dão um tiro atrás da orelha dos velhos» até às queixas apresentadas pessoalmente ao secretário-geral do PCP sobre pensões de miséria, o custo de vida, o desemprego, os subsídios de gasóleo, como se este pudesse ser instância apelatória ali e de imediato sobre tais dificuldades. O que, entretanto, ocorreu, merece ser contado com algum pormenor.

Quando a nossa reportagem chegou a Aveiro à hora marcada para o comício de sexta-feira à noite (21.30), já o Teatro Aveirense se encontrava cheio. Camaradas da Organização local do PCP manifestaram-nos a sua satisfação e alguma surpresa: não esperavam que em pleno Agosto, numa noite que começa-

va um fim-de-semana, tanta gente se deslocasse a um comício eleitoral a ponto de encher os cerca de mil lugares do excelente Teatro Aveirense. Mas não era só isso: segundo esses camaradas, viam-se entre a assistência diversos militantes e sim-



Programa Eleitoral do PCP

Eleições
para
a Assembleia
da República



Álvaro Cunhal nos distritos

Vamos aonde?

Se o 25 de Abril de 1974 apanhou alguma gente «desprevenida», do lado de lá da barreira, onde ruíam as insensatas esperanças de continuidade de um regime cujo mérito foi apenas aguentar-se, podre, nas canetas solicitando amparo e recebendo-o dos seus então «special friends» dos Estados Unidos, da Alemanha Federal e restantes amigos da Europa com eles — não esquecendo a mãozinha da África do Sul —, outra gente, também desse mesmo lado da barreira, aviava a malas para dar o salto. Que o barco do regime dava há pouco tempo sinais de naufrágio próximo e os ratos são bichos avessos ao mergulho.

Houve generais que, temendo pelo seu próprio futuro, trocaram rapidamente a espada — temperada nos tempos do nazi-fascismo e afiada nas guerras coloniais — pela caneta ou tão só pela intriga e escreveram e murmuraram sobre Portugal e o futuro, tão negro este lhe parecia. Políticos houve que, tendo crescido à sombra e à mesa do Estado Novo, lhes deu para dissidentes e, no próprio antro da Assembleia Nacional, levantaram as vozes — com o devido respeito e licença superior — contra o rumo que as coisas tomavam.

Alguns exilados, apertando ao espelho a gravata de seda, decidiram-se a escrever cartas ao regime, solicitando um lugar no que lhes pareceu uma «evolução na continuidade» e, quando receberam com a tampa, perceberam então que uma oposição mais viva e «socialista» lhe cuidaria melhor da imagem. Escreveram alguns textos, reuniram-se na RFA, prepararam-se para marcar bilhete para Santa Apolónia. Houve gente, portanto, atempadamente avisada, arrebitando as orelhas e aguçando os olhos. A roda da História, empurrada com determinação e sacrifícios, com empenhamento e vontade pelos antifascistas, ia dar em breve uma volta decisiva. Não queriam tais senhores ficar-lhe debaixo, atropelados.

Outros porém, parentes e relativos dos que já mencionámos, «brancos e matutos» que eram, continuavam a gozar as delícias últimas do fascismo. Nas secretarias de Estado, no morno das famílias que atapetavam as suas moradias à custa da exploração bem guardada por pides e legionários, polícias de choque e outras corporações repressivas, os «distraídos» não se davam conta de que o mundo, também em Portugal, estava à beira de mudar. Nas colónias, protegidos nos seus escritórios e fazendas pelas vidas dos jovens que o fascismo enviava para reprimir a luta libertadora dos povos, outros «distraídos» iriam ser apanhados pelo 25 de Abril com a boca na botija de onde corria — embora envenenado pelo sangue de massacres — o lucro fácil da exploração.

Se uns — os avisados —, se haviam preparado para agarrar o comboio da revolução em andamento, os outros — «distraídos» — não quiseram deixar-se para trás. Os partidos portugueses que desde há quase dez anos têm governado o país incharam com uns e com outros. Se o CDS, surgindo mais tarde, reuniu a maior parte dos que até ao fim não acreditavam, o PSD apareceu quase logo, com a «social-democracia» na bandeira, o populismo de quantos tinham já apostado na mudança que tudo iria deixar na mesma. Quanto ao PS, iria empolar com a sua demagogia e o seu anticomunismo disfarçado a princípio, guerreiro depois quando reparou que, em vez do golpe militar esperado, de uma revolução se tratava.

Em todos esses partidos, os mais distraídos vieram sucessivamente pousar. Até no PS, onde, por exemplo, Almeida Santos vicejou e acabou por ser «indigitado» (!) por um Soares cuja carreira política se distinguiu nos últimos anos por haver conseguido armar-se em líder efectivo da direita.

Em 22 de Março de 1974 — conforme o camarada Carlos Costa recentemente revelou — Almeida Santos escrevia a um ministro do fascismo e hoje seu colega de ministério, Veiga Simão, «queixando-se» dos capitães que, em 16 de Março, faziam a sua primeira arrancada contra o regime. «Espero», escrevia Almeida Santos, «que tudo tenha regressado à normalidade. A violência não serve a ninguém. Hoje, um cliente meu, matuto e bronco, referiu-se ao incidente do levantamento das Caldas da Rainha. E esta? Pelo que se vê, já não são só os teus estudantes que não querem trabalhar. A tropa também não». E mais adiante regozijava-se pela «explosão dos preços das matérias primas»...

Pois. Os militares não queriam nãis fazer o trabalho aos Almeidas, por mais Santos que fossem. O «indigitado» de hoje, que ontem correu a enfiar-se no PS, apela agora ao povo que o derrubou. E, à laia soarista do «conseguimos», proclama: «Vamos a isto!»

Está, é claro, a chamar ao regresso aos «bons velhos tempos» a que foi tão estremunhadamente arrancado.

patizantes de outros partidos, que seguiram atentamente a intervenção do secretário-geral do PCP e, em alguns casos, até contribuíram monetariamente para a campanha da APU, na colecta entretanto feita!

Álvaro Cunhal chegou atrasado cerca de uma hora, devido ao descarrilamento de um comboio que «baralhou» todos os horários, mas nem por isso a assistência debandou, até porque (como pudemos verificar) foi aparecendo sempre mais gente, mesmo durante o comício. Este, entretanto, começou após a apresentação dos candidatos da APU pelo distrito de Aveiro, cuja lista é mais uma vez encabeça-

da pela camarada Zita Seabra, membro suplente da Comissão Política do PCP, e composta por representantes do MDP/CDE, de «Os Verdes» e vários independentes.

Álvaro Cunhal falou de improviso — ali e em todos os locais onde usou da palavra — assentando o seu discurso numa questão central: a necessidade de se compreender de que «não deve haver nenhuma ilusão pois, nas condições actuais, qualquer destes três partidos — PS, PSD, CDS — são partidos para continuarem a política dos últimos governos», pelo que a luta se deve orientar no

sentido de que nenhum deles volte a ser governo.

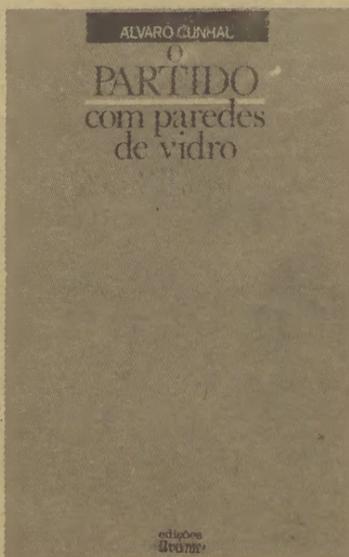
«Em 1983 — especificou o secretário-geral do PCP — surgiu uma oportunidade real para a política portuguesa ter uma nova orientação. O povo, através do voto, confirmara a derrota da «AD» — o que não foi só confirmar a derrota de tal ou tal homem, de tal ou tal ministro ou de tal ou tal partido, foi o confirmar da derrota de uma política que tinha como orientação (como tem tido a política deste Governo PS/PSD) restaurar o poder daqueles mesmos grandes capitalistas, monopolistas e grandes agrários que nos domina-

ram durante 48 anos de fascismo.».

E continuou:

«A AD perdeu mais de 30 000 votos no distrito de Aveiro nas eleições de 1983, comparadas com as de 1980. O povo do distrito compreendeu bem a responsabilidade do PSD e do CDS na política que vinha de trás, que o atingia nos seus interesses fundamentais. Mas para onde foram esses 30 000 votos? Para o PS. Essas pessoas acreditaram que o PS poderia seguir, com Mário Soares, uma política diferente da que estava a ser seguida pelo PSD e pelo CDS. E o que sucedeu? Suce-

Trabalhamos lutamos vivemos com transparência



Um
lançamento
na
Festa
do Avante!

272 págs.
300\$00

De dentro para nós, comunistas, de fora para quem nos observa, propomo-nos dizer com verdade como somos, como pensamos, como actuamos, como lutamos, como vivemos, nós, os comunistas portugueses. Tudo será dito, tornando transparentes as paredes do nosso Partido, de forma a que quem está de fora possa observar o Partido como que através de paredes de vidro.

A verdadeira imagem do PCP

edições
Avante!

de Aveiro e Coimbra

deu que Mário Soares preferiu alliar-se ao PSD para prosseguir a política da AD, negando-se mesmo a considerar um encontro que nós propusemos logo após as eleições para se examinar, sem quaisquer condições prévias, a situação.»

É óbvio que votar no PS, no PSD ou no CDS é votar na continuação do desastre. É óbvio que o caminho certo e seguro na defesa dos interesses do Povo e do País está no voto na APU — concluiria Álvaro Cunhal.

A bandeira na proa

A caravana da APU — pois que já de uma caravana se trata-



Lourosa — Crianças, houve sempre muitas... e adolescentes ainda mais

va, com carros engrossando progressivamente a coluna que acompanhava o secretário-geral do PCP — começou cedo a jornada de sábado. Às 10.30 já estava na zona piscatória da praia do Furadouro, no concelho de Ovar, surpreendendo os pescadores em plena faina. Só que a surpresa não durou muito, pelo menos pela parte dos pescadores, pois não estiveram com mais aquelas: pegando em três bandeiras da Aliança Povo Unido, ataram-nas à proa dos três barcos que se aprestavam para se fazer ao mar e pouco depois lá foram eles, 40 em cada embarcação, de rumo alegremente apontado pela APU. Para trás fi-

cou uma conversa buliçosa com o secretário-geral do PCP, mas nem por isso menos disciplinada. Uma só ilustração, e suficiente: nas longas filas que aguentavam as cordas de arrasto no areal, todos quiseram e puderam cumprimentar Álvaro Cunhal, só que um de cada vez, substituindo-se uns aos outros no lugar de violenta «força a pulso» para dar tempo à pacata cordialidade de um aperto de mão ao «sr. dr. Álvaro Cunhal, que é muito mais novo que na televisão». «Bem haja por ter vindo aqui», disseram outros, «porque estamos no cabo do mundo onde ninguém quer saber da gente».

Quem queria saber muita coisa eram os «Pioneiros de Portu-

diálogo que envolveu Álvaro Cunhal até à própria mesa onde, de pé, toda a gente atacou as tais sandes «saudáveis», mais o caldo verde e a fruta.

Na minha missa não calça mais!

E ainda estamos no Furadouro, mas já na avenida central da povoação, interdita ao trânsito e povoada de esplanadas. Foi numa delas que o secretário-geral do PCP tomou a bica, no quarto de hora que faltava para o início da sessão ao ar livre, num palco montado ao fundo. A curiosidade envolveu o local até que uma mulher, visivelmente regressada da praia, penetrou de rompante a pequena multidão que se amontoara, dirigiu-se ao secretário-geral do PCP e disse, bem alto: «Ter vergonha de o ir cumprimentar? Vergonha é fazer outras coisas! Dr. Álvaro Cunhal: já o vi algumas vezes na televisão, mas ainda não tive oportunidade de o cumprimentar pessoalmente. Muito prazer e felicidades!». Posto isto (e após cumprimentar igualmente Zita Seabra dizendo-lhe «minha senhora, tenho também prazer em conhecê-la»), afastou-se repetindo: «Vergonha é fazer outras coisas!».

Foi como o romper do dique. A partir daí diversas pessoas se aproximaram para, de forma exuberante, discreta ou mesmo formal, cumprimentar o secretário-geral do PCP. À volta fervilhavam conversas e entusiasmos, de que respigamos esta, que presenciámos: duas mulheres e um homem discutiam a hipótese de ir perguntar a Álvaro Cunhal se ele se disporia a travar o custo de vida, caso ganhasse as eleições. Eram dali e acabaram por decidir «não incomodar», resumindo o homem a questão nos seguintes termos, proferidos bem alto para quem o quisesse ouvir: «Já votel em todos menos nestes da APU. Fui enganado por todos, agora vou votar nestes para ver o que é dá. À minha missa é que o Mário Soares não calça mais!».



Coimbra — Um comício que acabou em bailarico geral



Aveiro — Em todo o lado foi a mesma coisa: multidões

Seguiu-se o comício ao ar livre. Era óbvio que estava por ali muita gente que não queria que Mário Soares «calçasse mais na sua missa». Alguns, no entanto, continuavam a ter medo da APU e do PCP por causa dessas histórias de que os comunistas tiravam as terras e por aí fora. Era o caso de um grupo que comentava à parte: «Se nós soubéssemos que isto é mesmo assim...» tais apreensões seriam respondidas mais tarde pelo próprio secretário-geral do PCP, quando lhas puseram directamente no distrito de Coimbra.

Ninguém me deu um tiro

O resto de sábado foi aproveitado ao minuto e permitiu visitas à «Feira dos Dez», em Lourosa, e à Freguesia de Fiães (de maioria APU), tudo no concelho da Feira, e ainda a presença do secretário-geral do PCP na sessão de apresentação de candidatos pelo distrito de Coimbra, realizada à noite no largo da Se Velha, no coração histórico da cidade.

Na «Feira dos Dez» havia música e um verdadeiro arraial à espera do visitante. Quadras de encantadora ingenuidade festejavam o acontecimento pela boca de grupos populares da zona, e mais uma vez a intervenção do secretário-geral do PCP, que falou após as alocações do presidente APU da Junta de Freguesia de Fiães, camarada Bernardino, e de Zita Seabra, se cen-

trou nos problemas mais sentidos pelas populações da zona, nomeadamente as graves dificuldades com que se defrontam pequenos agricultores, produtores de leite, operários com salários em atraso, desempregados, etc. A minúcia com que Álvaro Cunhal abordou questões concretas e demonstrou a necessidade do voto na APU, considerando-o o voto certo e seguro face à comprovada prática ruíndosa da política até aqui seguida pelo PS e restantes partidos de direita, teve eco na multidão. Mesmo nos que, não batendo palmas e mantendo circunspeção (e eram bastantes) ali estavam sob a pressão das gravosas condições de vida impostas pelo Governo de Mário Soares. O que — disseram-nos — era novidade na zona.

«Tanta gente — como nunca por aqui vimos — nas realizações da APU, só é possível com a presença de pessoas que antes nem queriam ouvir falar de nós», remataram.

Em Fiães visitaram-se alguns dos muitos melhoramentos que a Junta APU introduziu na Freguesia, colmatando com engenho e a mobilização das populações o que sempre faltou quanto a apoios da Câmara Municipal da Feira. Foi aí que ocorreu um episódio interessante.

A caravana parara mais uma vez para apreciar uma rua que teve de esperar pela Junta APU para que fosse ela a resolver, em dias, o arranjo que era pedido há décadas pela população, quando uma mulher que espreitava à porta, com cu-

riosidade, os visitantes, afirmou: «Para a Freguesia voto APU, que tem feito um bom trabalho, mas para o Governo já não voto porque dizem que os comunistas matam os velhos». Não se tratava de ironia, era mesmo convencimento. Álvaro Cunhal foi informado da conversa (a senhora falara demasiado afastada para que ele a pudesse ouvir) e logo se aproximou dela. Perguntou-lhe a idade (afinal era mais nova do que parecia), chamou-lhe a atenção para os seus cabelos brancos e a sua própria idade e rematou: «Como vê, podia ser seu pai, sou comunista e ainda ninguém me deu um tiro atrás da orelha». Quanto ao resto, pôs-lhe uma questão simples: se os comunistas faziam ali, à sua própria porta, um bom trabalho, por que não o haviam de fazer se estivessem no Governo do País?

Não sabemos se a senhora irá votar na APU «para o Governo», mas lá que deixou de ficar preocupada com o tiro atrás da orelha, isso foi óbvio na esfuziante despedida que fez ao secretário-geral do PCP...

«Já repararam que não há?!...»

A visita ao distrito de Coimbra iniciou-se ainda na noite de sábado, numa sessão de apresentação dos candidatos da APU realizada no Largo da Sé Velha — local tradicional das noites de grande gala do fado de Coimbra.



Carritos — Um discurso que nunca o foi, pois era um diálogo constante



Ameal — Aqui houve quem largasse a apanha das batatas

PCP

Álvaro Cunhal nos distritos de Aveiro e Coimbra

O largo estava repleto e mais uma vez nos disseram que foram ultrapassadas todas as expectativas. Recordaram-nos, mesmo, que à última vez que Mário Soares ali estivera em campanha passada, fora um fiasco. O que de certeza não constituía fiasco era aquela sessão que culminaria em grande arraial popular, com um rancho folclórico a transbordar do palco para o largo a alegria da dança e o calor da festa. Antes tinham sido apresentados (e largamente ovacionados) os candidatos da APU pelo distrito, falara o cabeça de lista pelo distrito, camarada Jaime Serra, membro da Comissão Política do PCP e entrevistara, de improviso, o secretário-geral do PCP.

Mais uma vez o discurso de Álvaro Cunhal se centrou na necessidade de impedir, pelo voto, o regresso ao Poder do PS, PSD e CDS para prosseguirem a política ruinosa dos últimos anos. E perguntava o orador:

«Quem poderá estar interessado na política dos últimos anos? É difícil compreender

rio Soares desapareceu como primeiro-ministro e agora até falta às reuniões do Conselho de Ministros porque tem indigestões de lagosta, ou de marisco, no Algarve!».

«Já não há passado — concluiria — já não há Governo PS/PSD, já não há primeiro-ministro Mário Soares responsável por esta coligação e por esta política — agora é apenas "candidato" à Presidência!» e referiu os cartazes comerciais e ilegais do «Consegulmos!» que não ousam reivindicar uma política de governo, porque é uma política de desastre, mas a miragem da CEE, que não passa de um desastre a prazo.

Promessas que custam na loja

A jornada de domingo foi igualmente intensa, começando logo pela manhã e percorrendo vários pontos do distrito de Coimbra.

Casais, na Freguesia de S. Martinho do Bispo, foi a primei-



Azila — Também se passou a pé — e sempre conversando



Buarcos — Um comício que fechou a visita com chave de ouro

que haja um trabalhador no desemprego, um jovem à procura do primeiro emprego, um só dos 180 000 trabalhadores com salários em atraso — isto para não falar nos reformados com pensões miseráveis, nos trabalhadores dos transportes, da indústria, da agricultura, etc. — que possam votar de novo nos partidos que conduziram o País à ruína e agravaram de maneira tão brutal as condições de vida do nosso povo.»

E ainda: «Já repararam que não há responsáveis pela política destes últimos dois anos? O PSD responsável? Não é, o Cavaco Silva até diz que a política deste Governo foi muito má! Ataca o Governo, desresponsabiliza-se! E o primeiro-ministro? Há primeiro-ministro responsável pela política destes últimos dois anos?! Não!!! Má-

ra paragem. Muita gente no largo, grande entusiasmo e evidente curiosidade de alguns. Uma senhora a nossa lado recordava que Mário Soares passara por ali na última campanha eleitoral rebocado por bateladores da polícia. «Se calhar tem medo que a gente lhe faça mal, quando ele é que nos fez mal a nós!» Outra senhora (às mulheres, tanto quanto pudemos observar, são, em geral, mais decididas nestas coisas de agarrar num microfone para dizer de sua justiça) aceitou o microfone que o próprio Álvaro Cunhal sempre ofereceu a quem quisesse falar com ele, para gritar a sua indignação pela situação em que se encontrava, rematando, já para a multidão e quando o secretário-geral do PCP se preparava para comentar a sua intervenção que «não sou comunista, não sou do PCP, nunca votei na APU, mas sel o que as promessas do



Fiães — Tratou-se sempre as questões por tu

Mário Soares me custam na loja!».

Seguiu-se Vila Pouca e Amaal, esta última sede da Freguesia. Foi nesta que mulheres se aproximaram do secretário-geral do PCP para manifestarem a sua desconfiança nos comunistas. «O mal é nós não sabermos onde está a verdade. E se vocês vão para o Governo e fazem o mesmo?», perguntavam elas, desculpando-se ao mesmo tempo de «virem assim», mas «estávamos a arrancar batatas quando aqui chegámos».

Álvaro Cunhal afirmou de imediato: «Gostava de responder a isto. Dão-me licença?». E deu explicações, ponto por ponto, às apreensões avançadas, sublinhando que «os que aqui estão hoje não são iguais aos que por aqui passam nas eleições a prometer coisas», estabelecendo, com exemplos claros, o que separa homens como os comunistas, que desde sempre deram o seu melhor na luta pela emancipação do nosso povo, que ainda hoje e aqui mesmo ao lado, na Freguesia APU de Azila provam que os comunistas cumprem o que prometem, dos que, após o 25 de Abril, começaram a pulular pelo País com sacos de promessas nunca cumpridas. «Estes homens são iguais aos que vêm depois do 25 de Abril enganar?» perguntava. «Eu creio que há uma certa di-

ferença...» rematou, a sorrir directamente para as interper-

E devia haver, já visível para estas, já que uma delas ironizava para as outras, quando o secretário-geral do PCP se afastava: «Estava cansada de arrancar batatas, agora é de bater palmas!».

Oihar com espírito de classe

«Aqui a APU teve uma grande votação, é certo, mas há muitos trabalhadores que votaram noutros partidos e sofrem, igualmente, as consequências da política do Governo de Mário Soares», afirmou



Ereira — A maior parte dos encontros foi ao ar livre, às vezes na própria estrada



Casais — Onde se sabe o que Mário Soares custa na loja

Álvaro Cunhal mostrou o profundo conhecimento que tinha dos problemas específicos de cada zona que visitou, mantendo diálogos vivos com as populações, respondendo a todo o tipo de perguntas, demonstrando com clareza onde vinham os problemas que tantos lhe foram apresentando (como se ele constituísse instância apelatória na sua resolução) desmontando preconceitos, desmascarando a propaganda de Soares e C.ª e demonstrando que o voto certo é na APU.

Em Figueiró do Campo alçou com agricultores do Baixo Mondego. Foi um encontro notável, a vários títulos, de que destacamos as intervenções de um agricultor, a demonstrar um conhecimento muito claro e completo dos problemas que enfrenta a lavoura e das responsabilidades do Governo de Mário Soares no seu agravamento, e de um ex-membro do PS, actual candidato pela APU como independente, o qual, em linguagem expressiva, explicou como fora enganado pela política de Mário Soares e porque chegara à conclusão de que o seu lugar era na APU. Álvaro Cunhal, entretanto, assentou a sua intervenção num comentário, ponto por ponto, a um abaixo assinado dos agricultores do Baixo Mondego exigindo melhores condições para a lavoura, no que constituiu um autêntico requisição de uma política agrícola do Governo PS/PSD e um claro apontar das medidas que urgem.

«É o nosso Povo, são as forças democráticas...»

A digressão pelo distrito de Coimbra estava quase no fim e terminaria em Buarcos, num grande comício integrado em arraial popular. Antes passou-se ainda por Ereira (Montemor) e Carritos, esta última da Freguesia de Tavadre, concelho da Figueira da Foz. Cabe aqui referir o que até agora ainda não calhou dizer: a constante presença dos jovens em toda a visita de Álvaro Cunhal. E não nos referimos apenas aos que, numerosos, acompanharam sempre a caravana APU, mas aos inúmeros que, em todos os locais de paragem, aguardavam o secretário-geral do PCP. Cabe também referir que tanto em Ereira como em Carritos (onde se visitou o «Grupo Musical Carritense») aguardava o visitante o tipo de recepção que foi constante em

toda a deslocação aos dois distritos: multidões entusiasmadas e prontas ao diálogo.

O comício de Buarcos foi particularmente animado, dado que o enquadramento uma imensa multidão que, literalmente, ocupou o Largo da Varina. Era a apoteose e a festa, e foi num ambiente de enorme entusiasmo que Álvaro Cunhal afirmou:

«É o nosso povo, são as forças democráticas, é o regime democrático que partem para esta campanha eleitoral em posição de quem venceu uma grande batalha política contra o Governo. Mário Soares, o PS, e o PSD partem para esta campanha derrotados, venci-



Pereira do Campo — As mulheres mostraram-se sempre mais desvolvidas no pegar do microfone para dizer de sua justiça



Pioneiros — «Aqui são os balneários, ali as cozinhas...»



Figueiró do Campo — Um encontro a vários títulos notável

dos, demitidos — porque, de facto, estão demitidos. Isto é muito importante para nos dar a ideia da possibilidade que há de se modificar a política portuguesa, de se pôr fim e pôr fim definitivamente a política de direita que se desenvolve de há nove anos para cá e que trouxe resultados desastrosos para o nosso povo e para o nosso país.»

Novo CT da DORS A campanha na Festa

No momento em que se aproxima dos 19 mil contos, a campanha de fundos para o novo Centro de Trabalho da Direcção Regional de Setúbal (DORS) do PCP vai agora «viajar» até ao Alto da Ajuda, com destino à Festa do «Avante!».

A presença da Organização Regional de Setúbal no grande



Comício vibrante no Porto • Apresentação pública dos candidatos pelo círculo

As pessoas que enchiam por completo a sala do Teatro Rivoli acolheram com entusiasmo e confiança os candidatos da APU pelo círculo do Porto, que no passado dia 30 de Agosto ali foram apresentados publicamente. Foi um comício vivo, combativo, um comício que irradiou confiança. Um comício com muitas mulheres, jovens e trabalhadoras.

Fizeram intervenções alguns candidatos do Partido — os camaradas Sérgio Teixeira, que se debruçou sobre a composição da lista, António Mota, que se referiu à actividade parlamentar dos deputados eleitos pelo Porto, Carlos Duarte, que abordou alguns dos principais problemas da juventude. Do partido «Os Verdes» falou Olga Pereira e do MDP/CDE, o dr. Raul de Castro. Fez uma intervenção final o cabeça de lista da APU pelo círculo do Porto, camarada Carlos Costa.

O dirigente comunista referiu-se à política desenvolvida pelo Governo PS/PSD, às suas consequências económicas e sociais, bem como aos seus responsáveis. A mistificação eleitoralista dos chamados candidatos a primeiro-ministro, as soluções e propostas do PCP para salvar o País, o PCP como núcleo essencial de uma alternativa política e o voto na APU como o voto seguro na democracia e no Portugal de Abril foram ainda temas

da intervenção de Carlos Costa.

O camarada lançou um desafio para uma série de debates públicos na Praça Gen. Humberto Delgado, entre os cinco cabeças de lista do PS, PRD, PSD, CDS e APU sobre as questões de política geral e outros debates entre candidatos a designar por estes partidos sobre a situação, os problemas e o desenvolvimento do distrito do Porto.

A propósito de Almeida Santos, 3.º da lista do PS pelo Porto, Carlos Costa leu uma carta que este, em Março de 1974, escreveu a Veiga Simão, na altura ministro da Educação do governo de Marcelo Caetano. Almeida Santos revela-se nessa carta favorável à continuação do regime colonial-fascista, ao mesmo tempo que move influências junto do governante marxista (hoje dirigente do PS) a favor de amigos.

Deveras incomodado com o levantamento de 16 de Março nas Caldas da Rainha, Almeida San-



Carlos Costa no uso da palavra

tos escreve em 74 a Veiga Simão o seguinte desabafo: «Espero que tudo tenha regressado à normalidade»...

Outras iniciativas

O camarada Carlos Costa participou ainda no passado fim-de-

semana em diversas outras iniciativas da APU: em festas populares em Azevedo de Campanhã e Campo (Valongo), em acções porta-a-porta nas freguesias ribeirinhas de Vitória e Mira-gaia e nos bairros de S. Pedro da Cova e Farrobo e Silveirinhos.

Entretanto, outras iniciativas com outros candidatos tiveram lugar: em Gaia, Armando Teixeira da Silva participou numa caravana de barcos no Rio Douro e no piquin no Arealinho de Avintes.

Também em Gaia as candidatas Ilda Figueiredo, Virgínia Moura, Maria José Ribeiro e Conceição Soares estiveram em debate e em convívio com as mulheres daquele concelho.

António Mota e Ilda Figueiredo estiveram à disposição das populações de Valadares e Canide-lo para esclarecerem sobre a APU, os seus objectivos e as suas propostas.

A data das autárquicas e a rábula de Almeida Santos

Já toda a gente reparou no atá com que Almeida Santos — o leader de serviço ao PS/Mário Soares — anda a criar a ideia de que é perfeitamente possível e normal que as eleições autárquicas se venham a realizar só depois das presidenciais.

Abordando a questão em Azevedo (Campanhã) no último fim-de-semana, o camarada Carlos Costa teve oportunidade de fazer o seguinte comentário que, dada a sua importância, transcrevemos na íntegra:

1.º — Almeida Santos reflecte o pânico do PS perante a enorme derrota que vai sofrer nas próximas eleições autárquicas, e das consequências desastrosas que isso terá na candidatura presidencial de Mário Soares.

2.º — A verdade é que segundo o Decreto-Lei n.º 701-A/76 o mandato para os órgãos autárquicos é de três anos. As últimas eleições realizaram-se em 12 de Dezembro e o mandato iniciou-se, em geral, em 2 ou 3 de Janeiro. Sendo assim, o actual mandato termina em inícios de Janeiro.

3.º — Para que o próximo mandato possa começar no termo do actual e para que o ano financeiro possa ser iniciado pelos novos eleitos é necessário que as eleições autárquicas sejam marcadas para 1, 8 ou 15 de Dezembro. Em conformidade com a Lei 14-B/85 estas eleições têm que ser marcadas com pelo menos 80 dias de antecedência.

Para que a legalidade seja escrupulosamente cumprida as datas limites para a marcação das eleições são, respectivamente, 12/9, 19/9 e 26/9. Isto é, contrariamente ao que insinua Almeida Santos, não é ao governo que sairá das eleições de 6 de Outubro

que cabe marcar a data das eleições autárquicas. É sim o governo de gestão em funções que é obrigado a fazê-lo, por força da lei. E como a AR está dissolvida a lei não pode ser alterada...

4.º — Acresce ainda que foi aprovada na Assembleia da República uma Lei n.º 43/85 que refere expressamente que as eleições gerais para os órgãos autárquicos se deverão realizar em 1985. Aliás, também a Comissão Nacional de Eleições, em comunicado do dia 28 deste mês afirma ter deliberado pedir informações ao Governo «sobre a marcação das eleições dos órgãos das autarquias locais de 1985».

5.º — A referência de Almeida Santos à Constituição é uma pura rábula. A Constituição não marca datas de eleições. A Constituição obriga o Governo a cumprir com escrupulo a legalidade. Almeida Santos, mais uma vez, exhibe o desprezo do actual Governo pelo regime democrático e o propósito claro de subordinar a legalidade a baixas manobras eleitoralistas. Comprova-se a justiça da reclamação do PCP de que o Governo de Mário Soares/PS/PSD seja afastado do Poder quanto antes.



PCP



Acção e iniciativa em todo o País

Lisboa: encontro com a Comunicação Social

«Os candidatos da APU apresentam-se perante o eleitorado com o crédito que lhes dão as suas propostas sérias e fundamentadas, o prestígio das forças que compõem a Aliança Povo Unido, a acção desenvolvida na Assembleia da República em defesa dos interesses do povo e do país pelos deputados do PCP, do MDP e de independentes eleitos nas listas da APU, o exemplar trabalho realizado pela APU nas autarquias, na solução dos problemas das populações.» Esta é uma passagem da declaração dos candidatos «Povo Unido» por Lisboa, dirigida à população do distrito com vista às legislativas de 6 de Outubro. Esta declaração, os objectivos e perspectivas da candidatura APU em Lisboa, e uma informação sobre aspectos da campanha eleitoral a desenvolver, foram temas para uma conferência de imprensa realizada há dias na capital.

Aos jornalistas falaram Mário Casquilho, do MDP/CDE, e Octávio Pato, do PCP, que salientaram a disposição dos activistas da APU para uma dinâmica de vitória apontada ao reforço da votação nos candidatos «Povo Unido», que tem condições para ser a primeira força eleitoral em Lisboa e para ampliar o número dos seus deputados na AR.

Revelando vários pormenores sobre a campanha eleitoral programada, os promotores da conferência de imprensa destacaram o grande desfile de 15 deste mês, entre o Marquês de Pombal e o Rossio, iniciativa que assinalará a abertura oficial da campanha. A presença de carros alegóricos, bandas e ranchos no desfile e um espectáculo com Fernando Tordo e o grupo rock «Rádio Macau», além de um comício no Rossio, são desde já pontos confirmados desta iniciativa que certamente levará milhares de pessoas à baixa lisboeta.

Dinamismo, intervenção e vivacidade são atributos que se desejam para a campanha da APU. Assim acontecerá em Lisboa. Como foi explicado no encontro com a Comunicação Social, a APU assegurou um local de encontro permanente entre os seus candidatos e activistas e a população da capital, durante toda a campanha. Trata-se do cinema Alvalade onde decorrerá um programa cultural e político ambicioso com manifestações diversificadas: do café-concerto aos espectáculos, dos colóquios ao teatro e cinema. Toda a gente pode participar.

Salientando que «os candidatos da APU são os únicos que dão inteira garantia aos eleitores de que a sua vontade será cumprida e os seus interesses e direitos defendidos», a declaração dirigida ao povo de Lisboa recorda: «Nove anos de política de direita conduziram o País à gravíssima situação económica e so-



cial presente. É um imperativo nacional pôr fim definitivo a esta política e adoptar uma política nova e democrática para salvar o povo da fome, da miséria, do desemprego e salvar o País do completo desastre.»

«A continuação do Governo PS/PSD, mesmo como governo de gestão» — refere o documento — «compromete seriamente a democraticidade dos próximos actos eleitorais», a isenção, objectividade e pluralismo nos meios de comunicação social estatizada e o termo imediato da escandalosa utilização para fins eleitoralistas pelo PS e o PSD das funções governamentais do aparelho de Estado e dos dinheiros públicos.

Na Mesa da conferência de imprensa, realizada na Casa do Alentejo, além de Mário Casquilho e Octávio Pato, encontravam-se António Redol (MDP/CDE), Anselmo Aníbal (independente) e Carlos Carvalhas (PCP).

Brandoa: a propósito de «esquerda»

«O PCP e os seus aliados na APU são de facto a única força política de esquerda», afirmou no passado sábado, num comício realizado na Brandoa, o camarada Octávio Pato, membro da Comissão Política e do Secretariado do Comité Central do PCP, que sublinhou ser a APU «um espaço que cresce tal como o mostram os anteriores resultados eleitorais». Os dois objectivos do Povo Unido para o distri-

to de Lisboa — reforço da votação e aumento do número de deputados; passagem a primeira força eleitoral no distrito — objectivos «realistas» e «perfeitamente ao nosso alcance», demonstram esse crescimento da APU.

O dirigente comunista fez depois uma ampla apreciação das outras forças políticas concorrentes. Esclarecendo não considerar o PRD como um «partido de esquerda, já que o espaço que pode ocupar será aquele que foi deixado pela deslocação do PS e do PSD para a direita».

Quanto ao PS, Octávio Pato sublinhou já não se poder considerar-lo um partido de esquerda. E referiu-se à «salganhada de oportunistas», da chamada «nova esquerda» aos monárquicos da «velha direita» com que o PS se misturou, o que «revela o medo que o PS tem de uma derrota estrondosa».

Açores: encontro regional em P. Delgada

Realiza-se no próximo domingo, dia 8, a partir das 14.00 horas, na escola primária da Mãe de Deus (cantina) em Ponta Delgada um encontro regional da APU, onde estarão presentes os candidatos às próximas legislativas, além de activistas e apoiantes de todas as ilhas dos Açores.

Este encontro destina-se essencialmente à apresentação pública dos candidatos «Povo Unido» pelo círculo eleitoral dos Açores, à discussão e aprovação do Manifesto Eleitoral e à prepa-

ração da campanha eleitoral na região.

A intervenção principal do encontro está prevista para as 14.30 horas e será proferida pelo cabeça-de-lista, José Decq Mota, deputado à Assembleia Regional e membro do Comité Central do Partido Comunista Português.

Leiria: trabalhar pela eleição do 2.º deputado

«Os 16 candidatos que fazem parte da lista pelo nosso distrito, dos quais dois são do MDP/CDE, um do partido «Os Verdes», seis independentes e sete do PCP, pela sua composição unitária e também pela sua representatividade social e política, têm condições para alcançar em 6 de Outubro uma importante vitória.»

A lista é a da APU. O distrito é o de Leiria. E as palavras foram proferidas durante o discurso de Joaquim Gomes, membro da Comissão Política e do Secretariado do Comité Central do PCP, no passado dia 31 de Agosto em Tremelgo, na Marinha Grande.

Falando sobre a perspectiva de eleição do 2.º deputado APU pelo círculo de Leiria, o dirigente comunista lembrou em primeiro lugar que «a situação concreta que hoje vivemos é de longe a mais favorável do ponto de vista eleitoral desde o 25 de Abril». E mais adiante sublinhou:

«Foi em 1979 que a APU atingiu a sua mais alta votação no nosso círculo eleitoral — 27 503 votos. Nesse ano o PSD e o CDS concorreram coligados na AD, o que lhe deu vantagens que este ano não têm. Sem esta coligação a nossa votação ter-nos-ia aproximado mais da eleição do 2.º deputado.»

«É pois uma vantagem em relação à situação de 1979. Mas esta não é nem de longe a mais importante. O mais importante que joga a nosso favor, é que em 1979 o PSD e o CDS conseguiram, demagogicamente, enganar muita gente com a ilusão de que seriam eles os salvadores, capazes de demonstrar que eram melhores que o PS de M. Soares. Que iriam fazer uma política diferente que resolveria os problemas nacionais.»

O cabeça de lista da APU acrescentaria depois:

«Pelos mesmos motivos, mas agora em sentido inverso, pôde o PS enganar os eleitores em 1983. Tal como fizeram os partidos da AD, também o PS prometeu melhorar o nível de vida dos trabalhadores e das outras camadas laboriosas e resolver os grandes problemas nacionais, acabar com a corrupção, etc. O que fizeram o PS e o PSD está à vista. E o que está à vista é que nunca depois do 25 de Abril a situação das camadas laboriosas do nosso país se apresentou mais grave que na vigência dos governos PS-PSD. Nunca os problemas nacionais se apresentaram mais graves que hoje.»

Setúbal: trabalhar para nove deputados

A Direcção da Organização Regional de Setúbal do PCP promoveu no Barreiro uma reunião do seu executivo, alargada aos candidatos à Assembleia da República e a responsáveis pela campanha nos diversos concelhos.

A pré-campanha eleitoral da APU no distrito de Setúbal apresenta já números muito elevados, fruto de uma larga acção de esclarecimento através de festas locais, onde participaram perto de 30 000 pessoas e ainda comícios, sessões de esclarecimento e encontros com as populações que reuniram mais de 6000 pessoas, entre outras iniciativas.

Em relação à campanha eleitoral, cuja preparação está bastante adiantada e inclui uma grande diversidade de iniciativas, privilegiando o contacto directo com as populações, destaca-se a abertura no próximo dia 15, em Lisboa, na qual participarão os concelhos ribeirinhos do Tejo em conjunto com o distrito de Lisboa.

Segundo o balanço feito, reforçam-se as condições de concretizar em 6 de Outubro o objectivo eleitoral da APU no distrito de Setúbal — a eleição de nove deputados.

Na reunião foram também abordadas as eleições para as autarquias tendo sido destacados os extraordinários resultados de uma década de gestão democrática da APU que melhorou significativamente a vida das populações do respectivo distrito.

Foi divulgado que a APU apresentará uma mulher (Gracieta dos Santos Baião, 38 anos, enfermeira, membro do PCP), como cabeça de lista à Câmara Municipal de Alcácer do Sal. Será a primeira presidente de Câmara no distrito de Setúbal.

Conferência de imprensa em Vila Real

A Aliança Povo Unido (APU) realizou ontem à tarde na cidade de Vila Real uma conferência de imprensa no decorrer da qual foram apresentados os candidatos «Povo Unido» por aquele círculo eleitoral transmontano. O encontro com os jornalistas decorreu no Centro de Trabalho do PCP.

São candidatos efectivos por Vila Real nas eleições de 6 de Outubro: Helena Cidade Moura, 63 anos, da Comissão Política e vice-presidente do Conselho Nacional do MDP/CDE; Agostinho Lopes, 40 anos, engenheiro químico, do Comité Central do PCP, membro da Assembleia Municipal de Vila Real; João Cunha Serra, 67 anos, engenheiro, independente, presidente da Assembleia Geral da Associação do Nordeste Transmontano; Cecilia Sevilhas, 34 anos, médica, membro do PCP, presidente da Assembleia de Freguesia de S.

Pedro de Agostém; Armando de Carvalho, 32 anos, agricultor; e Justino Alves, 74 anos, comerciante.

Algarve: os responsáveis têm nome...

Uma sessão pública em que se registaram intervenções de João Guerra (independente), Luís Catarino (MDP) e Carlos Brito (PCP) encerrou o plenário APU do distrito de Faro, que decorreu recentemente em Olhão e onde foram apresentados os candidatos «Povo Unido» por aquele círculo eleitoral.

Antes da sessão, os delegados provenientes de todos os concelhos do Algarve fizeram o balanço das actividades previstas e do estilo da campanha eleitoral da APU na região algarvia. Evidenciando um conhecimento profundo das realidades locais, os activistas e candidatos da APU salientaram um conjunto de propostas para a resolução dos graves problemas económicos e sociais do Algarve, uma região com imensas riquezas e que, com uma política acertada, poderá conhecer um extraordinário desenvolvimento com reflexos na vida de todo o povo.

Desenvolvimento regional seria aliás um dos vários temas da intervenção de Carlos Brito, membro da Comissão Política do PCP, na sessão que encerrou o plenário. O dirigente comunista diria a dada altura:

«Têm nome os responsáveis pelo agravamento da situação económica e social do Algarve, pela eternização das carências e aprofundamento das assimetrias, pela cada vez mais nítida dominação estrangeira na vida algarvia. Chamam-se PS, PSD e CDS e não têm apenas ocupado o governo do País, têm ocupado e monopolizado todos os lugares de influência oficial no Algarve.»

Carlos Brito salientou a seguir que «marcam passo os planos para o aproveitamento dos recursos hídricos, o que constitui não apenas um travão ao desenvolvimento agrícola e industrial, mas representa uma verdadeira ameaça ecológica ao Algarve e as suas populações.»

Referindo-se ao programa dos candidatos da APU para o Algarve, Carlos Brito afirmou que é essencial «parar a recessão que atinge todas as actividades económicas do Algarve, à excepção do turismo, assegurar vias de desenvolvimento especialmente na agricultura de regadio e nas pescas, dar todo o apoio ao turismo, superando taras e desvios que o afectam através de um plano regional de turismo, avançar para a região administrativa. Tais são as grades orientações para assegurar um novo rumo para a vida algarvia.»

Apelando à necessidade do aumento da votação global e do número de deputados da APU, Carlos Brito reafirmou «a disposição do PCP de assumir responsabilidades num governo democrático».

Internacional

A CGTP-IN e as eleições

Votar em consciência é saber em quem

A prática social da CGTP-IN prepara-a naturalmente para dar resposta a numerosas questões muito concretas da sociedade portuguesa.

Neste período que antecede imediatamente importantes eleições, a Central unitária dos trabalhadores portugueses tem multiplicado as suas intervenções para esclarecer alguns dos aspectos mais directos próxima da participação popular nos actos eleitorais.

São suas as clarificações mais completas sobre o desemprego e os salários em atraso, sobre a actuação geral do Governo de gestão na vida económica do

nosso país, sobre a situação das principais empresas, e particularmente do sector empresarial do Estado.

Em breve, propõe-se a CGTP-IN publicar um balanço de dois anos do Governo PS/PSD. A iniciativa merece indiscutível destaque.

A representatividade nacional da Inter, o volume de informação a que tem acesso e à sua permanente intervenção em tudo o que diz respeito aos interesses, direitos, garantias e deveres dos trabalhadores portugueses são factores que desenham um quadro apropriado para a elaboração de um balanço útil, independen-

temente das opções político-partidárias dos primeiros interessados em conhecer bem as realidades nacionais.

São os detentores do voto popular, a grande massa dos trabalhadores portugueses, os primeiros interessados nessa clarificação.

Os adeptos de esquemas separadores da intervenção organizada do movimento operário e popular em actuação política e actuação sindical vêem naturalmente com maus olhos a intervenção política activa e directa da Central sindical.

Não será de estranhar que voltem novamente os inimigos

da unidade sindical a fazer finca-pé na sua impaciência de ficar sozinhos a dominar o terreno da intervenção sindical com a marca PS/PSD — nas próximas eleições legislativas e nas outras de âmbito nacional.

É natural que organizações com rótulo sindical como a UGT mobilizem o seu aparelho partidário, que em muitos casos se confunde com o aparelho governamental, para se desligarem o mais possível aos olhos dos trabalhadores das responsabilidades muito graves que lhes cabem na política seguida pelos partidos a que pertencem e que continuam em funções executivas de gestão.

É a esses trabalhadores que se dirige também o balanço que a Inter publicará brevemente. Na orientação unitária da CGTP-IN, cuja prática se tem acentuado

dentro dos princípios por que se rege desde sempre, nunca couberam separações rígidas entre acção política e acção sindical. Salvaguardando sempre a independência, nos moldes democráticos e de classe que dão forma ao conteúdo unitário da CGTP-IN, o movimento sindical considerou sempre e correctamente que os trabalhadores sindicalizados não têm que deixar fora das suas associações sindicais, pendurados num cabide, como se fosse o casaco, as suas opções pessoais, quer sejam partidárias, quer religiosas ou de outro género qualquer.

No mesmo caminho de reforço e consolidação da unidade é que aparece, nas suas formas diversas, a intervenção sindical unitária nas próximas eleições legislativas e na campanha que as precede.

Assim é que a advertência pública contra o voto dos sindicalizados e dos restantes trabalhadores nos partidos mais responsáveis pela actual situação do País se dirige, por todas as razões e mais uma, àqueles sindicalizados que porventura tenham obtido alguma satisfação de reivindicações legítimas por via das necessidades demagógicas, evidentes na orientação dos mentores divisionistas e mais exactamente dos quadros da UGT.

O «Balanço de dois anos de Governo PS/PSD» que a Inter anunciou para breve poderá pois servir de advertência para os que distinguem apressadamente entre acções políticas e sindicais, como se no fim de contas fosse possível separar os ossos da carne sem risco evidente para a integridade física de cada um.

O Governo divulga números para enganar

Num período em que a regra deveria ser a clarificação, principalmente no que respeita às actividades económicas e à situação social do nosso país, os partidos gestionários continuam a apostar na mais lata confusão.

É o que acontece por exemplo com a taxa inflacionista. Segundo o Governo em gestão esse índice referencial do estado do nosso poder de compra e nível de vida rondaria no final deste ano os 19 por cento.

Essa percentagem foi apontada pelo próprio Governo e divulgada recentemente nos órgãos de comunicação social. Só que, como recordava oportunamente a CGTP-IN, esse valor é diferente do «apurado até este momento (29 de Agosto) pelo Instituto Nacional de Estatística».

Salienta a Central sindical unitária que «o aumento médio dos preços no nosso país é até este momento (mesma data) de 25 por cento» — por sinal «o mais elevado de toda a Europa».

Além disso, lembra a Inter, «a inflação oficial está bastante abaixo da inflação real». Basta reparar no facto de que «a estrutura de despesas familiares, utilizada ainda pelo Instituto Nacional de Estatística, está claramente desactualizada». O INE, acrescenta a Central, «continua

a não actualizar e a não publicar o resultado do inquérito às despesas das famílias portuguesas, realizado mais recentemente».

Mas com dados ou sem eles, fidedignos ou não, os partidos gestionários não costumam dar importância ao que pode esclarecer a orientação do voto, porque esse esclarecimento não favorece os desígnios das campanhas do PS e do PSD.

Ao atirarem cá para fora os 19 por cento, os partidos do Governo preocupam-se é com um possível «tecto salarial» (expresso ou omisso) destinado a combater as reivindicações da contratação colectiva no próximo ano.

Destinam-se também a «serenar» os ânimos pessimistas, evidentemente influenciados pelo que na realidade se passa em suas casas muito concretamente com os orçamentos familiares — isto em relação àqueles que ainda podem estabelecer alguma coisa de parecido com um equilíbrio entre receitas e despesas no seu dia-a-dia de assalariados normais.

Fazia notar muito claramente a CGTP-IN ainda há poucos dias que os encargos totais com os trabalhadores por conta de outrem atingiram, em 1984, 47,8 por cento do rendimento nacional. Pela primeira vez desde o 25 de Abril, sublinhava a Inter, chegou-se a uma taxa inferior a 50 por cento do rendimento nacional, e ainda de acordo com as próprias previsões do Departamento Central de Planeamento do Ministério das Finanças e do Plano, a situação deve agravar-se em 1985», já que os aumentos salariais médios têm sido inferiores à própria revisão oficial dos aumentos de preços (23/24 por cento) e que esta tem sido sistematicamente inferior à real».

Refere ainda a CGTP-IN, como a experiência já mostrou em data recente, que «as previsões oficiais de aumentos de preços têm estado sempre abaixo dos valores que depois se verificam. A título de exemplo basta dizer que, em 1983, a previsão oficial da subida dos preços era apenas de 15 por cento e os preços aumentaram 25,5 por cento; que, em 1984, a previsão do Governo PS/PSD era de 24 por cento e os preços subiram (realmente) 29,3 por cento».

Repõe a Inter que «a taxa de inflação continua a ser de 25 por cento» e que, a manter-se «o actual ritmo de subida dos preços», a «taxa anual média de inflação em Portugal deverá rondar, este ano, os 23 por cento e não será inferior a 20 por cento», ao contrário do que pretende fazer crer o Governo em gestão através da Secretaria de Estado do Comércio Interno.

Conclui a CGTP que «apesar de todas as promessas eleitoralistas, os reformados e os trabalhadores do activo sofrerão este ano uma nova degradação nas suas já difíceis condições de vida, o que exige de todos os portugueses uma forte mobilização» para impedir de facto que se concretizem as novas «promessas» do Governo demitido e da política que os seus partidos impuseram durante os últimos dois anos em Portugal.

LUTAS E TAREFAS

• Trabalhadores agrícolas com «bolsas de miséria»:

Em representação de 140 mil trabalhadores na agricultura, 90 por cento dos quais seus filiados, os sindicatos agrícolas de Beja, Évora, Santarém e Portalegre, que pertencem à Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores Agrícolas do Sul, afirmam que os milhões de contos atribuídos ao Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP) não devem servir outros interesses que não sejam os dos trabalhadores do campo entre os quais grassa o desemprego. Só no Alentejo são 35 mil os assalariados rurais sem emprego. A Federação, que deu para o efeito uma conferência de Imprensa em Lisboa, na quarta-feira da semana passada, protesta firmemente contra a actuação do Governo, do patronato e da UGT — únicas forças representadas na gestão dos fundos atribuídos aos serviços do IEFP. As bolsas concedidas pelo Instituto, consideradas «bolsas de miséria» pelos sindicatos e pela Federação, não ultrapassam os 30 por cento do salário mínimo nacional para a agricultura que é de 16 500 escudos mensais. Os dirigentes sindicais exigem a revogação do Decreto-Lei 247/85, que cria o IEFP, bem como um funcionamento correcto e legal da Inspeção e dos Tribunais do Trabalho.

• Paralisação nos transportes da Beira Alta.

As zonas de Gouveia, Seia, São Romão, Nelas, Silgueiras e Viseu serão certamente afectadas pelas paralisações decididas pelos trabalhadores da empresa rodoviária Marques, Ld., que terminam hoje. A forma de luta, no seguimento de outras efectuadas recentemente, deve-se aos salários em atraso desde Julho. Os trabalhadores reclamam ainda o pagamento de outras dívidas, somando cerca de 10 mil contos na totalidade.

• Os serviços da Inspeção do Trabalho dão «cobertura a autênticas ilegalidades» cometidas nos horários de trabalho dos transportes rodoviários e urbanos.

A FESTRU (Federação sindical do ramo), que já protestou junto daqueles serviços, «exige que sejam tomadas pelo Ministério do Trabalho as medidas adequadas para pôr termo a esta situação», que desrespeita «não só as normas estabelecidas nas convenções colectivas de trabalho, como também as decorrentes da Lei».

• Pelo pagamento dos salários em atraso e pela defesa dos postos de trabalho contra o desmembramento da empresa, os trabalhadores da Guérin concentraram-se novamente, quarta-

-feira da semana passada, em frente à sede em Lisboa.

Com a solidariedade do movimento sindical unitário e incluindo, expressamente, a da Federação Sindical Portuguesa do Comércio e Serviços (FEPACES), a concentração-vigília prolongou-se por seis horas e foi promovida pela comissão de trabalhadores e pelos delegados sindicais. Estas organizações salientam que a administração insiste em «medidas avulso que só estão a contribuir para a anarquização total das relações de trabalho».

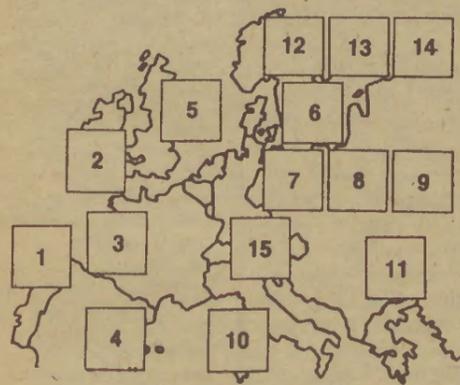
A concentração-vigília foi convocada com os seguintes objectivos: «Não ao desmembramento da Guérin; não à colocação dos trabalhadores em casa; não ao atraso no pagamento dos salários». Os atrasados rondam os 13 mil contos. Jerónimo de Sousa, dirigente do PCP e candidato a deputado, esteve presente na vigília realizada no termo de um período de luta iniciado no dia 19.

• Numa carta ao primeiro-ministro do Governo de gestão e aos outros órgãos de soberania, a comissão de trabalhadores dos Casinos do Algarve (empresa Sointal) recusa-se a aceitar o encerramento dos casinos e a eliminação de 700 postos de trabalho.

A carta enviada também aos partidos e às câmaras municipais do Algarve, recorda que «os trabalhadores demonstraram o melhor espírito de abertura e colaboração» com os administradores da Sointal. Com sacrifício, lê-se na carta, os trabalhadores dispuseram-se «a contribuir validamente para o relançamento que se pretendia». Mas, não se vislumbrando qualquer gesto no sentido de viabilizar a empresa, a carta alerta para «a gravidade da situação» e para as «implicações socioeconómicas» que o encerramento dos casinos (Monte Gordo e Alvor) pode acarretar para a região.

• A CGTP-IN, ao anunciar a próxima edição de um «balanço dos dois anos de Governo PS/PSD», considera que, em paralelo com «o envelhecimento e mesmo destruição do aparelho produtivo nacional», se vieram revelando naqueles dois anos «tentativas visando a instalação de um Estado policial» no nosso país.

Como «exemplos comprovativos» dessas tentativas, a Central unitária dos sindicatos portugueses apresenta «os chamados pacotes laboral e antiautárquico; as leis de serviços de informações, de utilização de informática e de segurança interna; assim como a utilização frequente das forças policiais em conflitos laborais, e a prisão de centenas de dirigentes e activistas sindicais».



Europa: o desemprego sem fronteiras

Países da CEE: 1. Portugal, 2. Irlanda, 3. França, 4. Espanha, 5. Grã-Bretanha, 6. Dinamarca, 7. Bélgica, 8. Holanda, 9. Alemanha Federal, 10. Itália, 11. Grécia — 14,8 milhões de desempregados.

Outros 12. Noruega, 13. Suécia, 14. Finlândia, 15. Áustria — 446,5 mil desempregados.

(Números oficiais de Julho/84: «O Metalúrgico», Agosto/85)

Internacional

Não-Alinhados reúnem em Luanda

A oitava conferência ministerial do Movimento dos Países Não-Alinhados iniciou-se ontem em Luanda com a participação de mais de cento e vinte delegações, representando 90 Estados membros, 10 observadores e cerca de duas dezenas de convidados.

Os trabalhos, que foram precedidos pela reunião no início da semana dos embaixadores e peritos do Movimento, incidem em particular sobre a análise da situação política e económica internacional, bem como a eleição do país que presidirá à organização e acolherá a oitava conferência do Movimento, marcada para o próximo ano.

A expectativa criada em torno desta iniciativa, quer pelo facto de se realizar em Angola numa altura em que a situação na África Austral se encontra em verdadeira ebulição, quer ainda pela gravidade da crise económica internacional, parece confirmar-se. O ministro angolano dos Negócios Estrangeiros, Afonso Van-Dunen, deu a tónica do que poderão vir a ser as conclusões do encontro.

Assumem cada vez maior vigência e validade — disse Van-Dunen — **os princípios defendidos pelos Não-Alinhados sobre a instauração de uma nova ordem económica internacional baseada na igualdade e justiça. Os graves problemas monetários e financeiros, que também afectam os países desenvolvidos devem ser resolvidos respeitando os princípios da igualdade e vantagens recíprocas.**

Tendo em conta, como sublinhou o ministro angolano, que os interesses vitais de muitos dos países não-alinhados, nomeadamente a paz, a independência e o desenvolvimento estão seriamente ameaçados, impõe-se cada vez mais a premente tarefa de encontrar caminhos para a solução de situações de crise existentes em diversos pontos do globo.

E problemas não faltam. No continente africano, flagelado pela seca, pela fome, pelas malhas apertadas do neocolonialismo, a ocupação ilegal da Namíbia pela África do Sul, o regime de *apartheid* naquele país e a política agressiva do regime racista contra os países da Linha da Frente constituem um exemplo das dificuldades a vencer.

Também a situação de confronto permanente existente no Médio Oriente, no Sudoeste

Asiático e na América Latina e Caraíbas representam uma ameaça para a paz e a segurança internacionais, que se torna cada vez mais necessário debelar.

De acordo com o projecto de declaração submetido à Conferência, cujos trabalhos terminam no próximo sábado, a cimeira deverá reflectir a preocupação (e apresentar propostas) pelo agravamento da crise económica mundial que provoca o aumento dos desequilíbrios e das desigualdades estruturais do sistema económico internacional, cujas consequências prejudicam as economias dos países em vias de desenvolvimento, em particular os menos avançados.

De acordo com a proposta em debate, a solução para tão dramático problema **passa pela adopção, pela comunidade internacional, de medidas con-**

certadas com o objectivo de reactivar a economia mundial, através do progresso acelerado dos países em vias de desenvolvimento. A impedi-lo estão, entre outros factores, o agravamento dos défices das balanças de pagamento, a deterioração contínua das relações de troca, os níveis elevados de desemprego e inflação, os efeitos nocivos das elevadas taxas de juros, o proteccionismo e a discriminação imposta pelos países desenvolvidos.

Não se espera, como é evidente, que a solução destas questões seja encontrada como que por milagre em Luanda. Mas o seu debate aprofundado será certamente um contributo, tanto mais válido e importante quanto maior for a unidade conseguida em torno das questões em análise. Objectivo que está longe de ser fácil de alcançar.

«Estes quinze anos de existência do fascismo em Portugal estão assinalados por uma série ininterrupta de crimes, de que tem sido a classe operária a principal vítima. Ao governo fascista português não basta a exploração dos trabalhadores, a miséria em que vivem as famílias operárias e camponesas, o terror policial que paira por sobre a cabeça de todos os homens livres, a opressão mais atroz, a perseguição mais abjecta; é-lhes necessário ir mais longe: e para isso lá estão as prisões infames onde centenas de defensores da liberdade e da classe trabalhadora morrem lentamente» (...)

«Basta de Crimes» — «Avante!», VI Série, n.º 2, Setembro de 1944)

AVANTE!

«Os nossos camaradas do PC Francês editaram um manifesto que foi largamente distribuído entre o povo da França, e do qual transcrevemos algumas passagens:

«A França inteira, à excepção de alguns traidores à cabeça dos quais se encontram os "governantes" de Vichy, levanta-se contra o ocupador. Mas não basta mostrar um ódio profundo aos inimigos da Pátria. Este ódio deve traduzir-se em actos. E quando, em breve, Hitler for obrigado a enviar os seus últimos soldados para a URSS, incluindo os cegos e os estropiados, quando esse miserável não puder deixar sobre o solo da França senão o resíduo das suas tropas, terá chegado o momento para os patriotas franceses de se levantarem, de pegarem em armas, de varrerem os postos e patrulhas da linha de demarcação e de desencadear o combate libertador tendo como objectivo a expulsão dos fascistas alemães e italianos para fora do solo da França» (...)

«Manifesto do Partido Comunista Francês» — «Avante!», VI Série, n.º 17, 2.ª Quinzena de Setembro de 1942)

Avante!

«Hoje, 5 de Agosto, tropas da frente de Briansk, assistidas nos flancos por tropas das frentes ocidental e central, ocuparam, em resultado de uma luta pertinaz, a cidade de Orel. Hoje também, tropas da frente da Estepe e da frente de Voronej, venceram a resistência do inimigo e ocuparam a cidade de Bielgorod. Um mês antes, em 5 de Julho, os alemães começaram uma ofensiva nas regiões de Orel e Bielgorod para cercar e varrer as nossas tropas situadas no saliente de Kursk. Tendo repellido todas as tentativas inimigas para romper em direcção a Kursk, vindas de Orel e Bielgorod, as nossas próprias forças passaram à ofensiva. Em 5 de Agosto, exactamente um mês depois do começo da ofensiva de Julho, elas recapturaram Orel e Bielgorod. Assim é desmentida a lenda alemã de que as tropas soviéticas são incapazes de conduzir uma ofensiva no Verão» (...)

«Stáline anuncia a conquista de Orel e Bielgorod» — «Avante!», VI Série, n.º 40, 2.ª Quinzena de Setembro de 1943)

Duas opções

Conversações ou chantagem

Dois de Setembro marca o fim da Segunda Guerra Mundial, com a assinatura da acta de capitulação pelo Japão militarista. O fim de uma longa batalha de 6 anos, de que a frente decisiva se delineou na Europa, na linha de confronto entre a Alemanha nazi e a União Soviética.

Quarenta anos volvidos sobre este facto histórico, os mesmos que pretenderam erigir os criminosos massacres atómicos de Hiroshima e Nagasaki, em necessário preço do fim da guerra, tentam uma outra vez usar a chantagem atómica (e num outro perigoso passo na escalada da corrida aos armamentos, a militarização do próprio espaço) como arma de domínio mundial.

Os factos testemunham entretanto que a realidade histórica e política é diversa daquilo que se pretende fazer crer.

No mesmo momento em que Washington pretendia justificar o lançamento das duas bombas atómicas como uma «necessidade» no quadro da guerra, surgiam claras denúncias, classificando o crime, de primeiro acto de guerra fria, e erguiam-se opiniões bem diferentes quanto às reais razões do fim de uma guerra que na verdade já tinha sido decidido em Berlim. Assim, Winston Churchill afirmava que «seria errado pensar que a sorte

do Japão fosse determinada pela bomba atómica» e o almirante Leahy, conselheiro-chefe do presidente para a guerra declarava: «o emprego dessa arma bárbara em Hiroshima e Nagasaki não deu um contributo minimamente significativo para a nossa guerra contra o Japão».

Não foi a então novíssima e monstruosa arma do imperialismo que pôs o ponto final à guerra de agressão nazi-fascista. Foi a força do socialismo, circunscrita

to então a um único país, a União Soviética.

Quatro décadas depois, demonstrando além do mais o irrealismo próprio de um sistema condenado, o imperialismo pretende uma outra vez usar de um almejado avanço técnico no domínio militar para impôr as suas «regras do jogo», não só no plano da política mundial mas à própria comunidade socialista. Como salientou há dias o camarada Gorbachov em entrevista à revista «Time», sublinhando a necessidade de negociações entre os Estados Unidos e a União Soviética, «uma cimeira pressupõe conversações assentes na igualdade e não assinatura de um acto de capitulação. Note-se, ainda por cima, que não perdemos a guerra com a América, nem uma única batalha, e não somos devedores daquele país. Como aliás vice-versa».

Não é esta a perspectiva do imperialismo, que defende a absurda tese, ainda há pouco reafirmada com bastante clareza, de que a União Soviética deveria ir

para a mesa de conversações preparada para fazer concessões em todos os capítulos: armamento, questões regionais e mesmo assuntos internos. Quanto aos Estados Unidos transportariam para a mesa de conversações as suas múltiplas e novíssimas armas, uma Europa capitalista armada até aos dentes, o cerco das bases militares, e por último a ameaça de um Espaço militarizado, cuidadosamente enroupada da inofensiva farpela da pura «investigação».

Esta total discrepância de políticas ficou particularmente clara com a resposta de facto dada pelos Estados Unidos à iniciativa soviética de suspender unilateralmente as explosões nucleares, do passado dia 6 de Agosto até 1 de Janeiro de 1968, iniciativa que criaria condições mais favoráveis no restabelecimento de conversações sobre a proibição total dos testes nucleares e a uma futura cooperação em paz para prevenir a corrida aos armamentos no Espaço.

A reacção de Washington não



se fez esperar. Enquanto rotulava a proposta da URSS de acção «propagandística», precipitava-se ostensivamente em efectuar mais uma explosão nuclear, e optava pela realização da primeira experiência com armas anti-satélite em condições de combate.

As posições são claras. Só que as da Casa Branca (e do Pentágono, da poderosa máquina militar-industrial) enfermam de um perigoso irrealismo. O massacre de Hiroshima e Nagasaki não teve as ambicionadas consequências práticas. Não é agora, num quadro político, económico e militar bem mais favorável às forças progressistas, que a linguagem da força tem hipóteses de vingar.

Como justamente afirmou o camarada Gorbachov na já referida entrevista, «quer gostemos uns dos outros quer não, morreremos ou sobreviveremos, necessariamente, juntos. Devemos encontrar resposta à questão crucial: temos ou não a capacidade de reconhecer que não existe alternativa a um convívio em paz, podemos ou não remodular o nosso modo de pensar e de agir desistindo das posições belicistas e optando por pacifistas».

Uma questão vital em que todos estamos englobados e temos uma palavra a dizer.

A agonia do apartheid

No desespero que precede a agonia, lenta mas irreversível, do regime racista da África do Sul, figuras de proa da minoria branca no poder dão por si próprias a imagem acabada do ridículo, da demagogia bacoca, da hipocrisia sem limites.

Após meses e meses da mais brutal repressão, de inflamados discursos sobre a supremacia branca, de manobras de diversão do mais diverso tipo, da instauração do estado de emergência, da recusa cega e surda à condenação internacional do *apartheid*, o governo de Pretória faz uma inflexão de 360 graus e apresenta-se ao mundo batendo com a mão no peito, mea culpa, mea máxima culpa!

Coube ao conhecido racista «Pik» Botha o principal papel nesta comédia. Em entrevista concedida há dias, o ministro do *apartheid* vem reconhecer publicamente que o regime foi longe de mais «no passado» na discriminação racial e afirmar que hoje todas as forças estão a ser utilizadas para remediar tamanho erro, abolindo na África do Sul todas as formas que possam atentar contra a dignidade humana.

Escasseiam as palavras para classificar semelhante atitude, quando o drama do povo oprimido da África do Sul é testemunhado diariamente por todo o mundo. Mas não faltam as razões que levam os lobos a vestir

pele de cordeiro.

A verdade é que os racistas sul-africanos estão à beira do desespero. O descalabro do «rand», a desconfiança sem reservas dos investidores estrangeiros, a luta crescente da maioria negra que as balas não conseguem fazer parar, o clamor internacional exigindo o isolamento do regime sul-africano, não podem continuar a ser ignorados.

Nas próprias fileiras dos aliados do regime crescem as dissidências. O pedido de conversações feito por representantes dos industriais e comerciantes ao Congresso Nacional Africano (ANC) é prenhe de significado... O capital procura novos interlocutores. As exigências de liberta-

ção do líder histórico do povo sul-africano, Nelson Mandela, ultrapassaram há muito as camadas da oposição mais esclarecida e consciente.

A revolução não estará já ao virar da esquina, mas está cada vez mais próximo.

A solidariedade internacional joga neste momento um papel importante na luta do povo sul-africano. A condenação do *apartheid* e o apelo de solidariedade recentemente expresso pela CGTP-IN, pela Confederação Sindical de Comissões Obreras de Espanha, pela PEO de Chipre, a União dos Sindicatos do Mónaco, a CGT de França, constituem um exemplo a seguir e multiplicar.



O PCP e as eleições

- É fundamental a divulgação e estudo da documentação e das conclusões saídas da recente Conferência Nacional do Partido

A Conferência Nacional do PCP sobre as eleições para a Assembleia da República regressa esta semana às páginas do «Avante!». A parte fundamental das suas conclusões, com destaque para a **Proclamação** aprovada, teve já aqui na edição anterior amplo destaque. Hoje deixamos à apreciação dos nossos leitores um trabalho de recolha, síntese e adaptação do vasto leque de intervenções temáticas proferidas no grande plenário comunista de Sacavém, por camaradas com responsabilidades na actividade do Partido aos mais variados níveis e frentes de trabalho.

Desta forma daremos mais um contributo para a necessária divulgação da análise, das posições, das opiniões, das propostas e do conjunto de orientações definidas na Conferência Nacional, testemunho do estilo e da intensa vida democrática do Partido, divulgação que significa em primeiro lugar uma melhor preparação de todos os militantes comunistas para a dura batalha eleitoral apontada à vitória da democracia em 6 de Outubro. Uma batalha que, como sublinhou o dirigente comunista **Carlos Costa** na tribuna da Conferência, deverá assentar (estava-se a referir concretamente à pré-campanha e à campanha eleitoral) em quatro traços essenciais: a **confiança na vitória, a larga mobilização de quadros e activistas, o intenso contacto com as massas populares conjugando diferentes meios de intervenção eleitoral e a articulação da batalha eleitoral para a Assembleia da República com a**

preparação das eleições autárquicas.

Ponto culminante de uma corajosa luta de massas, ponto de viragem nos destinos do País, as eleições de 6 de Outubro não foram encaradas pelos participantes na Conferência como fenómeno isolado. Bem pelo contrário, o acto eleitoral — considerado à partida como vitória da democracia e do povo face às pretensões da ofensiva de direita — foi enquadrado devidamente no conjunto da situação do País — política naturalmente, mas também social, económica, financeira, cultural.

O estudo atento da vasta documentação e dos materiais saídos da Conferência é condição básica para o esclarecimento, a mobilização e a organização do esforço e do trabalho que os militantes comunistas têm pela frente.

A síntese das intervenções temáticas que aqui deixamos merece uma leitura atenta.

O PCP na AR: balanço expressivo

Não é difícil mostrar que a APU é a única força cujos representantes na AR e no Governo a formar dão totais garantias de defender as conquistas de Abril, os direitos dos trabalhadores, do povo e do país. A intervenção proferida em Sacavém por **Domingos Abrantes**, membro da C. Política e do Secretariado do PCP, mostrou como é fácil e significativo para a APU, e particularmente para os comunistas, «prestar contas ao eleitorado dos compromissos assumidos, sem equívocos, sem demagogia, sem hipocrisia». É a verdade dos factos.

Como salientou o dirigente comunista, cabeça de lista da APU em Setúbal nas eleições de 6 de Outubro, aquela «é uma verdade bem contrária à actuação do PS, do PSD e CDS que, não tendo cumprido as promessas eleitorais, prometem agora de novo, sem vergonha, realizar e resolver tudo o que não fizeram quando podiam e deviam. Pior ainda, aparecem, hipocritamente a prometer a resolução dos problemas como o dos salários em atraso, quando eles próprios sabotaram e inviabilizaram todas as iniciativas do PCP, tententes a resolver tão grave e injustificável atentado aos direitos e condições de vida dos trabalhadores».

E acrescentou Domingos Abrantes:

«Os deputados do Grupo Parlamentar do PCP, mantendo estreito contacto com os trabalhadores e as populações, articulando a sua acção com a luta dos trabalhadores, dando voz e expressão aos sofrimentos, anseios e reivindicações das massas populares e de todo o nosso povo, desmascarando e combatendo as iniciativas antipopulares e anti-sociais do PS, PSD e CDS, apresentando iniciativas, tomando medidas para que a AR exercesse a sua acção fiscalizadora em relação aos actos do governo, fizeram da Assembleia da República uma importante tribuna de denúncia da política contra-revolucionária, uma tribuna de luta em defesa dos interesses do povo e do regime democrático e multiplicaram esforços e iniciativas para que aquele órgão de soberania tomasse decisões para resolver os problemas nacionais.»

O que foi a intensa actividade dos deputados comunistas em S. Bento — demonstração global do empenhamento, da responsabilidade, da determinação e do respeito pelos anseios justos dos cidadãos —, pode apresentar-se num balanço muito rápido e insuficiente, mas bem expressivo. Um balanço que constou da intervenção lida por Domingos Abrantes no grande plenário de Sacavém.

«Um balanço ainda que sumário e insuficiente, mostra como foi intensa

a actividade do Grupo Parlamentar do PCP. Por sua iniciativa foram apresentados 12 inquéritos parlamentares à actividade do governo e da Administração Pública. Chamados a ratificação 147 projectos de decretos-lei do governo e feitas 32 perguntas ao governo durante as sessões efectuadas para o efeito.

«O Grupo Parlamentar do PCP apresentou na Assembleia da República 149 projectos de lei, dos quais se destacam 15 relativos aos direitos dos trabalhadores; 13 sobre liberdades e garantias dos cidadãos e 24 sobre família, habitação e juventude.

«Foram aprovadas 50 leis resultantes de iniciativas do PCP, relativamente à criação de freguesias e elevação de povoações a vilas e de vilas a cidade. O Grupo Parlamentar do PCP apresentou-se sempre inequivocamente como defensor da criação do concelho de Vizela, aspiração que os vizelenses não viram cumprida por

APU
POVO UNIDO

O PCP e as eleições

traição do PS aos seus compromissos.

«É também de salientar que a aprovação das leis da maternidade, do direito ao planeamento familiar e educação sexual e da interrupção voluntária da gravidez, apesar das suas insuficiências, se deve à acção do GP do PCP.

«Mantendo um permanente contacto com as massas populares, aprofundando o conhecimento dos problemas dos trabalhadores, das populações e das regiões, o Grupo Parlamentar do PCP realizou 224 entrevistas, efectuou 131 visitas a empresas, escolas, cooperativas, localidades, etc.. Apresentou 2034 requerimentos ao governo, expediu 6726 cartas em resposta a problemas que lhe foram postos.

«O GP do PCP destacou-se ainda pelo número de declarações políticas, de intervenções antes da ordem do dia, (127) pela activa participação nos debates, sobre Programa do Governo, Orçamento do Estado, interpelações ao governo e outras questões de interesse relevante para a vida nacional.

«Os deputados do PS e do PSD, instrumentos dóceis da vontade do governo que suportavam parlamentarmente, introduziram mecanismos de funcionamento anti-democrático da AR, autorizaram o governo a legislar em matérias altamente gravosas para o povo e para o país. A chamada «maior maioria de sempre» apoiada pelo CDS, não apresentou, e muito menos resolveu, qualquer importante problema dos muitos que afligem o nosso povo.»

A seriedade das eleições e a vigilância democrática

Será exagero dizer que a seriedade das eleições corre perigo? É evidente que não é exagero. Desde as atitudes dos responsáveis políticos até às manobras do caciquismo local, há toda uma teia de ameaças que exige vigilância e combate eficaz. Luís Sá, membro suplente do CC, levou este importante tema à Conferência Nacional do Partido numa intervenção breve mas recheada de vários aspectos práticos que devem estar bem presentes na acção das forças democráticas.

No início da sua comunicação, diria Luís Sá:

«Ainda há pouco começou o processo eleitoral e já se avolumam factos que mostram que está afectada a seriedade das eleições. A tentativa de introduzir alterações antidemocráticas às leis eleitorais foi derrotada; mas as alterações que o Governo propôs, em particular a tentativa de impedir a APU de usar a sua denominação, sigla e símbolo, mostraram uma completa falta de escrúpulos.

«A manipulação da comunicação social mantém-se. As forças progressistas, em especial o PCP, foram objecto de uma campanha de silenciamento ou de intoxicação, mentira e deturpação sistemática das suas posições.

«O abuso de poder, a manipulação dos dinheiros públicos, as inaugurações de última hora, são constantes.

«Dando o exemplo da falta de respeito pela lei eleitoral, o Primeiro-Ministro exhibe-se em grandes cartazes comerciais, apesar de saber que se trata de uma prática proibida e punida pela lei eleitoral.

«Surtem novas limitações às liberdades, como aconteceu recentemente na Figueira da Foz, na véspera da visita de Almeida Santos, por responsabilidade da Câmara de maioria PS, ou em Cacém e Queluz, por responsabilidade de elementos da GNR e PSP.» Ainda a este propósito, recordaria também acontecimentos registados na zona de Leiria.

E acrescentaria, noutra passagem:

«O recenseamento eleitoral em sítios em que as operações são controladas pelos caciques reaccionários, é fonte de preocupações sérias. Pode servir de exemplo a recente eliminação de 16 cidadãos dos cadernos de recenseamento eleitoral de Santa Comba, Ponte de Lima, por decisão ilegal e arbitrária do Presidente da Junta, eleito da ex-«AD» em relação à qual a Comissão Nacional de Eleições já participou criminalmente e exigiu a rectificação.

«À luz da experiência anterior e do conhecimento que temos das realidades são previsíveis tentativas de boicotes a sessões e comícios; destruição organizada da propaganda democrática; utilização de múltiplas formas de coacção económica, social e até de alguns párocos com menos escrúpulos e de corrupção eleitoral; irregularidades na distribuição de salas e recintos públicos e outras tentativas de limitar as liberdades por Governadores Cívicos e outras autoridades administrativas e policiais. Na votação vão repetir-se as tentativas de substituição de eleitores no exercício de voto, invocando falsamente a cegueira ou deficiência física, apesar de esse processo estar dificultado pelas recentes alterações legais; pode surgir ilegalmente propaganda nas assembleias de voto; é mesmo altamente provável que surjam novas tentativas de impedir a fiscalização das operações eleitorais por parte dos delegados e a intervenção dos membros das mesas com posições democráticas e progressistas. É oportuno recordar que nas últimas eleições surgiram casos em que o número de votos entrados numa foram mais do que o número de eleitores e em que apareceram boletins de voto falsos.

«Tudo demonstra que teremos uma dura batalha pela frente. Estamos em condições, porém, de travar essa batalha com determinação e firmeza e impedir muitas das fraudes e irregularidades que vão ser tentadas.

«Uma tarefa de grande importância, além de outras, vai colocar-se nas próximas semanas: até ao dia 16 de Setembro vamos ter que designar milhares de delegados e suplentes e de candidatos a membros de mesas de assembleias e secções de voto. Vamos ter que assegurar que os delegados e membros de mesas fiquem devidamente apetrechados com os conhecimentos, as indicações práticas e as minutas de documentos que garantam uma intervenção eficaz na luta contra as tentativas de fraudes e irregularidades. Apesar da complexidade de todas as outras tarefas político-eleitorais, a experiência mostra que a fiscalização das eleições não pode ser subestimada.»

Os trabalhadores e a situação

«Mais do que ninguém, foram os trabalhadores a saber o que perderam durante o exercício do executivo de Mário Soares. Mas são eles também que sabem o que poderiam ter perdido, caso não fosse travado o plano contra-revolucionário que o Governo PS/PSD tentava concretizar». Esta passagem breve dá o tom da intervenção proferida por Jerónimo de Sousa, membro suplente do CC do Partido, que enquadrou a luta, a acção e os problemas dos trabalhadores na fase actual da vida política. Uma intervenção que mostrou com números e factos indelével o peso das responsabilidades do PS e do PSD e, no plano geral, das consequências da política de direita, na vida dos trabalhadores e das suas famílias. Os mesmos que são responsáveis pela grave situação social de milhares de portugueses vêm hoje limpar as mãos à parede e acelerar na caça ao voto. Que gente é esta? Jerónimo de Sousa explicou na tribuna do Sacavenense:

«Prometeram uma política de combate ao desemprego. Mentiram! São mais de 600 mil os desempregados atingindo duramente os jovens e as mulheres. São cerca de um milhão os trabalhadores com trabalho precário ou clandestino onde prevalecem os contratos a prazo, o trabalho à peça, à tarefa e o biscate, assistindo-se ao uso e aluguer de mão-de-obra como se se tratasse de qualquer mercadoria. Mas eis que vêm agora o PS e o PSD proclamar com o ar mais sério e compungido deste mundo que, caso fossem novamente Governo, tomariam medidas para combater aquilo que é uma das manifestações mais chocantes da política social que executaram — os salários em atraso —. Esqueceu-se por exemplo Almeida Santos que chamou a si, como Ministro de Estado, a responsabilidade da resolução do problema da Messa. Hoje 900 trabalhadores desta empresa são confrontados com a fome e o encerramento da empresa. Que medidas tomaram na Lisnave, na Cifa, na CTM, na MDF, na Gelmar, em centenas e centenas de empresas onde campeia a impunidade do patronato que não paga salários e usa dinheiros públicos em proveito próprio?

«Que volta, meios e eficácia se deram aos Tribunais de Trabalho e à Inspecção de Trabalho para dar combate a este escândalo de triste originalidade que mereceu a condenação de vastos sectores da opinião pública e de organismos internacionais?

«Que comportamento tiveram o PS e o PSD nas votações de 7 projectos de lei do PCP que visavam a resolução deste dramático flagelo e que mereceram o apoio de centenas de organizações representativas dos trabalhadores?

«Soares respondeu aos trabalhadores com a ordem de prisão a levadas de sindicalistas que reclamavam o diálogo e a solução dos seus problemas.

«As cargas brutais sobre os trabalhadores da Margem Sul, da Sorefame, dos Vidreiros da Marinha Grande, da Cifa, foi outra das vias escolhidas



pelo Governo PS/PSD. E os mesmos que batem na tecla de que o PCP se fica pela contestação, (o PS, o PSD e o CDS), foram aqueles que na Assembleia da República, sem alternativa às propostas do PCP, votaram contra as soluções justas para atender a essa calamidade pública dos salários em atraso. A falência, o encerramento, o desmantelamento de empresas, a permissão de despedimentos em massa, a manutenção da impunidade patronal, foram as soluções encontradas pelo Governo PS/PSD.»

Juventude: a APU na rua!

«Agora é a nossa vez!» A juventude exige um novo rumo para o país. Um rumo que contemple direitos justos e aspirações há muito por concretizar. Que garanta finalmente uma vida feliz, sem desemprego, com escolas, sem discriminações, com empenhamento nas coisas boas, saudáveis, no convívio, na cultura, no desporto. **Frases feitas, eleitoralistas?** Nada disso. Quem assim pense visite as autarquias APU e informe-se. Mas não nos afastemos do tema deste trabalho. Jorge Patrício, um dos dirigentes da JCP, candidato a deputado pelo círculo de Setúbal, um jovem já com experiência de S. Bento, falou em Sacavém sobre a participação criadora da juventude na campanha eleitoral da APU. E, naturalmente, dos objectivos que se prendem a essa participação entusiástica.

Afirmou Jorge Patrício, a dado momento:

«São muitos os jovens que se encontravam desmotivados e que foram mobilizados e se tornaram participantes activos na luta contra esta política, no seu local de trabalho, nas escolas, nas localidades, na luta e acções nacionais pela demissão do Governo PS/PSD.

«Graças ao trabalho do Partido, da JCP, do Movimento Sindical Unitário e de todas as forças democráticas, muitos milhares de jovens perceberam a importância da luta que se travava e juntaram-se ao movimento popular. Cabe-nos então a nós ganhar mais e mais jovens para que com a APU voltem a acreditar num futuro melhor, possam dizer que vale a pena participar, que vale a pena estarem e votarem na APU.

«É esta, camaradas, a nossa grande tarefa: ganhar mais e mais jovens para participarem na campanha eleitoral da APU, ganhar mais e mais jovens para votarem na APU.

«Importa esclarecer o eleitorado jovem que uma política democrática só será possível com um governo democrático e que para tal se torna indispensável o reforço eleitoral da APU, o crescimento da representação parlamentar do PCP na Assembleia da República.

«Importa esclarecer o eleitorado jovem que a APU propõe a participação e não o alheamento da Juventude.

Propõe o debate aberto das ideias, o diálogo aberto e franco, o trabalho lado a lado com todos os jovens. Que a APU assume a responsabilidade de criar as condições necessárias a uma vida de esperança e com perspectivas enriquecedoras para a Juventude.

«Que a APU assume uma política democrática capaz de enfrentar e resolver os problemas específicos dos jovens nos domínios do emprego e formação profissional, na educação e ensino, na habitação, na saúde, na cultura, no desporto.

«Importa que todo este esclarecimento da APU, chegue junto de todos os jovens e em particular dos jovens eleitores.

«Que a campanha que queremos alegre, viva, dinâmica, os atraia e que os leve na altura do acto eleitoral a acertar nas três argolas.

«Assumindo essa tarefa e conscientes das responsabilidades a que tais objectivos nos obrigam, nós jovens comunistas preparamos com entusiasmo a intervenção juvenil na campanha da APU.

«Muitas e variadas são as iniciativas apontadas, privilegiando a actividade de rua e contacto directo com a Juventude. As rádios-juvenis, as caravanas de bicicletas, os passeios de barco e as campanhas nas praias. Os Grupos de Saltimbancos, as claques APU, os Festivais de Música, as iniciativas desportivas, fazem parte do rol das inúmeras actividades a realizar.

«É nossa preocupação trazer a APU para a rua, para as fábricas, empresas, para as terras da Reforma Agrária, para os locais de concentração juvenil, desenvolvendo uma campanha dinâmica, alegre, capaz de transmitir aquilo que na verdade somos. Uma força jovem, uma força de futuro.

«Mas essa responsabilidade não cabe nem poderia caber exclusivamente à JCP. É uma tarefa da JCP, mas é também e, ao mesmo tempo, uma tarefa do Partido.

Onde existem deficiências, há que rapidamente ultrapassá-las.»

Mulheres: o desprezo por 50% do eleitorado

Os reflexos da grave situação social na vida das mulheres, as lutas travadas, a participação feminina nas listas APU e a referência a algumas das medidas contempladas no programa eleitoral do PCP sobre as mulheres portuguesas — foram temas em foco na intervenção apresentada por **Conceição Morais**, membro suplente do Comité Central do PCP. Como fazer chegar às mulheres a opinião e as propostas do PCP? Conceição Morais esclareceu:

«Teremos de privilegiar o contacto directo no porta-a-porta, nos transportes públicos, nos mercados, em todos os sítios onde haja concentração de



mulheres. Devemos ter em conta que as mulheres são importantes veículos de comunicabilidade: falam das suas vidas, conversam sobre o seu quotidiano, transportam em si a revolta da vida que não queriam ter. Querem de facto uma vida melhor.

«O PCP, a APU garantem-na. Há que lhes dizer isto. Há que desmontar a propaganda demagógica das outras forças concorrentes, sabendo como sabemos que a ideologia burguesa lhes entra em catadupa pela porta adentro sem pedir licença, via TV, e encontrando terreno permeável se instala perigosamente se não encontrar opositores. Basta lembrar o subsídio às donas de casa propagandeado pelo PS nas últimas eleições. Que é dele?»

«As mulheres são 50% do eleitorado, é um dado sobejamente conhecido mas nem sempre devidamente tido em conta por nós. Dirijamos esta campanha muito para esta tão vasta camada. Do seu voto dependerá a mudança do Governo; dependerá a alteração do quadro partidário na AR. Dependerá, em suma, a melhoria das suas condições de vida.»

Uma vida que nos últimos tempos tem conhecido o desprezo e a ofensiva antidemocrática dos governos PS, PSD e CDS, «os principais inimigos da emancipação e da igualdade Mulher/Homem na sociedade».

Por outro lado, «na primeira linha da batalha pelos direitos das mulheres estão as mulheres comunistas nas empresas, nos sindicatos, nas autarquias, na Assembleia da República. Foram apresentados pelo nosso Grupo Parlamentar vários projectos lei que vieram beneficiar a vida das mulheres: os projectos lei do planeamento familiar, educação sexual, da protecção e defesa da maternidade e da interrupção voluntária da gravidez; foi graças a nós que as crianças têm o direito a estar acompanhadas quando internadas em hospitais e ainda sobre o acompanhamento da mulher grávida durante o trabalho de parto quando esta o desejar (estes aprovados); apresentámos ainda o projecto lei sobre o suplemento alimentar completo para as crianças que frequentam a escolaridade obrigatória; um outro de garantia dos alimentos a filhos menores, em caso de separação, sem a mulher ter de recorrer ao Tribunal; e a protecção às mães solteiras.»

Liberdades: ofensiva e defesa

Nove anos de processo contra-revolucionário registaram com o Governo PS/PSD uma violenta e descarada ofensiva contra as liberdades, a legalidade constitucional e as instituições democráticas. Como diria Carlos Brito, membro da C. Política do PCP, «por isso mesmo é que é tão espectacular a queda e a derrota da auto-denominada «maior maioria de sempre» e tão magnífica a vitórias das

forças dos trabalhadores e da democracia que lhe cortaram o passo e impuseram estas eleições legislativas antecipadas, que podem representar, que têm que representar, um verdadeiro virar de página na política nacional».

Carlos Brito recordou alguns dos passos mais perigosos do governo soarista contra as liberdades. De facto, nunca é de mais recordar estas coisas: «a criação dos Serviços de Informações e da ficha do cidadão, a proposta de lei fascizante dita de Segurança Interna, as repetidas prisões de sindicalistas e outros militantes operários junto da residência do Primeiro-Ministro, a impunidade da prática criminosa dos salários em atraso, a abertura dos sectores básicos nacionalizados ao grande capital, a autorização para a instalação de bancos privados, o projecto de uma nova lei para a destruição total da Reforma Agrária, o ataque generalizado ao Poder Local visando reduzir a sua autonomia e carácter descentralizado e asfixiá-lo financeiramente.»

E acrescentou o dirigente comunista, noutra passagem da sua intervenção:

«A firme defesa das liberdades, da legalidades constitucional e da estabilidade das instituições democráticas é um pressuposto fundamental de uma política capaz de resolver os problemas do país, assegurar o desenvolvimento económico e o bem estar social, salvaguardar a independência nacional.

«O Programa Eleitoral do Partido aponta larga e aprofundadamente as orientações e as medidas necessárias para que este pressuposto seja assegurado.

«A defesa das liberdades, da legalidade constitucional e da estabilidade das instituições deve compreender como pontos fundamentais imediatos, como se salienta no Programa de Máxima Urgência da APU e no Projecto de Proclamação do Partido que estamos a examinar: pôr termo às actividades tendentes à instalação dos Serviços de Informações, instaurar a independência e o pluralismo na RTP e na RDP; revogar a legislação sobre os contratos a prazo e o «lay-off»; acabar com o flagelo dos salários em atraso; anular a permissão para a constituição de bancos privados e nacionalizar os autorizados; revogar a legislação que abriu os sectores básicos nacionalizados ao grande capital; pôr termo à ofensiva contra a Reforma Agrária; revogar a lei dos aumentos e das reformas dos deputados; dar combate à corrupção; garantir a segurança pública; reforçar os meios a transferir para as autarquias; proceder à municipalização dos solos urbanos.

«Uma grande votação na APU com aumento do número de deputados do PCP e dos seus aliados na Assembleia da República é a condição mais importante para que esta política seja possível, para que estas medidas sejam concretizadas».

A cultura e a arte também têm salários em atraso

O programa cultural da campanha eleitoral da APU não foi esquecido pela Conferência. Ruben de Carvalho, membro suplente do CC, afirmaria a dado passo:

«Num país devastado pela crise, face a uma política de total servilismo às ofensivas culturais do imperialismo, face à prática sistemática da mentira, da perseguição, do suborno, do obscurantismo e da ignorância — a arte e a cultura existem e crescem em Portugal.

«Os trabalhadores da Reforma Agrária, com a luta e com o trabalho, têm defendido a Reforma Agrária; os trabalhadores das empresas nacionalizadas, com a luta e com o trabalho, têm defendido as nacionalizações; os democratas, com a luta e com o trabalho, têm defendido a liberdade e a democracia; os artistas e os trabalhadores da cultura, com a luta e com o trabalho, têm defendido a arte e a cultura.

«O novo rumo que propomos é transformar a força real da resistência, do trabalho e da luta na força real do trabalho, da reconstrução e da democracia.

«Para este novo rumo conta o povo português — como sempre contou — como os seus artistas porque, também eles, resistiram, trabalharam, lutaram.

Isto torna possível que exista um programa cultural. Há mais que torna possível que exista o programa cultural da campanha da APU.

«A cultura e arte em Portugal também têm os salários em atraso. Também estão no desemprego ou ameaçados de despedimento. Também lhes têm sido roubadas terras, alfaias, ferramentas, instalações. Tal como os trabalhadores e os democratas, são segregados na televisão, ignorados na imprensa estatalizada, privados de crédito, subsídios e condições de trabalho.

«Porque são contrários ao talento, à honestidade, ao trabalho e assim diminuem o artista, dez anos de governos de direita não se limitaram a querer tirar a arte ao povo; quiseram também tirar o povo à arte. A crise torna difícil que o escritor escreva; a mesma crise torna difícil que o operário leia.

«O programa cultural da campanha da APU tornou-se assim possível não por uma, mas por duas razões: em primeiro lugar porque, por obra do povo que resiste para que Abril resista, por talento e vontade dos artistas, a arte e a cultura resistem à crise — e existem; em segundo lugar porque, na diversidade de ideias e de formas de expressão, de projectos e escolas estéticas, esta arte tem uma fraternidade tão natural quanto o ser com todo o trabalho, com toda a resistência. Tem uma fraternidade tão natural quanto o ser com o futuro, com a vida, com quem quer e torna possível um novo rumo para Portugal.»

A situação económica: a mistificação soarista

Gorjão Duarte, membro suplente do Comité Central do PCP, falou da situação económico-financeira do País. Particularmente interessante foi o esclarecimento claro que esta intervenção dedicou ao significado dos défices da balança comercial (BC) e da balança de transacções correntes (BTC). Aqui fica essa passagem:

«A pretexto de fazer face aos défices externos incomportáveis, resultantes exclusivamente da sua própria política de destruição das forças produtivas e de concentração e centralização forçadas de capital no sector privado, o PS e os restantes partidos da direita ligaram-se ao imperialismo e impuseram ao povo português os pacotes do FMI, fazendo-o pagar a factura da crise que eles mesmos fomentaram. As momentâneas reduções dos défices registadas em 1978 e 1979 e agora em 1983 e 1984, em vez de ser um motivo de regozijo para o nosso povo, corresponderam, isso sim, a um acréscimo de privações, de dificuldades e à criação de maiores e mais apertados laços de dependência económica aos monopólios estrangeiros.

«O Partido Socialista diz, agora, que foi impedido pelo PPD de levar por diante o plano de recuperação económica que os resultados da política de estabilização negociada com o FMI iria permitir.

«É um facto que em 1983 e 1984 os défices da BC e BTC baixaram.

«Mas qual o real significado destas descidas?»

«A verdade é que a tão propalada recuperação financeira do Governo PS/PSD é uma mistificação. Em primeiro lugar, a diminuição do défice das duas balanças assentou na queda vertical do investimento (— 26%, em geral e — 51,3% na indústria transformadora), na diminuição real da produção (— 2% nos dois anos), na quebra dos salários reais (— 16%). Em segundo lugar, como se pode falar em recuperação se a dívida externa aumentou 900 milhões de contos entre Junho de 1983 e Março de 1985? E isto apesar da venda de cerca de 56 toneladas de ouro. Importou-se menos e reduziu-se o défice comercial porque se investiu menos e os portugueses consumiram menos e não porque se tenha, por exemplo, aumentado a produção nacional de bens importados.»

Sobre a demagogia de Cavaco Silva, recordou Gorjão Duarte:

«É interessante citar o que Cavaco Silva tem vindo a dizer a esse respeito: «reduzir o défice externo penalizando o investimento é fácil e não precisa de grande talento». Estando-se de acordo, é bom lembrar que o mesmo Cavaco Silva chefiou a delegação aos EUA em 1983 para negociações com o FMI, em cuja carta de intenções está bem explícita a obrigatoriedade de reduzir o investimento, sobretudo no sector público, o crédito e os salários reais e, que se saiba, ele não acusou os técnicos do FMI de pouco talento. Nem se autocriticou...».

CEE: modernizar ou aniquilar?

Portugal na CEE? Na Conferência de Sacavém, Carlos Carvalhas, membro do Comité Central do Partido,

lembrou «a caracterização feita desde há muito pelo nosso Partido de que a adesão à CEE foi e é uma grande operação política dirigida contra as transformações democráticas alcançadas com o 25 de Abril e hoje uma mistificadora campanha ao serviço das ambições politiquieiras de Mário Soares».

A dado passo, Carlos Carvalhas fez uma «comparação» significativa:

«A concretizar-se a adesão, o que vamos ter não é o desenvolvimento do País, ou a sua modernização, mas sim, o esmagamento da produção nacional, a liquidação de milhares de pequenas empresas e explorações agrícolas, a estagnação ou a absorção de sectores básicos da economia, imprescindíveis ao desenvolvimento independente de qualquer país, com o consequente agravamento de toda a situação social. Ou será que «modernizar» o País é entregar os seus recursos e sectores rentáveis às multinacionais, aumentar o desemprego, a dívida externa e a dependência? Ou liquidar, por exemplo, a produção de aço em Portugal, congelar o Alqueva, abandonar a metalurgia do cobre e entregar o minério à Rio Tinto Zinc? Não camaradas, para nós, modernizar o País não é entregá-lo à rapina do grande capital estrangeiro ou aos ditames de Bona, Paris ou Washington. Para o PCP modernizar o País é promover o desenvolvimento independente, é aumentar a produção, aproveitar os nossos recursos e energias internas, reconverter as indústrias tecnologicamente atrasadas, diversificar as nossas relações económicas externas, é combater o desemprego e melhorar o nível de vida do povo.»

De novo, «eles» vão tentar enganar os agricultores

O real significado da política de direita no sector da agricultura portuguesa, os problemas do campesinato, o «choque» com a entrada na CEE, a luta dos agricultores como contributo para a luta geral do povo contra o Governo PS/PSD, a demagogia eleitoralista que já começou junto dos agricultores e a confiança dos activistas da APU no trabalho de esclarecimento a desenvolver junto dessa importante camada social — foram temas em destaque na intervenção de Agostinho Lopes, membro do Comité Central do PCP.

Da sua intervenção aqui deixamos uma breve passagem:

«Aprofundar a derrota do PS/PSD/CDS nas próximas eleições de 6 de Outubro, é de importância vital para o futuro da pequena e média lavoura portuguesa, para o aumento da produção agrícola nacional para evitar o desastre da CEE. O reforço da votação na APU é condição imprescindível para abrir caminho a uma política de salvação da agricultura portuguesa.

«O Governo PS/PPD repetindo concertos da ex-AD vai pagar em vésperas das eleições o subsídio de gásóleo de 84 e 50% do de 85. Vai socorrer as cooperativas agrícolas, a braços com graves problemas financeiros causados no fundamental pela desastrosa política económica do executivo de Mário Soares. Trata-se de demagogia eleitoralista para tentar de novo enganar os agricultores.»

■ Guiomar B. Marques

XII Festival



XII MOCKBA 1985

Participação activa

da delegação portuguesa

Quando, no dia 3 de Agosto, cerca das 22 horas, as luzes do Estádio Lênine se apagaram e o fogo de artifício estalou por sobre a cabeça dos presentes, assinalando, deste modo, o término do XII Festival da Juventude e dos Estudantes, uma nostalgia inevitável invadiu os cerca de 20 mil delegados oriundos de 157 países e de Berlim-Oeste. Para a delegação portuguesa, composta por 200 jovens, representando 99 estruturas, culminava assim uma das mais intensas experiências vividas por cada um individualmente e por todos no conjunto, ao longo de oito dias.

Apontada como uma das delegações presentes em Moscovo que mais intensamente participou nas múltiplas actividades do Festival, à Comissão Coordenadora da Delegação cabe o mérito de ter sabido estar à altura de tão importante tarefa, na distribuição e organização dos diferentes contributos dados pelos duzentos jovens portugueses ao XII Festival.

Tal como fora proclamado pelo Comité Preparatório, o XII Festival foi um enorme palco de debate livre, onde diferentes pontos de vista sobre os temas mais actuais e que preocupam a juventude de todo o mundo puderam ser trocados. Os quinze Centros Temáticos, abrangendo os grandes problemas que se colocam no tempo presente, contaram com a participação empenhada de aproximadamente 50% da delegação portuguesa. Muitas vezes intervindo, os jovens portugueses deram a sua especial colaboração às discussões no Centro Estudantil, Centro da Juventude Trabalhadora, Centro Antifascista, Centro da Paz e do Desarmamento e ainda no Centro das Jovens Mulheres.

As dezenas de encontros de solidariedade com regiões do globo e com diversos países contaram igualmente com a participação dos portugueses. Poucos terão sido aqueles que, integrando a delegação portuguesa, não participaram em pelo menos um destes encontros.

Igualmente na área da participação política, é de salientar a intervenção portuguesa no estádio do Dinamo de Moscovo, durante o comício que assinalou o termo da guerra há quarenta anos, bem como o empenhamento demonstrado pelos jovens portugueses delegados ao XII Festival na construção de um monumento à vitória sobre o Nazi-Fascismo, lado-a-lado com delegados de outros países e que se localiza na colina «Poklonnaia», junto à principal avenida de Moscovo na direcção Oeste, por onde as tropas nazis tentaram entrar em 1941.

Diversos encontros bilaterais com dezenas de delegações participantes no Festival, foram também importantes momentos na troca de experiências com jovens de outros países.

Convívio e amizade

Correndo de Centro para encontro, ou de um espectáculo para o Tribunal Anti-Imperialista, a vida da delegação portuguesa em Moscovo foi uma intensa festa de convívio, amizade, solidariedade e intervenção política. A noite, com as várias actividades iam dispersando os pequenos grupos que haviam saído para os mais diferentes pontos da imponente cidade de Moscovo, o sono não vencia, apesar do cansaço que dia-a-dia se ia instaurando com maior pertinência. A alegria do convívio no âmbito da delegação bem como com as outras delegações, era por demais forte para que o dia terminasse desde logo. Nos quartos do magnífico hotel olímpico «Izmailovo», nos corredores, ou junto ao palco do Clube da Delegação Cubana, ali localizado, havia ainda tempo para a amizade e para um passadinho de dança, que a rumba contagiava.

Mas nem sempre o ponto de convívio se localizava no «Izmailovo». O Clube Português, partilhado com as delegações de Chipre, Malta, Espanha e San Marino, foi também local importante de convívio. Foi lá que a delegação portuguesa recebeu o convidado de honra português, presente ao XII Festival, o camarada Álvaro Cunhal, que assistiu à actuação dos Telectu, de Carlos Mendes e de Júlio Pereira, trocando impressões com os delegados portugueses ao longo da noite. Recebido com particular carinho, para muitos esse foi um dos importantes momentos de convívio.

Importante presença cultural e desportiva

Se a presença da delegação portuguesa marcou uma assinalável presença na área do debate político, igual realce merecem os artistas que compunham a delegação. Telectu, Júlio

Pereira e Carlos Mendes, abrangendo distintas áreas daquilo que em Portugal se vai fazendo no campo da música, viram as suas actuações devidamente assinaladas pelos órgãos de Comunicação Social soviéticos. O grupo Telectu, na área da música minimal repetitiva, deu um concerto para especialistas soviéticos, tendo ainda gravado um disco.

Júlio Pereira, por seu turno, levou até àquela que foi a capital da paz, as proezas da música popular portuguesa e dos instrumentos portugueses, tendo actuado diversas vezes, bem como Carlos Mendes que pôs multidões a dançar ao som das suas canções.

E, depois de vários concertos dados em estádios, salas e palcos de diferente ordem, coube aos músicos portugueses a honra de encerrarem a parte artística do Festival, no mesmo estádio Lênine onde da parte da tarde viria a decorrer o encerramento oficial do XII Festival.

Quando aos desportistas da delegação portuguesa, apesar de apenas o zadrzeista Fernando Silva ter participado na sua actividade específica, pode-se dizer que representou brilhantemente a delegação. Participando em diversas simultâneas de Xadrez, com 50 mestres da modalidade, entre os quais o campeão mundial Karpov, Fernando Silva saiu para a sua

participação com 10 partidas ganhas, 5 empates e 5 derrotas.

Adeus Festival

Dizer adeus pode ser simultaneamente agradável e triste. Agradável porque isso significa que houve primeiramente um encontro. Triste, porque esse encontro termina. Estes, certamente os sentimentos que dominaram a delegação portuguesa, quando chegou a hora do adeus ao Festival e, posteriormente a Moscovo.

Quando as luzes do estádio Lênine se apagaram, depois do facho olímpico se ter também extinto, o sentimento de que realmente o Festival estava a chegar ao fim começou a ganhar

forma. No entanto, o desfile de camionetas até ao hotel, marcado pelo acenar de braços que ao longo do trajeto milhares de moscovitas iam dirigindo para os delegados, bem como a última noite de festa no «Izmailovo», marcaram muito mais definitivamente o fim daqueles oito dias.

Nos olhos ficaram as cores e a alegria do desfile de abertura, da manifestação, bem como do encerramento. No coração o reconhecimento pela boa recepção, pelo calor e entusiasmo sentido nas ruas de Moscovo. Na mente a certeza de que a paz é possível se lutarmos por ela, se acreditarmos que há forças capazes de deter o Imperialismo e preservar a vida. ■



Alegria e entusiasmo na delegação portuguesa



Um encontro de amigos numa escola de Moscovo



— Falou-nos da luta do PCP e dos antifascistas portugueses contra a ditadura, falou do 25 de Abril e das transformações democráticas, da resistência à ofensiva contra-revolucionária... Foi nessa ocasião que decidimos orientar o trabalho do clube para um melhor conhecimento de Portugal — contou-nos Sónia Aleksándrovna Stershis, a jovem professora de inglês que tem estado à frente do clube a que foi dado o nome de Manuel Rodrigues da Silva, comunista falecido em 1968, após 23 anos passados nas prisões fascistas e sepultado em Moscovo, onde estava em tratamento.

O clube «Manuel Rodrigues da Silva»

Em 1977 começou a funcionar na escola 732 um clube de amizade internacional. Uma das suas primeiras iniciativas foi um encontro dos alunos com o camarada Pires Jorge.

— Foi-nos da luta do PCP e dos antifascistas portugueses contra a ditadura, falou do 25 de Abril e das transformações democráticas, da resistência à ofensiva contra-revolucionária... Foi nessa ocasião que decidimos orientar o trabalho do clube para um melhor conhecimento de Portugal — contou-nos Sónia Aleksándrovna Stershis, a jovem professora de inglês que tem estado à frente do clube a que foi dado o nome de Manuel Rodrigues da Silva, comunista falecido em 1968, após 23 anos passados nas prisões fascistas e sepultado em Moscovo, onde estava em tratamento.

É já da praxe comemorar o 6 de Março e o 25 de Abril. De vez em quando alunos da escola 732 escrevem aos Pioneiros de Portugal e até enviam ofertas conseguidas com muito carinho, como fizeram por altura do Ano Novo. Trabalho semelhante é o efectuado pelo clube «José Dias Coelho», da escola técnico-profissional n.º 47, e pelo clube «Avante!», da escola n.º 43 do Bairro Sudoeste, também em Moscovo. Também lá está o cantinho de Portugal no clube «Iuri Gagárin» do Palácio Central dos Pioneiros da capital soviética. Estes nossos grandes amiguinhos, trabalhando autonomamente, costumam encontrar-se às vezes nas iniciativas realizadas pela Associação URSS-Portugal e pelo colectivo dos estudantes portugueses na URSS. Anualmente os clubes das escolas 43

Pioneiros integrados na delegação portuguesa ao XII Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes fizeram uma visita que jamais esquecerão...

e 732 organizam uma romagem à campa de Manuel Rodrigues da Silva.

O encontro

Naquela manhã de terça-feira estava um sol lindo. Às dez horas os quinze ou vinte alunos da 732 andavam num reboliço com os últimos preparativos. Resolviam-se questões como a melhor maneira de oferecer as flores e os sacos de presentes, ensaiava-se mais uma vez uma dança popular para pular um pouco enquanto se esperava...

O Dima e a Vera contavam que nessa noite se tinham deitado mais tarde para fazerem os bolos para a festa. A Natacha, a Olga e a Ludmila deram um salto a casa para trazerem chaves: segundo o velho hábito russo, os doces seriam acompanhados de um cházinho bem quente. Os mais nervosos, que até eram os mais pequenos, não deixavam a berra da estrada, espreitando a tentar ver o autocarro...

— **Ai vêm eles** — E desataram numa alegre correria a anunciar a boa-nova, a chamar os que ainda estavam lá dentro, na escola, cá para o pátio. Os visitantes foram recebidos com todos os requintes da hospitalidade russa: o pão e o sal oferecidos pela Lília, com os votos sinceros de que se «sin-

tam como em vossa casa». Os sorrisos da criança toda, as melhores boas-vindas. Depois seguiu-se uma volta pela escola em férias, que deu para ver as salas de aula, as oficinas de trabalhos manuais, dar uma espreitadela no ginásio e na cantina, onde a mesa já estava posta.

Aqui é o laboratório, aqui é o museu da Grande Guerra-Pátria. A exposição foi feita com materiais recolhidos pelos alunos e professores e foca a batalha de Elnin, que dá o nome à rua onde fica a escola 732. E aqui é o museu da amizade luso-soviética.

No quadro vê-se uma reprodução da fotografia de Eduardo Gajreiro com o puto, a espingarda e o cravo de Abril e também um jornal de parede sobre a visita de uma delegação da Associação Portugal-URSS à escola. Lá no alto as paredes estão cobertas por cartazes portugueses. As vitrinas mostram Portugal: um mapa, livros em russo e português, jornais portugueses do tempo da clandestinidade e outros mais recentes, fotografias e ofertas dos pioneiros portugueses. O museu foi inaugurado por Pires Jorge em 9 de Fevereiro de 1981 e não tem parado de crescer. Então quais são os planos do clube para os próximos tempos?



— Gostaríamos muito — diz-nos Sónia Aleksándrovna — que fosse possível um maior estreitamento dos contactos com os nossos amigos portugueses. Queremos aumentar a quantidade de materiais do museu e preparar bons guias para tomarem o lugar dos que vão terminando os estudos. No caso de conseguirmos uma colaboração ainda melhor com os portugueses que estudam aqui em Moscovo poderemos concretizar o velho sonho de criar na escola um grupo de danças populares portuguesas. Numa palavra, faremos tudo para manter o trabalho que é já tradicional e para desenvolver novas formas de actividade, dando o nosso contributo para fortalecer a amizade entre os

povos da URSS e de Portugal e para tornar mais sólida a paz no mundo de todos nós. No clube «Manuel Rodrigues da Silva» disseram-nos ainda que gostariam de ter uma troca de correspondência mais ampla e mais regular com pioneiros e outras crianças portuguesas. Para quem estiver interessado fica aqui a morada: Escola N.º 732 — Clube «Manuel Rodrigues da Silva», Ulitsa Elninskaia, 10, Moscovo 121 467, União Soviética. Esta morada veio no bolso de muitos dos pioneiros que visitaram a escola no dia 30 de Julho. No coração da Ana, da Carmen, da Natacha, do Fernando Nuno, do Luís Miguel e de todos os outros ficará por muito tempo a recordação deste verdadeiro encontro de amigos em Moscovo.

■ Domingos Mealha



Checoslováquia

O papel dos colectivos de trabalhadores

A participação dos colectivos de trabalhadores na gestão das empresas checoslovacas tem quarenta anos. Já nos últimos dias da Segunda Guerra Mundial se formaram nos locais de trabalho comités de empresa. Nos primeiros meses do pós-guerra, quando ainda se estavam a formar as novas direcções de empresa, os comités procuravam eliminar os prejuízos da guerra e renovar a produção.

O decreto da presidência da República de 24 de Outubro de 1945 reconheceu os comités de empresa como porta-voz de todos os operários e de outros trabalhadores e o direito de controle e participação na gestão da produção. Este direito estendia-se, não só às empresas nacionalizadas mas também às empresas então pri-

vadas. Mais tarde o papel dos comités de empresa foi assumido pelas organizações de base do Movimento Revolucionário Sindicalista.

A organização sindical é, na actualidade, o instrumento mais importante da participação dos colectivos de trabalhadores na direcção das empresas. Esta participação surge sob di-

versas formas, que vai da colaboração com a direcção da empresa na resolução dos problemas que se vão colocando, à sua solução autónoma, em casos específicos.

Cooperação

As leis sobre a direcção das empresas impõem que seja facultada aos sindicatos a participação na preparação, redacção e controle de execução dos quinquénios e planos anuais. A direcção da empresa discute com o comité de empresa a introdução de nova tecnologia, a poupança de meios



materiais e financeiros e questões ligadas à organização de trabalho.

A direcção da empresa, em cooperação com a organização sindical, desenvolve todas as formas de iniciativa de trabalho e criatividade, apoia a emulação e ajuda os inventores e os trabalhadores que introduzem factores de melhoria nas condições e qualidade do trabalho. Nas reuniões de produção todos os trabalhadores podem apresentar as suas observações sobre o trabalho da organização.

Também no que respeita ao melhoramento das condições de trabalho, a direcção da empresa coopera estreitamente com os sindicatos. Os comités de empresa manifestam a sua opinião sobre o cumprimento dos regulamentos de segurança do trabalho e participam nas vistorias regulares que têm como objectivo evitar acidentes de trabalho e doenças profissionais. A direcção da empresa tem a obrigação de se aconselhar com os sindicatos no que respeita às instalações de saúde da empresa, escolha de local e condições de trabalho para deficientes, criação das condições mais favoráveis ao trabalho das mulheres, jovens e reformados. A direcção discute também, com o comité da empresa, as questões de assistência e habitação dos seus trabalhadores.

Mas nestes casos não é o sindicato que tem a última palavra.

Decisão conjunta

Muitos outros problemas, entretanto, obrigam a uma aprovação conjunta da direcção da empresa e do sindicato.

Referimos alguns exemplos.

A direcção da empresa não pode, sem a aprovação do sindicato, transferir um trabalhador para outro local de trabalho. O mesmo se passa quando está em causa um despedimento.

A direcção da empresa necessita igualmente da aprovação do sindicato para proceder a uma reformulação do horário de trabalho, nomeadamente quanto aos limites, intervalos diários e disposições excepcionais relativas a feriados. A direcção da empresa e o sindicato decidem em conjunto quando se trata de problemas de férias. A aprovação dos sindicatos é indispensável quando se trata da publicação do regulamento do trabalho, alterações no sistema de salários, normas

de trabalho, prémios, distribuição de dividendos em função dos resultados económicos da empresa.

Carece também de decisão conjunta a ajuda para a construção de casas de habitação dos trabalhadores e distribuição de habitações pertencentes à empresa. Os comités de empresa têm ainda o direito de resolução quanto à compra, reconstrução e funcionamento de instalações recreativas da empresa.

Em síntese, os sindicatos têm uma palavra — decisiva — a dizer, sempre que estão em causa os interesses dos trabalhadores e dos colectivos de trabalho.

Decisão autónoma

Alguns problemas são da exclusiva competência dos sindicatos — ou seja, independentemente do ponto de vista da direcção da empresa. O comité da empresa tem o direito, por exemplo, de proibir a continuação da laboração, se esta pode pôr em risco a vida e a saúde dos trabalhadores.

Os sindicatos têm um largo campo de decisão em questões ligadas ao subsídio por doença, decidindo autonomamente quando há dúvidas quanto ao direito ou aos quantitativos do subsídio. São também da competência dos sindicatos algumas questões relacionadas com as férias. Os sindicatos têm o direito de proibir horas extraordinárias ou os turnos da noite. Por outro lado, formam e dirigem as comissões arbitrais que decidem sobre os conflitos laborais.

Um elemento importante da participação dos trabalhadores na gestão são os contratos colectivos de trabalho. Nestes contratos especificam-se os encargos colectivos da produção, os meios que estarão disponíveis, as condições de trabalho e de salário. **A proposta de contrato colectivo de trabalho é apresentada e depois aprovada na reunião colectiva dos sindicalistas.**

Está implícito nas conclusões do 15.º plenário do CC do Partido Comunista da Checoslováquia, realizado em Junho de 1985, que o sistema de gestão continuará a aperfeiçoar-se no sentido de uma crescente participação dos trabalhadores, e reforço do seu interesse no aperfeiçoamento da produção. ■



a TV

O «Indigitado» anda na brecha...

O dr. Soares praticamente desapareceu da circulação na TV. Está a ver se o esquecem. Cálculo viciado de quem tem a consciência pouco tranquila...

Agora, quem lhe faz o frete é o dr. Almeida Santos. Além do mais, lá pela rua da Emenda a confiança na incontinência do dr. Soares não é muita. A ausência do «consequimos» tem duas vantagens: evita maior erosão da sua imagem e impede que ele, como é seu hábito, meta mais a pata na poça, de forma drasticamente comprometedoramente...

Neste aspecto, porém, o dr. Santos também já possui um excelente reportório.

Esperem pela pancada. Prognóstico ao «indigitado» primeiro-ministro um trambolhão de todo o tamanho.

Mas nem só o dr. Almeida anda na brecha, por motivo da diarreia do «boss». Outros falam por ele...

Soares, motor da reacção

Por exemplo, o dr. Eduardo Pereira. Pois, pois...

Ei-lo respondendo a uma diatribe do dr. Cavaco. Em «abono» do PS, diz que ninguém tanto se tem oposto ao Partido Comunista como a gente de Mário Soares...

Assim prossegue a competência entre as forças da Direita para disputa dos «direitos de autoria» anticomunistas.

Ora não pense o dr. Cavaco que é mais anticomunista que o dr. Soares. Este apresenta, por intermédio do «senhor Pois-Pois», atestado muito vantajoso. Ao lado da inevitável lembrança da «Fonte Luminosa», em que Mário Soares uniu à sua volta a escumalha fascista, surge a declaração de que foi o PS quem serviu de motor ao célebre «Verão quente de 75!».

Registe-se a confissão. Que os democratas, que os verdadeiros socialistas parem um instante para meditar.

A gravíssima afirmação não parte de ninguém exterior ao PS. Quem o confessa é um alto responsável daquele partido, braço direito do Soares.

Pois, pois...

Os «inimigos» amiguinhos

A dança dos partidos na televisão constitui uma farsa colossal. Não se trata de uma cavalgada das valquírias pela única e simples razão de as pobres valquírias não terem culpa da ofensa...

O PS ataca o PSD, para apanhar uns votozinhos «sociais democratas». O PSD ataca o PS para diminuir a aura direitista do dr. Soares. O CDS ataca o PS para levantar à direita o pendão anti-socialista (!) e ataca o PSD apresentando-o como cúmplice de uma «política socialista» que tem arruinado o país...

São todos beras. Todos se acusam, todos se denunciam, todos se maltratam. Mas a «violência» das acusações nunca é decisiva: as intervenções acabam, em regra, pela declaração conciliadora de que, depois das eleições, as coligações entre eles se mantêm plenamente como projecto em vista.

Ou seja: os três inimigos são muito amiguinhos. E assim, dia a dia, na TV, prossegue o espectáculo do convite à irresponsabilidade do voto. Não é uma televisão: é um negócio de créditos mal parados...

Vá, ao menos um pouco de vergonha!

Às vezes, ouvindo os representantes dos três partidos mais comprometidos no descalabro político, económico, social, moral do nosso país, julgamos estar a assistir a uma história do outro mundo.

Foi o que sucedeu com aquele inflamado discurso do dr. Cavaco.

Primeiro, o protesto contra os insultos que o PS tem dirigido à pessoa dele.

Depois, a declaração de que, no respeitante aos debates em projecto, ele só estava disponível para se confrontar com o dr. Almeida Santos. Questão de idiosincrasia...

Finalmente — pasmem! — a afirmação de que ele, Cavaco, «nada tem a ver como governo PS/PSD...»

Vá, meus senhores, um pouco de compostura mental. Se não acreditam na inteligência dos portugueses, ao menos finjam um pouco...

■ **Ulisses**

...Síntese... semanal da IMPRENSA

Almeida Santos: na contra-revolução somos os maiores

Apesar de não dizer nada que antes outros soaristas — a começar por Mário Soares — já não tenham dito com igual franqueza, na entrevista ao «Expresso», de passado sábado, Almeida Santos voltou a ilustrar cristalivamente que a par de imensas coisas em que o PS não pode ser levado a sério, há, entretanto, uma que o PS diz que merece que os democratas a encarem com a máxima seriedade: é quando o PS (com a sua direcção soarista) se gaba, ufano e arrogante, desavergonhado e brutal, de, em matéria de política contra os trabalhadores, contra as conquistas de Abril, contra o regime democrático, ter ido muito mais longe do que a AD, do que o PSD aliado ao CDS.

Como a despurada gabarolice tem razoáveis fundamentos, então há que dela tirar todas as consequências políticas. E eleitorais.

O «mauzão» do Cavaco é que quer...

• «Por exemplo, o prof. Cavaco Silva liberalizará os despedimentos. Bem, isso só resolverá os problemas de alguns empresários: mas cria problemas a milhares de trabalhadores. Segundo: ele vai com certeza reconstituir os latifúndios da Reforma Agrária!»

— Almeida Santos, entrevista ao «Expresso», 31.8.85

...mas o «bonzinho» do PS também está frustradote

• «Foram eles (PSD) que inviabilizaram os dois últimos pacotes legislativos fundamentais para o futuro do País: o laboral e o agrícola.»

— Almeida Santos, idem

O caso do fiel da balança...

• «Porque nós temos sido sempre um factor de equilíbrio entre os extremos: ou porque o PC puxa e quer empurrar o país para a esquerda, ou porque o PSD e o CDS querem empurrar o país para a direita... temos sido o fiel desta balança, o árbitro desta contenda.»

— Almeida Santos, idem

...que estava feito com o prato da direita

• «Repare que quando a AD esteve três anos no Governo — e o PSD já lá está há seis, não se esqueça — anunciou que ia fazer grandes mudanças e foi assim que ganharam as eleições. Mas não mudaram coisa nenhuma. As grandes reformas, significativas e totais, foram feitas por nós. Ou sozinho, ou com eles. Mas conosco. Eles sozinhos não fizeram nenhuma. Não fizeram a delimitação dos sectores, não fizeram a lei dos arrendamentos, não abriram a banca e os seguros ao

capital privado, não fizeram a lei de segurança interna. Não fizeram nada!»

— Almeida Santos, idem

Alto e pára o baile: a locomotiva é o PS!

• «O PSD tentou convencer o País, e ainda agora tenta, de que no último governo ele era a locomotiva e nós a carruagem. Mas foi sempre o contrário. (...) Nós a carruagem?, Não, nós fomos sempre a locomotiva deste país!»

— Almeida Santos, idem

Coligações? Agora não que há eleições

• «Admito até que os outros partidos queiram empurrar o PS para um governo minoritário. Nós não fugiremos a isso» (...)

— Almeida Santos, idem

Coligações? Agora sim que acabaram as eleições

• (...) Mas só depois do conjunto das eleições é que é possível pensar-se numa coligação. Porque nessa altura a razão que levaria os partidos a não quererem coligar-se desapareceu.»

— Almeida Santos, idem

Já prometi, mas não faço!

• Exp. — E quanto ao seu Governo?

A. S. — Simplificação, antes do mais...

Exp. — A história do ponto final no papel selado, é isso?

A. S. — Não. O papel selado era apenas uma imagem.»

— Almeida Santos, idem

As vedetas e o debate das ideias

• (...) Enquanto se não ultimam os programas eleitorais e os tempos de antena não são oficialmente distribuídos, os líderes políticos, em especial os que dividem o poder entre si e aparentemente se encontram em melhor posição para disputarem o primeiro lugar a 6 de Outubro, não deixam de fornecer elementos sobre as respectivas estratégias, pelas vias a que cada um tem acesso mais facilitado. As-

sim, se descontarmos o «desvio» da última semana em direcção ao CDS, Cavaco Silva quase se limita a repetir o discurso de responsabilização do PS que adoptou em Maio na Figueira da Foz. Na sua qualidade de «novo líder», esforça-se por outorgar-se uma certa virgindade, como se o partido que dirige fosse inteiramente outro e absolutamente alheio ao Executivo dos últimos dois anos. E se alguma coisa merece aplauso, na actividade governativa, logo induz o auditório na convicção de que só por pressão dos sociais-democratas tal foi possível. Globalmente, porém, comporta-se como se o PSD estivesse na oposição desde 1980, ano a que vai buscar todas as energias e os aínais da orientação que se propõe retomar, com o retrato de Sá Carneiro em fundo, indicando-lhe o caminho a seguir.

(...)

• O «candidato do PS a primeiro-ministro» procede, no entanto, como Cavaco quando imputa ao seu parceiro de ontem — e de hoje ainda — a responsabilidade exclusiva do que correu mal. Num outro ponto, as tácticas de ambos se comparam: o intuito de efectuar campanhas extremamente personalizadas. E assim convidam à dedução de que, pelo menos no que diz respeito os dois partidos, as eleições são concebidas não como momento propício ao debate de ideias e de políticas distintas, mas como mero contraste, em branco e negro, de acusações recíprocas; não como ocasião para apresentar ao eleitorado os cidadãos que em cada círculo vão representá-lo no Parlamento, mas como simples combate entre vedetas de primeiro plano. Em suma, quase se esquece que os Portugueses vão eleger deputados e que essa é a razão primeira da chamada às urnas.

— Nota editorial do «Diário de Notícias», de 2.9.85



um lançamento do centro do livro e do disco na festa do

Avante!

Julius Fučík nasceu a 23 de Fevereiro de 1903, em Praga, filho de um operário. Aos dezoito anos de idade fillou-se no Partido Comunista Checoslovaco, trabalhando desde jovem como jornalista comunista.

Quando, depois do golpe traçador de Munique, os reaccionários ocidentais aliados à nossa burguesia, entregaram a Checoslováquia a Hitler, Julius Fučík não deixou de combater nas fileiras do Partido Comunista clandestino. No dia 24 de Abril de 1942, foi preso durante uma reunião libertou os prisioneiros do campo de concentração, regressou a Praga. Buscando o meu marido, soube então que fora executado à pressa. Soube também que, na prisão da Gestapo de Praga, Julius Fučík havia escrito em segredo. Pouco a pouco, conseguiu reunir as folhas do seu manuscrito, trazido secretamente para fora da prisão e guardado pela boa gente checa. É o livro que Julius Fučík intitulara TESTAMENTO SOB A FORÇA.

Gusta Fučíkova

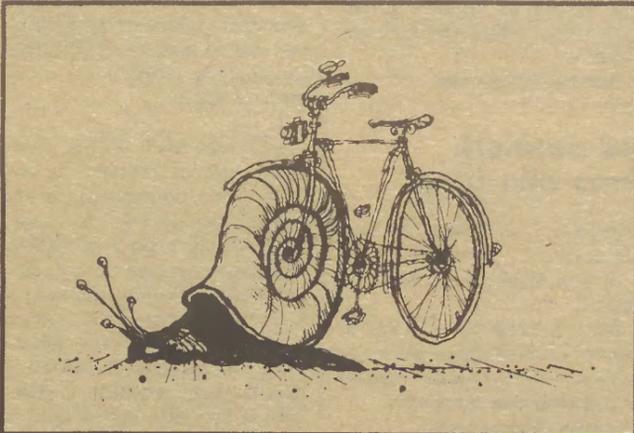
edições
Avante!

Democracia à moda da direita

Os dirigentes dos partidos da direita passam a vida a fazerem denodados esforços para fingirem que são uns grandes democratas. Mas, quase sem eles darem por isso, frequentemente o verniz salta e fica à mostra o verdadeiro perfil das suas convicções políticas. Isso tem sido bem visível a propósito da polémica sobre os debates na RTP. Já aqui citámos declarações do dirigente do CDS Gomes de Pinho: «o debate verdadeiramente real deveria ser travado entre Cavaco Silva e

Lucas Pires, pois é entre os dois líderes que será decidida a liderança e a chefia do próximo Governo».

É esta, pois, a «verdadeira realidade» que o CDS pretende impor. Mas eis que Cavaco entra na liça, recusando-se a ir à televisão com os líderes dos partidos da oposição e justificando-se assim: «Quando os portugueses forem votar em 6 de Outubro não vão escolher entre os partidos que se candidatam mas sim entre o PSD e o PS liderados em termos de Governo por mim e por Almeida Santos». Mas que grandes democratas!



O «Tempo» e a Festa

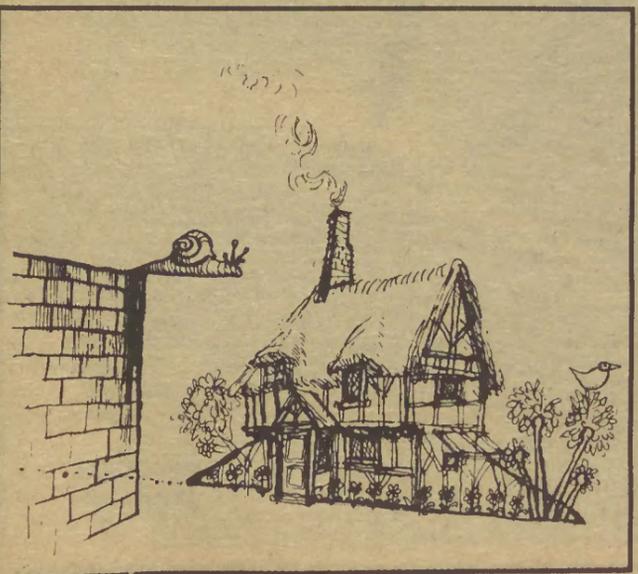
Toda a gente conhece a forma carinhosa e gentil como a RTP trata o PCP e as suas iniciativas. Não é preciso ser comunista para não ter dúvidas acerca disso. Mas eis que no **Tempo** apareceu uma notinha «confidencial» queixando-se, imagine-se, da forma como a RTP está (e passamos a citar) «a colaborar lindamente na Festa do **Avante**: reportagens, entrevistas com Dias Lourenço, propaganda».

A notinha, como se vê, é completamente parva, não só porque aquilo que diz é obviamente falso (quais reportagens, quais entrevistas, qual propaganda? Referir-se-á o **Tempo** à simples — e pobre — cobertura de uma conferência de imprensa?) como depois, ainda por cima, e sugerindo comparações, se lamenta do desigual tratamento televisivo que é dado ao **Tempo** quando o semanário comemora os seus aniversários, pormenorizando: «Um concerto com a Sinfónica da RDP só foi transmitido pela RTP depois de esforços sobre-humanos que incluíram a boa-vontade do Dr. Palma Carlos. Mas quando se trata do **Avante** — avante camaradas do Telejornal!» (sic).

Pela nossa parte, achamos bem que o semanário de Nuno Rocha promova concertos no dia de anos, achamos excelente que a RDP colabore e achamos óptimo que a RTP transmita. Têm mais sorte do que nós: infelizmente, para estas e para outras coisas nunca pudemos contar com a «boa-vontade» do dr. Palma Carlos.

Mas quanto a comparações entre a Festa do **Avante** e as festinhas de anos do **Tempo**, francamente... Aliás, aquela meia dúzia de linhas só se explica pelo mal disfarçado desejo do autor de que a RTP ainda fosse mais discriminatória em relação ao PCP do que aquilo que já é; e a sua *deixa* de que o Telejornal está cheio de comunistas é de fazer rir o mais martirizado e sisudo dos telespectadores.

O mais curioso, porém, é que na mesmíssima edição do **Tempo**, na rubrica de música, se preenche toda uma página com uma interessante retrospectiva crítica dos dez anos da Festa do **Avante** — prosa esta que, só por si (e apesar de se debruçar exclusivamente sobre o aspecto musical) mostra como a tal notinha é ridícula e disparatada. Não há dúvida: alguns colunistas da nossa praça ficam completamente cegos pelo anticomunismo. São cada vez menos, mas ainda há alguns.



Pontos Cardeais



Leitura comparada

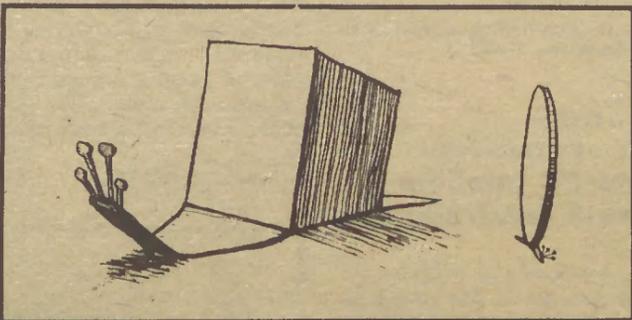
A agência Notícias de Portugal distribuiu um trabalho da autoria de Otilia Leitão acerca da velha questão da propaganda eleitoral na via pública, da indiscriminada colagem de cartazes nas paredes, etc.

Na passada segunda-feira, o leitor do **Diário de Lisboa** encontraria a prosa numa página par, com o título «Vem aí o "lixo eleitoral"». Nesse mesmo dia, um outro vespertino, **A Tarde**, publicava o trabalho também com o mesmo título, mas na contracapa e enriquecendo-o com três subtítulos, um dos

quais dizia: «Vale tudo menos tirar olhos».

Mas o trabalho não era inédito. Já na véspera ele tinha vindo a lume na edição dominical de **O Dia**, o qual lhe dedicara uma manchete a toda a largura do alto da primeira página, clamando: «Partidos preparam o lixo da política», com o antetítulo «As ruas e edifícios emporcalhados da ocidental Lusitânia». Quanto ao artigo propriamente dito vinha numa página ímpar, dentro de uma caixa, com o antetítulo «Mais um lixo a juntar a tantos outros...» e o título «Vem aí a porcaria eleitoral».

A leitura comparada dos jornais proporciona por vezes estas coisas interessantes.



Moscovo: os números do Festival

Ainda durante muito tempo perdurarão as recordações desse grande acontecimento a nível internacional que foi o Festival da Juventude. Principalmente para quem teve a oportunidade de, nessa altura, estar em Moscovo... Como foi precisamente o caso da jornalista e do estudante de jornalismo cujos trabalhos hoje publicamos (ver **Em Foco**). Entretanto, foram divulgados em Moscovo alguns números relativos ao grande acontecimento, e que bem reflectem a sua invulgar dimensão. Ora reparem:

- Participaram mais de vinte mil delegados de 154 países e Berlim-Oeste e 83 organizações regionais e internacionais, entre as quais a ONU, UNESCO e a UNICEF.

- Realizaram-se mais de três mil iniciativas políticas diferentes. Em cada hora realizaram-se simultaneamente quinze iniciativas. Em 57 comícios de solidariedade tomaram parte 1 milhão de pessoas. Nas mesas-redondas, debates, etc., fizeram-se cerca de 5 mil intervenções.

- Vinte mil artistas profissionais e amadores actuaram nos diversos espectáculos.

- Durante o Festival estiveram em Moscovo 24 mil turistas.

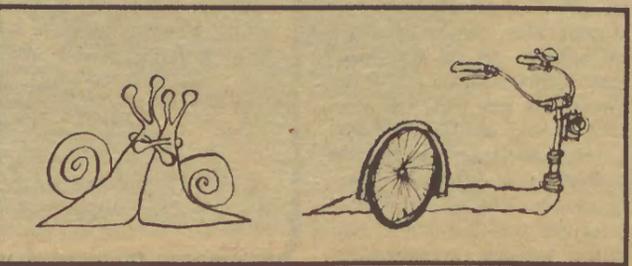
- 120 fábricas e empresas foram visitadas por delegados.

- Cem mil pessoas assistiram a cada uma das cerimónias de abertura e encerramento.

- Crianças de 50 países participaram no programa infantil.

- Serviram-se 2500 menus diferentes em 300 restaurantes para os delegados.

- Foram produzidos 4600 tipos de objectos diferentes com o símbolo do Festival.



Gazetilha

por Ignotus Sum

I

Soarice e Cavaquice andam em competição para ver quem é a «miss» das salas da reacção — o Soares e o Cavaco a jogarem taco a taco...

O Soares ao patronato faz olhinhos, diz assim: — Tenho currículo exacto, senhores, votem em mim e se eu ganhar, hão-de ver não se vão arrepender...

Mas logo atira o Cavaco para as gentes do dinheiro: — Ao pé de mim, um pataco não vale o Soares inteiro. Eu sou mais, juro com fé, sou mais vosso do que ele é.

O povo pensa depois que bem ouve e que bem olha: — Soares, Cavaco... Dos dois que venha o diabo e escolha...

II

Soares no cartaz diz **Conseguimos!** Propaganda tão suja nunca vimos...

Com isso pretendia-se uma história de vantagem, de vaidade, de vitória,

mas, por todo o país, o povo o que é que faz? Por sua própria mão vai ao cartaz

e escreve em letra grande, firme e séria, «o desemprego, a fome e a miséria»...

Ficou danado o Soares, Abrenúncio! E já se diz que vai mandar tirar o anúncio.

De nada lhe serviu a esperteza e a batota: quem luta contra o povo está condenado à derrota.

III

Diz o PSD: «Que tal está o enguiço! A culpa? Eu cá nada tenho com isso...»

E diz o CDS: «Eu cá passo o serviço: nada tenho com isso, nada tenho com isso...»

Torna o PS: «Sou um partido castiço A Crise? Eu cá nada tenho com isso...»

Ninguém fez mal. Oh cousa extraordinária!, ninguém atacou a Reforma Agrária!

Ninguém desgovernou, na euforia de espalhar a doença e a carestia...

PS, CDS, PSD: dos manos não foi nenhum: foram os marçianos...

IV

Pode vir o furor da tempestade ou doer o marasmo perturbante pode o medo invadir toda a cidade: há-de o Partido seguir sempre avante!

Pode às vezes difícil a verdade o seu caminho achar em cada instante mas ninguém dobrará nossa vontade: sempre o Partido há-de dizer avante!

Nós não somos um grupo, um bando, um clã. Nós somos a vanguarda consciente da classe popular e triunfante.

Ao Sol das nossas mãos nasce a manhã. E quem mais desejar saber de nós venha connosco à festa do AVANTE!

Agência

Avante!

Ano 53 - Série VII
N.º 610

5 de Setembro de 1985

4.º Caderno

Não pode ser vendido
separadamente

Sexta Sábado Domingo

Exposição internacional de gravura

...a exposição internacional de gravura...



...a gravura na V Bienal

6, 7 e 8 Setembro 1985 - Alto da Ajuda



ESPECTACULOS

RAÍO MACAU 21:00 h	ORQUESTA DE CÁMARA DE ESLOVÁQUIA 21:00 h
RAÍO MACAU 22:30 h	RAÍO MACAU 22:30 h
RAÍO MACAU 23:00 h	RAÍO MACAU 23:00 h
RAÍO MACAU 23:00 h	RAÍO MACAU 23:00 h

V BIENAL

...a exposição internacional de gravura...



Cidade Internacional



CIDADE DO DESPORTO



Pavilhão Central



Colóquios na Festa



Grid of posters for 'Festa do Avante!' featuring various graphics and text.

festas do Avante!

TV O Programa

Quinta
RTP1

- 12.00 — Notícias
12.05 — 12/13
12.45 — Notícias
13.00 — Telenovela: «Vila Faia», 87.º Ep.
18.00 — Tempo dos Mais Novos, «As Aventuras de Marco Polo»
18.35 — Notícias
18.50 — Desporto
19.15 — Mulheres no Mundo: Japão, 3.º programa
19.55 — O Livro Grande de Petete
20.00 — Telejornal
20.27 — Bol. Meteorológico
20.25 — Telenovela: «Louco Amor», 45.º Ep.
21.40 — Informação Especial
22.40 — A Bela Otero, 4.º Ep.
23.45 — Último Jornal

RTP2

- 19.32 — Desenhos Animados: «Recruta Bailey»
20.00 — Conheça Melhor: «A Áustria»
20.30 — Série: «O Misterioso Dr. Cornelius», 5.º Ep.
21.35 — Encontros com... A cantora Elvira Arches, é entrevistada pelo actor Rui de Carvalho
22.30 — Jornal da Noite

Sexta
RTP1

- 12.00 — Notícias
12.05 — 12/13
12.45 — Notícias
13.00 — Telenovela: «Vila Faia»
18.00 — Tempo dos Mais Novos: Animação: «Frank Tashlin animador»
18.35 — Notícias
18.50 — Documentário Urti: «Rafael», 1.ª Parte
19.55 — O Livro Grande de Petete
20.00 — Telejornal
20.27 — Bol. Meteorológico
20.35 — Telenovela: «Louco Amor»
21.25 — Som directo: com Jorge Fernando e Alexandra
22.30 — Série: «A Vida de Jesse Owens», 4.º e último ep.
23.30 — Último Jornal

RTP2

- 19.30 — Desenhos Animados
20.05 — Recordações: 13.º Ep.
21.00 — Directo/2: Debate sobre o ensino e a divulgação da música erudita em Portugal
22.30 — Jornal da Noite

Sábado
RTP1

- 13.00 — Tempo dos Mais Novos: «A Arca de Noé» e «Circollé»
14.00 — O Pai Murphy, 34.º Ep.
14.50 — Revista de Touros
15.30 — História dos Metais e do Homem: «O Centro Pompidou em Paris», último episódio
16.30 — Eurovisão: Esqui náutico — Campeonato do Mundo em Toulouse
17.30 — Programa da Direcção de Informação
18.30 — Série: «Separados pela Espada», 10.º e último ep.
19.45 — Totoloto
20.00 — Telejornal
20.27 — Bol. Meteorológico
20.35 — Série: «Fawly Towers», 1.º Ep.
21.00 — O Bem Amado, 9.º Ep., «Petropira»
21.50 — Aplauso: «The Temptations»
22.45 — Último Jornal
23.00 — Sábado Especial: «O Fim», Real. Burt Reynolds» (EUA/1978)

RTP2

- 18.30 — Troféu: inclui a final do Grande Prémio de Atletismo em Roma
22.00 — Animação: «Luta Pela Sobrevivência», «O Jardim de Porky» «A Horta» e «O Criceto»



- 22.30 — A História do Vietname, 6.º e último ep.

Domingo
RTP1

- 10.30 — 70 Vezes 7
11.00 — Missa
12.00 — Tempo dos Mais Novos: «Era uma vez o Espaço» e «O Cão Vagabundo»
13.05 — TV Rural
13.45 — Automóbilismo — Grande Prémio de Fórmula 1 de Itália
16.00 — Fórmula J
17.30 — Eurovisão: Esqui náutico, Campeonato do Mundo em Toulouse
18.35 — No Mundo dos Fraggles
19.00 — Top Disco
20.00 — Telejornal
20.27 — Bol. Meteorológico
20.30 — Coimbra sem Tempo: «Evolução das raízes musicais coimbrãs»
21.00 — Série: «O Grande Senhor», 4.º Ep.
22.00 — Domingo Desportivo
23.00 — Último Jornal

RTP2

- 18.45 — Novos Horizontes
19.15 — Nós... Por cá
20.00 — Adágio
20.30 — Canal Livre: autarquias, o novo pelouro do poder feminino
21.30 — Cine Clube: «Sílvia e o Fantasma», Real. Claude Autant-Lara (França/1945)

Segunda
RTP1

- 12.00 — Notícias
12.05 — 12/13
12.45 — Notícias
13.00 — Telenovela «Vila Faia»
18.00 — Tempo dos Mais Novos «A Volta ao Mundo com Willy Fog»
18.35 — Notícias
19.25 — Desportivamente
19.25 — O Mundo da Ciência 7.º programa
19.55 — O Livro Grande de Petete
20.00 — Telejornal
20.27 — Bol. Meteorológico
20.35 — Telenovela «Louco Amor»
21.25 — Campeonato Amador de Danças Latino-Americanas
23.00 — Último Jornal

RTP2

- 19.30 — Desenhos Animados «Serafim Agente Secreto»
20.00 — O Povo e a Música «Rosas do Iena»



- 20.30 — Noite de Teatro «Sonho de Uma Noite de Verão» peça de: Shakespeare
22.15 — Jornal da Noite

Terça
RTP1

- 12.00 — Notícias
12.05 — 12/13
12.45 — Notícias
13.00 — Telenovela «Vila Faia»
18.00 — Tempo dos Mais Novos «Bell e Sebastião»
18.35 — Notícias
18.55 — Século XX «O Mundo em Guerra» 19.º Ep.
19.55 — O Livro Grande de Petete
20.00 — Telejornal
20.27 — Bol. Meteorológico
20.35 — Telenovela «Louco Amor»
21.10 — O Corpo Humano, 18.º Ep.
21.45 — Actual
22.45 — Tudo em Família, 68.º Ep.
23.15 — Último Jornal

RTP2

- 19.30 — Desenhos Animados «As Novas Aventuras de Zorro»
20.00 — Videopolis, 4.º programa
20.25 — O Mundo em Guerra «Portugal 1939/45»
21.00 — Sessão das Nove «Atlantic City, USA», Real: Louis Malle, (1980/Canadá-França)
22.50 — Último Jornal

Quarta
RTP1

- 12.00 — Notícias
12.05 — 12/13
12.45 — Notícias
13.00 — Telenovela «Vila Faia»
18.00 — Tempo dos Mais Novos «Enquanto é Tempo»
18.55 — Tránsito
19.25 — Telemundo
19.55 — O Livro Grande de Petete
20.00 — Telejornal
20.27 — Bol. Meteorológico
20.30 — Vamos Jogar no Totobola
20.45 — Telenovela «Louco Amor»



- 22.05 — Noite de Cinema, «Mentira Maliciosa» Real: Alexander Mackendrick, (EUA/1957)
23.40 — Último Jornal

RTP2

- 19.30 — Desenhos Animados «As Misteriosas Cidades do Ouro»
20.00 — A Arte e as Coisas «A Poética do Protesto»
20.30 — O Mundo em Extinção 21.º Ep.
21.35 — Itinerários Artísticos «De Milão a Bréscia», 5.º programa
23.30 — Jornal da Noite

Livros

Viagem a Portugal; José Saramago, Coleção «Na estrada do futuro», Editorial «Caminho», Preço 2 000\$00

«Conhecer um país é aprender, de modo tanto quanto possível exacto, a sua paisagem, a sua cultura, o povo que o habita. Quase sempre, porém, o interesse do viajante é atraído, senão suscitado, pelos caminhos habituais e pelas imagens conhecidas, com exclusão, portanto, daqueles factores de aventura e imprevisível que são, afinal, o verdadeiro sabor da viagem.»

Estas considerações estão na badana de «Viagem a Portugal» para advertir o leitor de que não está em presença (nem o deve esperar) de mais um roteiro, de um livro que se limita «às já fatigadas impressões sobre os lugares-comuns do turismo». É, na verdade, uma viagem autêntica pelo País, vivida e narrada por José Saramago e constituindo, como ele próprio diz, a «história de um viajante no interior da viagem que fez, história de uma viagem que em si transportou um viajante, história de viagem e viajante reunidos em uma procurada fusão daquele que vê e daquilo que é visto, encontro nem sempre pacífico de subjectividades e objectividades».

Uma história, portanto — o que não significa que se trata de uma obra de ficção, nem um trajecto puramente literário a pretexto de uma viagem. Tratar-se-á, antes, de uma viagem feita e contada com a atenção, sensibilidade e criativa observação de um escritor como José Saramago, que depois tudo plasmou num livro — este livro — em jeito de crónica de viagem e no seu jeito de escrita cujos talentos são soberbamente conhecidos.

Não se julgue, no entanto, que «Viagem a Portugal» trilha caminhos ao acaso (embora também o faça) e põe de lado as rotas conhecidas. O viajante traçou a partida um itinerário minucioso, assinalando terras e gentes, culturas e paisagens, memórias e tradições, monumentos e patrimónios que dão expressão ao país que somos, explicação ao imaginário que temos. E à realidade que vivemos, de norte a sul do território continental. Juntando-lhe o que a sensibilidade descobriu ou quis descobrir, para além das tais rotas fatigadas do turismo.

A viagem começa pela ponta de cima, «De Nordeste a Noroeste, Duro e Dourado», como referencia o autor em subtítulo, ao qual se juntam, sucessivamente, os seguintes: «Terras Baixas, Vizinhas do Mar», «Brandas Beiras de Pedra, Paciência», «Entre Mondego e Sado, Parar em Todo o Lado», «A Grande Ardente Terra de Alentejo», «De Algarve e Sol, Pão Seco e Pão Mole». São maneiras de dizer que o que se segue dá pano para mangas. E gosto de ler, acrescentamos nós, porque a seguir a cada subtítulo surgem, como peças de um puzzle vivo, todas as «fatias» que, somadas, dão o País e, lidas, dão o prazer de o conhecer. Ou reconhecer. Ou descobrir.

Pano para mangas, dissemos nós. De facto em «Viagem a Portugal» não há cidade importante, região característica, memória histórica-cultural significativa que não estejam vistas e contadas, ao lado de muitas outras que



se desconhecem ou para que faltou a atenção necessária à sua descoberta. Com o autor, melhor dizendo, com o viajante, vamos País dentro e País fora à cata e ao encontro de História com histórias, de preciosidades culturais com bilhete de identidade e sem ele, de registos adormecidos e testemunhos pujantes de vida, de um contacto transfigurador e simultaneamente objectivo com a memória e o quotidiano do povo que somos. Não é turismo, é visita. Não é passagem pelas coisas que só deixa um rasto fotográfico a enterrar num álbum: é encontro pessoal, empenhado, com a realidade portuguesa ao longo de um vasto e completo itinerário.

Não tem cabimento respigar do livro apreciações ao Minho ou ao Alentejo, ao Grande Porto ou a Trás-os-Montes, para ilustrar a apresentação de um texto que fala disso e de muito, muito mais: fala de todo o País. O que vale mesmo a pena é ler e saborear «Viagem a Portugal», sem mais preâmbulos e acompanhando o viajante na intimidade de uma visita que é pessoal e, desta vez, absolutamente transmissível. Além disso, como diz o próprio José Saramago, no final do seu breve prefácio:

«Tome o leitor as páginas seguintes como desafio e convite. Viage segundo um seu projecto próprio, dê mínimos ouvidos à facilidade dos itinerários cómodos e de rasto pisado, aceite enganar-se na estrada e voltar atrás, ou, pelo contrário, perseverar até inventar saídas desacomodadas para o mundo. Não terá melhor viagem. E, se lho pedir a sensibilidade, registre por sua vez o que viu e sentiu, o que disse e ouviu dizer. Enfim, tome este livro como exemplo, nunca como modelo. A felicidade, fique o leitor sabendo, tem muitos rostos. Viajar é, provavelmente, um deles. Entregue as suas flores a quem saiba cuidar delas, e comece. Ou recomece. Nenhuma viagem é definitiva.»



Utilidades & variedades

Planeta Terra

O pólo magnético sul ao largo da Argentina, Lisboa em Hong-Kong e os Urais em Paris parecem, à partida, hipóteses avançadas num qualquer romance de ficção futurologista; ideias saídas de uma cabeça demente ou de uma criança a quem se pede que aponte no globo a sua terra; ainda antes de saber que a Terra é redonda. Mas será mesmo assim? Recentemente, dois navios oceanográficos soviéticos, o «Admiral Vladimírsk» e o «Faddei Bellinghausen» foram protagonistas de uma viagem de circum-navegação que trouxe resultados inesperados.

Estes dois navios seguiram a rota traçada pelos navegadores que, na viagem que empreenderam em 1819/1821, descobriram a Antártida. Foi então que os cientistas soviéticos fizeram uma importante e inesperada descoberta: em apenas oito anos, o pólo magnético sul deslocou-se cem (100) quilómetros para no-este.

Uns tempos antes desta descoberta, paleomagnetólogos — cientistas que estudam a magnetização das rochas e a sua variação através da coluna geológica — australianos chegaram à conclusão de que há cerca de 1,6 biliões de anos, o raio da Terra era pouco mais de metade do que mede actualmente. Estes cientistas concluíram também

verticalmente — como o atestam a formação de ilhas ou o nascimento de novos vulcões —, mas também horizontalmente.

Os montes Urais, que são tidos como fronteira entre a Europa e a Ásia, estão a aproximar-se lentamente do Ocidente. Se é verdade que a sua velocidade de cruzamento é de apenas três a cinco centímetros por ano, desde a sua formação, há 200 milhões de anos, já se deslocaram algumas centenas de quilómetros de oriente para ocidente.

Quem fala dos montes Urais, pode-se referir a qualquer outra cordilheira. De facto, as plataformas continentais das montanhas, das planícies, das depres-



esse desconhecido

que todos os maciços continentais formavam na altura um só bloco, um super continente.

O perpétuo movimento

O relato destas duas descobertas permite-nos concluir que a crosta terrestre está em permanente movimento e que sofre deformações contínuas, não só

sões e dos oceanos, deslocam-se continuamente em relação umas às outras.

O estudo da litosfera

Dadas todas estas constatações — que podem ser apreciadas, por exemplo, se observarmos uma iluminura representando a Torre de Belém e compararmos a distância que separa

este monumento do rio com a situação actual —, o estudo da litosfera, ou camada superior da crosta terrestre, ganhou um novo impulso nos últimos anos, não só no que se refere às suas mutações verticais mas, essencialmente, ao que concerne ao seu movimento horizontal...

Estudando-se com o auxílio de aparelhagem laser e de sondas, os movimentos horizontais da crosta terrestre, dentro em pouco será possível detectar-se tremores de terra e actividade vulcânica, ainda antes de ocorrerem, o que representará uma di-

minuição significativa dos trágicos resultados destes cataclismos.

A utilização de nova tecnologia

Como se vê, o Homem ainda muito pouco sabe sobre a sua casa. Todos os dias, praticamente, se fazem novas descobertas. Para tal, contribuíram decisivamente as novas tecnologias.

Quando pela primeira vez a Terra foi fotografada do espaço e vista no seu todo, pensou-se ser impossível conhecê-la mais profundamente. No entanto, com o avanço da tecnologia espacial, o homem passou a poder não só fotografar mas também «radiografar» o seu planeta.

Esta nova oportunidade permitiu, logicamente, que se fizessem novas descobertas. Duas delas — muito recentes — são sensacionais.

Fotografias da Terra, obtidas a partir do espaço depois de uma tele-sondagem feita por radar, levaram cientistas soviéticos a formular a possibilidade de gigantescos vulcões estarem activos sem nunca terem sido descobertos.

Realmente, estas fotos constituem uma verdadeira sensação. Na zona antártica, o radar descobriu uma imensa estrutura circular em forma de cratera rodeada de curvas finas que formam uma verdadeira teia de aranha. Observação semelhante foi feita numa fotografia tirada à região do Sahara Ocidental.

Estas duas fotografias permitem concluir que as calmas camadas de gelo e areia descon-

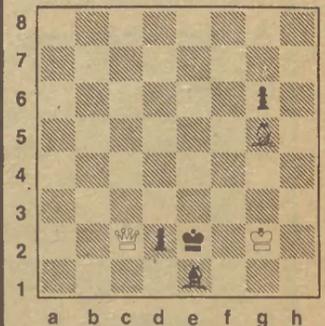
dem uma intensa actividade vulcânica.

Não haja dúvidas: a Terra, só a conhecemos como a palma das nossas mãos: superficialmente.



Xadrez

PROPOSIÇÃO N.º 16
Por W. E. Lester
«Emp. Review» 1924
Pr. (4): Ps. d2, g6-Be1-Re2



Br. (3): Bg5-Dc2-Rg2
Mate em 2 lances
JOGO N.º 16

Torneio de Moscovo, 1985
Br. Sviechnikov — Pr. Vaganian

1. e4, e6; 2. d4, d5; 3. e5, Cc7; 4. Cf3, b6; 5. c3, Dd7; 6. a4, a5; 7. Ca3, Ba6; 8. Bxa6, Cxa6; 9. 0-0, c6; 10. Dd3, Cc7; 11. Cc2, c5; 12. h4, c4; 13. De2, h5; 14. Bg5, Cg6; 15. Tb1, Be7; 16. Bxe7, Cxe7; 17. Ce3, Tb8; 18. b3, cxb3; 19. Txb3, Cf5; 20. Cxf5, exf5; 21. Cg5, Th6; 22. Ch3, Dc6; 23. Df3, Dc4; 24. Tba3, g6; 25. Cf4, Rd7; 26. Tbl, Rf6; 27. Tab3, b5; 28. Dg3, Th7; 29. Dg5, Rd7; 30. Df6, Dc6; 31. e6+!, Cxe6; 32. Cd3, Rf6; 33. Ce5, Dc7; 34. Cxg6, Tb7; 35. Dxf5, Tg7; 36. Txb5, Txb5; 37. Txb5, Dd7; 38. Dxd5 e as Pretas abandonam.

Moscovo (Torneio Internacional de G.M.I.): 1.º O Romanischine 8 pts (em 11) 2.º Vaganian 7,5; 3.º Tukmakov 7; 4.º Sviechnikov 6 pts...

SOLUÇÃO DO N.º 16

Chave: 1. Db1! bloqueio!

1. ..., d1=D ou T; 2. Dc4 mate

1. ..., d1=C; 2. Db5 mate

1. ..., B joga; 2. Df1 mate

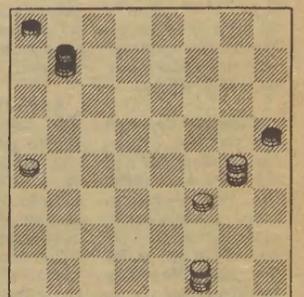
A. de M.M.

Nota: G.M.I. = Grande Mestre Internacional

Damas

Proposição n.º 16
Por António Eduardo Igrejas (Melgaço)
«Estratégia Damista» n.º 3, Setembro/1945
Pr. 17-(28)-32

Br. (2)-10-(13)-16



Jogam as Brancas e ganham

Jogo n.º 16

Lisboa, 24 de Março de 1952

Br. L. A. David — Pr. Dr. O. A. Lopes

1. 10-13, 22-19; 2. 5-10, 27-22; 3. 1-5, 31-27; 4. 13-18, 21-14; 5. 11-18, 22-13; 6. 9-18, 26-22; 7. 10-13, 29-26; 8. 12-15, 19-12; 9. 8-15, 23-19; 10. 7-12, 19-14; 11. 12-16; 28-23; 12. 6-10, 32-28; 13. 10-19, 23-14; 14. 2-6, 26-21; 15. 15-20, 24-15; 16. 6-11, 15-6; 17. 3-26, 21-14; 18. 26-29, 25-21; 19. 13-17; 21-18; 20. 29-25, 18-13; 21. 25-11, 13-9; 22. 11-24 e G. Br.

Golpe n.º 16 de E. Jacques
«Golpe Canadiano»

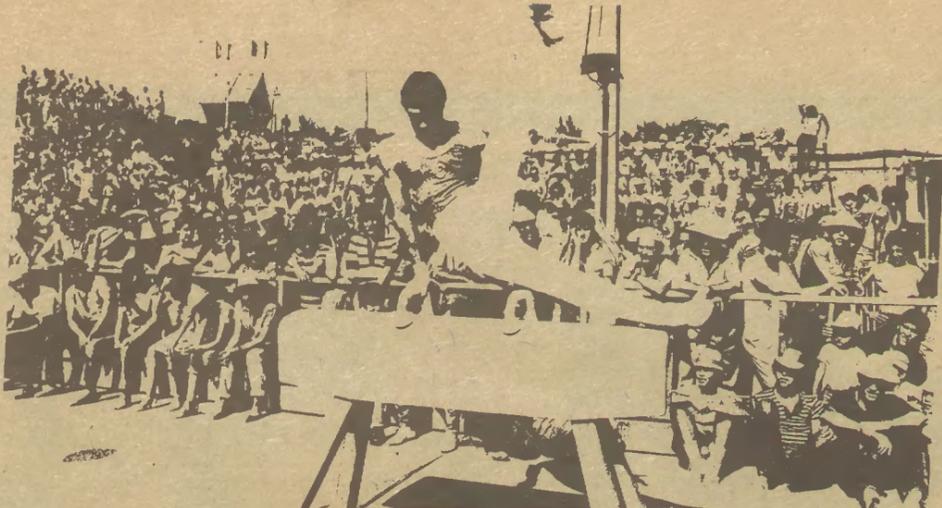
1. 12-16, 21-18; 2. 10-13, 23-19; 3. 5-10, 25-21; 4. 13-17, 19-15; 5. 11-20, 24-15. 6. 10-13, 28-24; 7. 7-12, 22-19; 8. 13-22, 27-18; 9. 1-5, 18-14; 10. 6-10, 32-28; 11. 16-20, 30-27; 12. 12-16; 28-23; 13. 9-13, 14-11; 14. 3-6 e as Pretas ganham de Golpe!!! (Br. 2-4-5-6-8-10-13-16-17-20; Pr. 11-15-19-21-23-24-26-27-29-31).

Soluções

XIII (14.VIII.85): M. Duarte 7-11, 14-23 (SE 14-1; 22-27, 30-7; 4-32 G. Br. SE 14-5; 22-27 e 4-1 G. Br. SE 14-7; 4-14 G. Br.); 4-8, 23-1 ou 5; 22-27, 30-23; 11-14, 1 ou 5-19; 4-29 G. Br.

Golpe 6. ..., 18-13; 7. 9-18 (SE 11-18, 20-11; 6-15 ou 7-14, 23-20 e 28-3 G. Pr.) 7. ..., 25-21; 8. 18-25, 31-27; 9. 11-18, 20-11; 10. 6-15 ou 7-14, 23-20 e 28-3 G. Pr.

Campeão do Mundo na Ajuda



Os horários da Festa

Como ir para a Ajuda

Colóquios e debates sobre a situação mundial

A arte a cultura a política

Já conhece a sua EP?

E quantos já venderam?!



Arara Festa!

ALTO DA AJUDA • 6, 7 E 8 SETEMBRO

Avante!

Director António Dias Lourenço

SUPLEMENTO N.º 8
5 de Setembro de 1985

Não pode ser vendido separadamente

Fernando Tordo e François Rauber

Em esta noite, de 7 de Setembro, Fernando Tordo e François Rauber vão apresentar o seu álbum "Arara".

Vamos começar com o comentário de quem participou activamente na organização da festa, por certo, e esperamos que tenham mais uma...

Arara não é um álbum de canções que se cantam no fim de um jantar, mas sim um álbum que não pode deixar de ser cantado na Festa do Avante!

Fernando Tordo

Falar de Fernando Tordo não é falar de um músico, é falar de uma vida de luta, de um homem que não se dá por satisfeito com o que é. É falar de "Arara", onde o músico se encontra com o político, o cantor com o compositor, o músico com o homem.

Vamos acabar

com o comentário de quem participou activamente na organização da festa, por certo, e esperamos que tenham mais uma...



Um homem

François Rauber é, sem dúvida, uma das presenças internacionais mais importantes na Festa do Avante!... Para contribuir para a Festa do Avante!... Rauber não é apenas um músico, é um homem que não se dá por satisfeito com o que é.



O grupo Arara não é um grupo novo, mas sim um grupo que nasceu em Portugal, e a Festa do Avante!... A Festa do Avante!...

Arara

A Festa do Avante!... A Festa do Avante!... A Festa do Avante!...

O jazz não sendo música portuguesa, diz-se que não tem cultura e popularidade em Portugal... A Festa do Avante!...



Dimension Costeña

"Dimension Costeña" de Dimensión Costeña... A Festa do Avante!...

Costeña é um grupo que nasceu em Portugal, e a Festa do Avante!... A Festa do Avante!...

Costeña é um grupo que nasceu em Portugal, e a Festa do Avante!... A Festa do Avante!...

Costeña é um grupo que nasceu em Portugal, e a Festa do Avante!... A Festa do Avante!...

Costeña é um grupo que nasceu em Portugal, e a Festa do Avante!... A Festa do Avante!...

Greta Gantcheva

"Tudo os anos nos servem... Greta Gantcheva... A Festa do Avante!...

Greta Gantcheva é uma artista que nasceu em Portugal, e a Festa do Avante!... A Festa do Avante!...

Greta Gantcheva é uma artista que nasceu em Portugal, e a Festa do Avante!... A Festa do Avante!...

Os prémios da EP

+ 100 contos de discos e cassetes

Como utilizar a EP





Dez

Festas

Uma revista-programa diferente

Quais são os espectáculos que se realizam na noite de sexta-feira? E no sábado? E no domingo? E onde é que está a organização regional que nos habituámos a visitar anualmente? Onde são os sanitários? E o posto médico? Com efeito, é um sem-número de questões que todos nós colocamos ao entrar no Casalinho da Ajuda. Um sem-número de perguntas que, logicamente, merecem um sem-número de respostas. E como um simples guichet de informações onde se diria «ding-

-dong, informamos os respeitáveis visitantes que a cidade Internacional fica lá em cima e a Organização Regional de Santarém cá em baixo, ding-dong» é completamente impraticável para o volume de perguntas e o número de visitantes/participantes, mais uma vez a revista-programa da Festa cá está para nos ajudar.

E revista-programa não tem só esta vantagem em relação a um tal guichet. Além de prestar um serviço que, sendo privado, é de fácil transporte, diz-nos

simultaneamente quais os espectáculos que estão a decorrer à hora X de sexta, sábado ou domingo, quais os artistas, o seu curriculum e onde se pode provar aquele petisco com que sonhamos desde a última Festa.

Ou seja, é um infindável volume de informação que está contido em oitenta páginas com excelente apresentação.

Este ano, a revista da Festa tem ainda mais um atractivo. A Festa que amanhã abre as portas é a décima. Exactamente como o

ano passado, a revista se fez eco da comemoração dos dez anos de Abril, este ano também relembra as nove Festas que já passaram.

Trata-se, sem dúvida, de mais uma boa razão para se comprar a revista-programa da Festa do «Avante!». E, ao fim e ao cabo, as suas oitenta páginas sempre servem para nos resguardar do muito sol e calor que sempre atormenta quem se passeia pelo Alto da Ajuda neste que é um fim-de-semana que traz vida nova à cidade. Uma compra imprescindível, como se vê.

Para chegar e para sair da Ajuda

Todos os anos se nos põe o problema de como chegar à Festa e de onde estacionar os automóveis de modo a não criar ainda mais complicações ao trânsito.

No entanto, chegar ao recinto do Alto da Ajuda é fácil. Todos aqueles que comprarem a revista-programa ficarão imediatamente informados. Para todos os outros que ainda não a têm, aqui vão umas dicas. Para quem vier em automóvel existem parques de estacionamento junto ao Palácio da Ajuda, na Avenida das Descobertas e perto do miradouro de Montes Claros. Quanto àqueles que chegarem de autocarro, o seu parque de estacionamento localiza-se na zona compreendida entre as estradas dos Marcos e do Penedo, ao pé das antenas da Força Aérea.

Deve-se ter em atenção que o trânsito está condicionado entre a estrada Pedro Teixeira, a Rua das Açucenas e a estrada do Penedo.

Todos os outros, todos aqueles que preferam vir de transporte público — e é sem dúvida a

melhor solução uma vez que o trânsito fica menos congestionado —, estejam descansados porque transportes é o que não vai faltar.

Vejamos: da Carris, além das carreiras que servem normalmente a Festa (n.º 14, 23, 29, 42 e eléctricos n.º 18), serão feitos serviços especiais à noite com destino a Belém, Praça do Comércio e Marquês do Pombal. As carreiras n.º 23 e 29 serão reforçadas à medida das necessidades.

Quanto à Rodoviária Nacional, será garantida a ligação ao último comboio da linha de Sintra, na estação da Amadora às 2 e 47. A carreira que virá da Amadora em direcção a Belém será reforçada com todas as viaturas necessárias, sendo que também se reforçarão as carreiras com ligação ao autocarro n.º 28 da Carris. A Transtejo, por seu lado, prolongará as suas carreiras de ligação com Cacilhas, Porto Brandão e Trafaria até às 2 horas.

Como se vê, transportes é o que não falta para quem queira estar na Festa até ao fim.



Atenção excursionistas!

Como o «Avante!» já noticiou numa das suas últimas edições, são mais de 180 as excursões que, um pouco por todo o País, se organizaram com destino ao Alto da Ajuda.

Serão 180 as camionetas que percorrerão Lisboa, que percorrerão as estradas desse País, engalanadas com bandeiras da APU e com bandeiras rubras do Partido, num espectáculo de cor que levará a Festa muito além do recinto do Alto da Ajuda. Pelo caminho, cada qual escolherá o percurso que achar mais conveniente. No entanto, à chegada a Lisboa, existe já um itinerário estabelecido, de modo a que ninguém se perca e a que todos cheguem a tempo à Festa. Assim, as excursões que entrarem pela portagem de

Sacavém descem em direcção ao Campo Grande para depois atravessarem a Avenida da República, passarem pela Fontes Pereira de Melo rumo à Avenida da Liberdade, descendo depois a Rua do Ouro para desembocarem na Avenida 24 de Julho já ali a dois passos do Alto da Ajuda.

Como se vê será muita a cor que durante três dias atravessará Lisboa, já a partir de amanhã.

As excursões que cheguem do sul pela ponte 25 de Abril, essas dirigem-se directamente à Festa do «Avante!».

Para todos os excursionistas, aqui fica desde já o nosso mais sincero desejo de uma boa viagem e de uma ainda melhor estadia na Festa do «Avante!»

O trabalho depois da Festa

Ainda a Festa não começou e já vos vamos falar do trabalho que vem depois de domingo.

Quando a Festa encerrar mais uma edição, os últimos a sair, satisfeitos e a caminho de uma cama retemperadora, ouvirão já o barulho dos martelos a retirar os pregos que sustêm as placas dos pavilhões.

Habitualmente, é uma nostalgia que nos invade por esta Festa já ter acabado. Satisfeitos, ficamos no entanto um bocado abatidos. Sem razão!

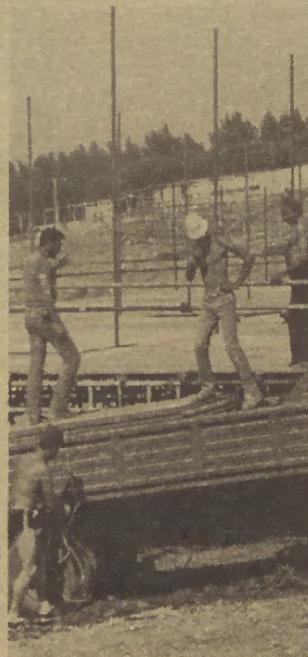
Quanto a Festa terminar, logo uma batalha decisiva está à

porta, como que a dizer que a luta não pára e que ela é também um complemento da alegria.

Daí que, mal a Festa feche as portas, imediatamente o trabalho de a desmontar começa. Um trabalho que é árduo mas necessário. Os materiais não se podem ficar a estragar e os camaradas que asseguraram o funcionamento da Festa têm de voltar para as suas regiões e para as múltiplas tarefas que se lhes apresentam. Por tudo isso, o trabalho de

desimplantação rápida torna-se indispensável para que a batalha eleitoral possa contar com o contributo de cada um de nós. Assim, as jornadas de trabalho no Alto da Ajuda continuam a adquirir uma particular importância. A Festa tem de ser desimplantada e os materiais guardados, de forma a que para o ano possamos construir aquela que será a primeira de mais uma década de Festas.

Um trabalho que é necessário. Um trabalho em que o Partido se vai empenhar com alegria. A começar por ti!



EP entrada permanente

correspondente ao valor de

350\$00

O valor desta EP é uma contribuição para a realização da Festa do «Avante!»

1. A entrada da Festa será destacado desta EP o talão do dia respectivo.
2. Para sair e voltar a entrar nesse mesmo dia peça quando sair uma **senha de saída** apresentando a EP. À entrada, a senha de saída só é válida mediante a apresentação da EP.
3. As senhas de saída são distribuídas individualmente em todos os dias da Festa só até às 21 horas.
4. Só a EP é que dá direito a senha de saída.

Conservar este talão que dá direito a participar na distribuição de brindes no dia 8 de Setembro de 1985

Festa do «Avante!» Órgão Central do Partido Comunista Português



Como utilizar a EP

Até agora, sempre que escrevemos sobre a EP foi para dizermos da necessidade de se intensificar a sua venda e de como esta é importante para o êxito da Festa. No entanto, e como a Festa abre as suas portas já amanhã, vamos falar de como se utiliza a Entrada Permanente.

Como todos aqueles que já a compraram se aperceberam, a EP apresenta-se este ano com novas secções e novo formato, tal qual o «Avante!».

Ou seja, se anteriormente tínhamos uma simples folha de bom papel dividida em duas, este ano temos não quatro mas oito faces.

Nessas oito faces encontramos alguns dos acontecimentos e efemérides que mais marcaram 1985. Assim, lá estará o 40.º aniversário da vitória sobre o nazifascismo e o XII Festival Mundial da Juventude e dos

Estudantes. Lá estará também o contributo da APU para uma nova política e imagens das Festas anteriores.

Se olharmos atentamente, poderemos ver que cada uma das faces se encontra separada por um picotado e que cada uma delas diz sexta, sábado ou domingo.

Sendo assim, chegamos ao ponto que nos interessa. O porquê desta nova organização da EP. Como é que a EP é utilizada nesta que é a décima edição da Festa do «Avante!».

Como se sabe, EP são as iniciais de Entrada Permanente. Quer-se com isto dizer que se pode entrar e sair as vezes que se quiser do recinto.

No entanto, para se evitar situações menos decorosas, optou-se por se ir retirando uma das faces, consoante o dia. Assim: à entrada de sexta-feira recorta-se o talão com o mesmo

dia assinalado e assim por diante, conforme os dias. Depois, sempre que se quiser sair do recinto, deve-se pedir o respectivo talão de saída — que só será entregue mediante a apresentação da respectiva Entrada Permanente e unicamente até às 21 horas de cada dia.

Com este sistema torna-se mais fácil a movimentação de e para a Festa e evitam-se situações que só trazem aborrecimento e incompreensões.

Por isso, não só à entrada, mas também à saída, todos aqueles que utilizem a EP — que se volta a lembrar é substancialmente mais barata do que a entrada simples — devem-na trazer sempre bem à vista e pronta para ser manuseada pelos camaradas que disso estiverem encarregues. Além do mais, e para todos aqueles que ainda não tiverem comprado a sua EP, lembra-se

uma vez mais que a mesma estará à venda nas bilheteiras junto à entrada principal. Agora nada mais nos resta senão desejar-vos **boa Festa!**

O sorteio é no domingo

Como o «Avante!» noticiou na sua última edição, este ano as EP's habilitam todos aqueles que as comprarem a nada mais nada menos do que cinco — 5 — prémios.

Como também dissemos na edição passada, em cada um desses prémios está incluída uma magnífica cadeia de Alta-Fidelidade X-1500 Pioneer. Depois o primeiro prémio ainda é

composto por cem contos em discos e *cassetes*, o segundo por cinquenta, o terceiro por 25 e os quarto e quinto por 10 contos. Todos os discos e *cassetes* podem ser levantados nas populares livrarias CDL.

Trata-se de prémios que, logicamente, interessam a todos quantos tenham comprado a EP. Por isso, podemos desde já avisar que o sorteio se realiza,

como é hábito, no recinto da Festa.

Por isso, estejam todos atentos ao domingo. Lá para o final da Festa já se saberá quais foram os felizardos que levaram para casa os prémios.

Já agora, só mais uma pequena coisinha. Não se esqueçam que ainda vão a tempo de comprarem a EP e, conseqüentemente, de se habilitarem a estes cinco magníficos prémios.

A Festa também tem horários

Costuma-se dizer que a Festa do «Avante!» são três dias de alegria ininterrupta, que a todas as horas há espectáculos, debates, comes e bebes e eu sei lá o que mais.

É isto que se costumá dizer. E se bem que seja acertado não passa de uma meia verdade. A razão é simples. Todos os dias, depois da 1 da madrugada, é todo um mundo que se movimenta para que no dia seguinte, logo pela manhãzinha a Festa possa de novo abrir as suas portas a todos quantos nela participam.

Sendo assim, a Festa também tem os seus horários, não só dos espectáculos, mas da Festa no seu todo. E isto para que

possa haver alegria (a tal alegria ininterrupta) durante os três dias. Recapitulando, a Festa abre as suas portas amanhã (é verdade, já amanhã), quando soarem as 19 horas. Depois prolonga-se até à 1 da madrugada.

No sábado e no domingo, a Festa abre às dez da manhã, vai pelo dia fora e encerra sempre à 1 da manhã.

O apelo é o seguinte. Uma vez que depois do encerramento é toda uma multiplicidade de tarefas que há a realizar, quando pelos altifalantes se começar a dizer que a Festa está no fim, todos aqueles que ainda se encontrem no recinto deverão abandoná-lo, para que no dia seguinte possam de novo gozar a Festa em toda a sua plenitude.



O ano passado, quando a noite já ia longa, o auditório 1.º de Maio encheu-se ainda mais (se possível) de gente. Era tempo para um dos

acontecimentos da Festa.

Pela primeira vez, ia-se poder ouvir integralmente o último álbum de Fernando Tordo. Um álbum que ainda não tinha sido editado mas que à partida suscitava em torno de si uma muito grande expectativa.

Uma expectativa que não foi em vão. Logo aos primeiros acordes, Fernando Tordo prendeu uma difícil plateia. Difícil porque de Fernando Tordo esperava o melhor. Difícil ainda porque os zum-zuns que corriam davam como de grande qualidade este trabalho que se chamaria «Anticiclone».

Era o arranque para a consagração de um dos mais importantes álbuns portugueses editados o ano passado. Uma consagração que chegaria com o concerto da Aula Magna, quando todo um imenso público já sabia que tinham chegado palavras, e, com elas, um amigo que vinha de longe.

Na Aula Magna — onde Tordo actuou com *play-back* musical por não ter possibilidades de pôr uma orquestra em palco — a páginas tantas, e como se tudo estivesse ensaiado, o espectáculo parou. Artista e público ficaram surpreendidos. Uma voz ouviu-se em toda a sala. Era François Rauber que enviava de França uma mensagem para o seu amigo.

Uma mensagem onde expressava o seu desejo de poder actuar em público com Fernando Tordo. Uma mensagem onde dizia que chegaria o dia.

E o dia chegou. Será na noite de domingo. Quando a toda uma multidão, imensa e plena de futuro, se anunciar a presença de Fernando Tordo no palco 25 de Abril.

Anticiclone

«Anticiclone» foi escrito na calma enganadora da ilha do Faial. Calma enganadora porque era um autêntico ciclone de sentimentos controversos que ia dando forma àquele que é um dos mais importantes — senão o mais importante — álbuns da carreira de Fernando Tordo. Do lado de cá do Atlântico, o maestro e orquestrador François Rauber recebia — há coisa de dois anos e meio — uma cassele deste intérprete e compositor português que pela primeira vez apareceu como (grande) letrista. De França chegava o recado: «digam ao Fernando que, mesmo que o nosso trabalho em conjunto nunca se venha a concretizar, é muito bom saber que existe». Depois foram mais uns contactos, umas telefonadelas e François Rauber rumo a Lisboa acompanhado pelo pianista de Jacques Brel, Gérard Jovannest, com encontro marcado num estúdio alfacinha.

Duraram três dias as gravações das 11 faixas que compõem «Anticiclone». Foram três dias de angústia e amor. Foram três dias que permitiram pôr cá fora aquele que é um dos mais importantes trabalhos da música portuguesa.

Um trabalho que inclui temas como «Chegam Palavras», «Acorda, Acorda Manel» e «O Velho Danado». Temas que nos tocam bem cá dentro, palavras que nos chegam e que ficam. Mas dissermos que «Anticiclone»

Fernando TORDO e François Rauber

tem onze temas. Já enumerámos três. Os outros são «Por Mero Acaso», «O Bem Parecido», «Sou Doutras Coisas», «Indo Prá Frente», «Talvez Ilha, Talvez Mar», «Conclusões», «Só o Passado é Que Não» e «Alguma Esperança».

Trata-se de um lote de canções raro num álbum em que não pode haver face «A» ou «B». Onde a homogeneia heterogeneidade o torna num belo hino à vontade de mudança e ao futuro.

Um lote de canções que será cantado na Festa do «Avante!», onde Fernando Tordo cantará acompanhado ao piano pelo maestro e orquestrador de Jacques Brel, pelo homem que orquestrou «Anticiclone», por François Rauber.

Fernando Tordo

Falar de Fernando Tordo, não do seu último trabalho, mas de todos os que o precederam, é falar de uma dupla de muitos anos. É falar de Tordo, mas também de Ary. É dizer da «Tourada», onde o fascismo foi gozado naquele Festival que é(tra) o corolário do nacional-cancionismo. É dizer da importância de que a música ligeira se pode revestir na luta de um povo. Seja na resistência, seja na construção do futuro.

Numa acção a que Fernando Tordo não se furtou. É dizer de onze álbuns de uma carreira consequente. De uma carreira que foi amadurecendo ao longo dos anos e dos tropeções pelo caminho. É falar do carinho e do amor posto na sua voz e nas suas interpretações.

Quando dizemos Fernando Tordo não podemos pensar somente no cantor. Temos forçosamente que olhar para as suas interpretações, para a voz que se estrangula em diversos trechos, quando fala dos filhos ou quando lembra aquele velho danado que durante tantos e tantos anos nos oprimiu.

É, enfim, lembrar um pouco da história recante destes anos que alguns querem ver esquecidos. Um pouco de uma história que Fernando Tordo nos foi cantando com a sensibilidade que só ele tem.

Vamos acabar

Vamos acabar como começámos. Lembrando aqueles dois memoráveis concertos. O primeiro (primelrissimo) no Auditório 1.º de Maio. O segundo na Aula Magna.

Vamos começar como acabámos. Plenos de alegria por termos presenciado dois raros momentos de beleza.

Vamos começar com a convicção de que seremos participantes activos num espectáculo que será, por certo, inesquecível. Num espectáculo onde teremos mais uma

atração além da música de Fernando Tordo. Um espectáculo onde poderemos ver a arte do maestro François Rauber.



Um homem

François Rauber é, sem dúvida, uma das presenças internacionais mais importantes nesta que é a décima edição da Festa do «Avante!» onde vem para acompanhar o seu amigo Fernando Tordo, depois de com ele ter criado «Anticiclone».

Para corroborar esta afirmação basta dizer que, olhando para as capas dos discos de Jacques Brel, o seu nome está infalivelmente presente. Basta dizer que o seu trabalho permitiu que canções compostas à viola sobre uma voz se tornassem sucessos mundiais. Basta falar de «Une Valse a Mille Temps».

François Rauber foi o orquestrador de Jacques Brel. Ao longo de vinte e três anos, os dois constituíram uma dupla que em muito contribuiu para o património musical universal.

«Les Bourgeois», «Les Flamands» ou «Le Plat Pays» são alguns exemplos de um trabalho que uniu dois grandes amigos.

François Rauber é só isto: o orquestrador de vinte e três anos de Jacques Brel. Um homem que contribuiu decisivamente para que muitas canções se tornassem êxitos mundiais.

Mas é também um homem «muito especial». Um homem que estando neste momento a ensaiar uma peça na que estando neste momento a ensaiar uma peça na Bélgica, aceitou vir a Portugal para acompanhar o seu amigo Fernando Tordo. Um homem que sábado passará por França para fazer as malas e partir para Lisboa, onde chegará no domingo, para na segunda à tarde já estar uma vez mais na Bélgica a ensaiar. Um homem que é um dos maiores orquestradores existentes. Um homem finalmente, que é Homem, e que vamos poder ver ao vivo na Festa do «Avante!». No domingo, claro está.



O Grupo Arara não anda nos «tops». O que, afinal de contas não quer dizer absolutamente nada. Não é a primeira vez que, em Portugal, é a própria Festa do «Avante!» quem lança nos seus palcos e perante dezenas de milhares de espectadores, a surpresa da qualidade, quem faz a apresentação. Sem querer saber de «tops». O Grupo Arara, que traz na bagagem a «salsa» e a «rumba», ainda quentinhas das terras de Cuba vai certamente ficar — depois da

como grupo de jazz — graças talvez às raízes encontradas em Holguín, onde o interesse por este tipo de música é grande e numerosos grupos actuam — havendo os Arara tocado no Festival anual de jazz em Cuba — é a «música de baile» a que este grupo tem dedicado e tem sido ela que tem recebido do público um maior aplauso. Allás, em entrevista recente, o líder do grupo explica a «tendência» para a música de baile — na opinião que exprimiu,

Arara

Festa — nos «tops» das nossas recordações.

E agora que nos preparamos ao subir do pano, algumas palavras antes da apresentação ao vivo: os Arara vêm de Cuba e isso já diz alguma coisa para o público da Ajuda. Fundado em 1979, na cidade de Holguín, no leste da ilha da Liberdade, o grupo tem Ernes Cruz no sax-tenor e na flauta; Júlio Rojas no sax-alto; Jorge Freire na Percussão; Carlos Cudeiro na guitarra; António Rodrigues na guitarra-baixo; Rorel Millorg nos teclados e Lutgarda Estrella vocalista. Se o seu repertório tem atravessado algumas «fases», nomeadamente tendo surgido

o jazz, não sendo «música cubana», distante pois das raízes culturais e populares em que o grupo actua, o «baile» encontra uma receptividade muito maior. Arara e público encontram-se... e as praças enchem-se.

No entanto, eis que o jazz se enfia pelas costuras desta música bailada e fervilhante. Não vem disso mal ao mundo, muito pelo contrário. Orquestra cubana que é, outras sonoridades a avivam. Música tradicional do leste de Cuba — «son», «guaracha», «bolero». Para eles, o mais importante «é que a gente baile».



Dimension Costeña

«Dimension Costeña». De que dimensão se trata? Este grupo nicaraguense, com nada menos que treze elementos, traz à Ajuda a dimensão da sua própria pátria. Não falamos certamente no longe que ela fica, nem no quanto a terra é pequena. Falamos no quanto é grande o

povo e a sua luta. É esta a dimensão. Para além da arte — ou com ela e através dela — este grupo dá-nos a oportunidade de conhecer melhor a Nicarágua e de lhe manifestarmos a nossa solidariedade. Com a música de «Dimension

Costeña» ficaremos a saber da alegria de um povo que não se verga ao imperialismo e que ainda tem tempo para cantar. Agora cantar livremente levando aos palcos as sonoridades populares e mobilizadoras de um canto que continua a ser

combate e a prolongar a vontade de vencer. Treze músicos para uma dimensão que ficaremos a conhecer melhor.



Greta Gantcheva

«Todos os anos nos servem acontecimentos políticos e cada um pode ser cantado ou denunciado através da música». São palavras de Greta Gantcheva, uma búlgara que fará connosco a Festa e traz canto e música para animá-la. Ao dizer uma verdade modesta, não disse tudo da chamada canção política — a canção que se envolve com a realidade que a todos diz respeito. Mas o que Greta Gantcheva não disse di-lo-á a cantar, que é para isso que os cantores existem, extraindo do seu trabalho persistente a forma de arte que pode ilustrar, mas sobretudo pode «alumiar» os acontecimentos e as lutas. Greta Gantcheva é actriz. Há

mais de vinte anos sabe o que é expressar sentimentos e comungar deles com o público, passá-los não apenas através das palavras mas do «tom» e do gesto. Há dez anos que canta. A canção política, que ela acha um «género difícil» a que não basta a melodia feliz e o estribilho simples condimentado de sentimentos ligeiros, é uma arte militante. Nas canções de Greta passam-se exaltantes momentos da História — a vitória sobre o nazismo, o centenário de Dimitrov, as grandes jornadas políticas dos comunistas búlgaros. Apoiada na técnica que anos de trabalho dão, no talento e na convicção, Greta Gantcheva traz consigo a canção búlgara.

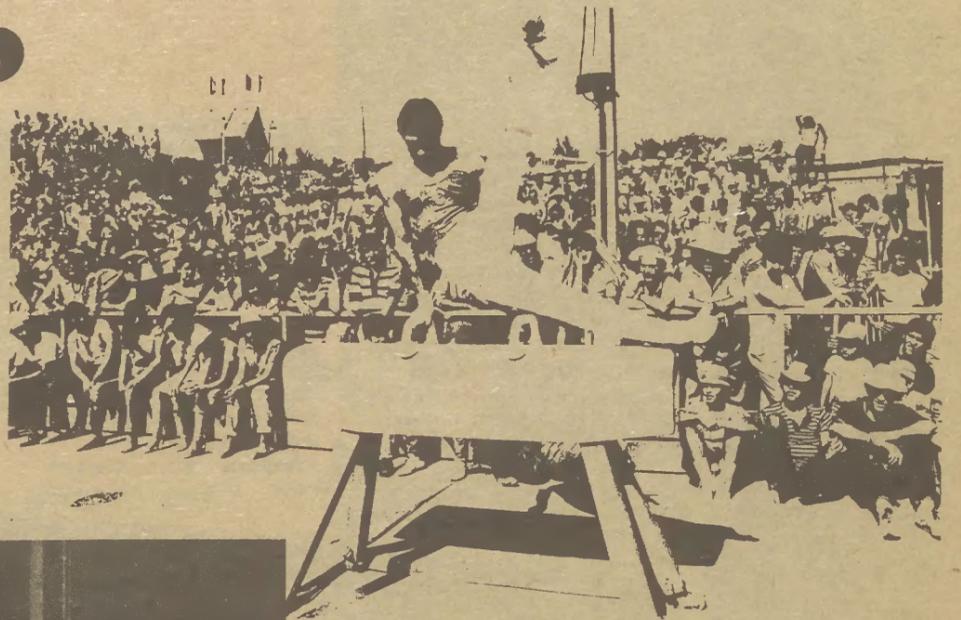
Campeão do Mundo no Alto da Ajuda

Artur Akopian, ginasta soviético membro da selecção do seu país e campeão do Mundo e olímpico, será um dos ginastas estrangeiros que este ano actuará nos Festivais Internacionais de Ginástica que se realizam no Alto da Ajuda, no sábado à noite e domingo de manhã.

Além da representação soviética, participam nestes festivais atletas da Checoslováquia, Polónia e Portugal. Uma certeza, como se vê, de se poder assistir a dois magníficos espectáculos de ginástica desportiva, rítmica e acrobática. Mas o desporto na Festa do «Avante!» implica ainda o futebol

de salão (masculino e feminino), o torneio de xadrez (com a participação de uma Grande Mestre Internacional) e de damas.

Dizer Desporto na Festa, é ainda lembrar o Festival Desportivo da Juventude que se realiza no sábado, durante todo o dia.



Calendário da fase final do Torneio de futebol de salão masculino

7 de Setembro (sábado)

11 horas/jogo «A»: União Desportiva de Massarelos (Porto) Pinhel/Falcão (Guarda)

12 horas/jogo «B»: Costa Brava (Leiria) «Os Cravos» (Faro)

17.30 horas/jogo «C»: Vencedor do jogo «A» Setúbal

18.30 horas/jogo «D»: Vencedor do jogo «B» Lisboa

As equipas deverão apresentar-se uma hora antes do início de cada jogo no recinto desportivo da Festa.

8 de Setembro (domingo)

16.30 horas: final – vencedor do jogo «C» contra o vencedor do jogo «D».

As equipas deverão apresentar-se meia-hora antes do jogo no recinto desportivo.

Final do Torneio de futebol de salão feminino

8 de Setembro (domingo)

15.30 horas – Costa Brava (Leiria)-Clube Oriental Recreativo (Lisboa). As equipas deverão apresentar-se meia-hora antes do início do jogo no recinto desportivo da Festa.

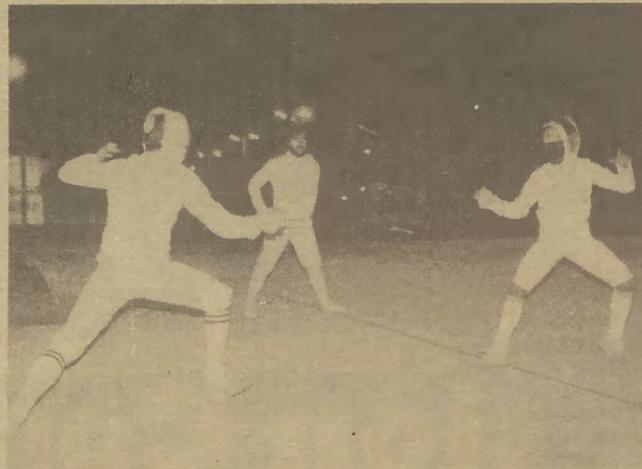
Ginástica

A participação da ginástica no programa desportivo da Festa do «Avante!» deste ano envolverá ginastas da URSS, Checoslováquia, Polónia e Portugal. Da União Soviética teremos uma delegação com ginastas de **desportiva**, **rítmica** e **acrobática**, incluindo-se no primeiro grupo o conhecido **Artur Akopian**, campeão do Mundo e olímpico e membro da selecção da URSS. Da Checoslováquia deslocam-se ao Alto da Ajuda três ginastas de **rítmica**, e da Polónia também três atletas mas de **acrobática**. A participação portuguesa incluirá ginastas das selecções nacionais de ginástica **desportiva** e **rítmica**.

Música Popular no palco Lisboa

O palco de Lisboa vai este ano servir de cenário para a realização de um Festival de Música Popular Portuguesa. Será a partir das 17 horas de sábado que sete grupos passarão por aquele palco, como que a reafirmar que a música popular portuguesa está bem e de saúde boa apesar da falta de apoios com que se debate. Assim, no palco Lisboa passarão Bago de Milho, Almanaque, Disto e Daquilo, Ronda dos 4 Caminhos, Bando do Beco, Pedra D'Hera e, a fechar, Francisco Ceia. Um espectáculo que pelos intervinientes, tem já à partida a marca da qualidade. Um espectáculo que durará nada mais nada menos do que sete horas. Sempre com boa música portuguesa. Mas no palco Lisboa, a Festa

sábado começa logo pelas 15 horas com a actuação do grupo «Doutores e Engenheiros», ao que se seguirá a vez do grupo da RDA Manifest. Como se vê, de um pouco de tudo se poderá ouvir neste palco Lisboa que começa em actividade logo na sexta-feira, pelas 21 horas, com as actuações de Dimension Costeña, Arara, Luísa Basto e João Fernando. Já no domingo, e a encerrar a actividade deste palco, actuará o grupo **rock** da RDA Puhdys. Antes porém, o dia começará com Jorge Lomba, a que se seguirá Greta Gantcheva e Nuno Gomes dos Santos. Depois do comício da Festa, será a vez dos Bulimundo, da Makeshift Jazz Band da Polónia, Carlos Alberto Moniz e, como já dissemos, os Puhdys.



Xadrez

6 de Setembro (amanhã)

20.30 horas – simultânea livre conduzida pela Grande Mestre Internacional H. Fatalibekova

7 de Setembro (sábado)

14.30 horas – simultânea com relógio conduzida por Rui Silva Pereira, conhecido xadrezista do nosso país.

17 horas – simultânea com relógio conduzida pela GMI H. Fatalibekova, destinada a jogadores seniores.

8 de Setembro (domingo)

15 horas – simultânea com relógio conduzida pela GMI, H. Fatalibekova.

Damas

O VII Torneio Nacional de Damas da Festa do «Avante!» terá início às 14 horas de sábado, prosseguindo no domingo a partir das 13 horas. Nos dois dias a competição terminará cerca das 23 horas.

Festival Desportivo da Juventude

Durante a tarde e a noite de sábado haverá «desfile» de classes de ginástica oriundas de várias regiões do País, que culminará com um Festival de Ginástica. Sem dúvida, um belo espectáculo de cor, de movimento e de vivacidade no Alto da Ajuda.



«O Militante» presente

Como sempre, também este ano «O Militante» terá o seu espaço próprio na Festa do «Avante!». Um espaço que será essencialmente de informação sobre o Partido. Um espaço que, ao fim e ao cabo, será ele mesmo um espelho daquilo que é o boletim de organização do PCP.

Assim, no meio do espaço ocupado pela exposição política do Pavilhão Central, todos quantos por lá passarem, poderão encontrar uma exposição diferente. Uma exposição onde o Partido nos aparece «com paredes de vidro».

Uma exposição onde se fará uma retrospectiva sobre estes dez anos de publicação legal de «O Militante», de Junho de 1975 a Julho de 1985. Uma exposição onde se saberá qual o número de militantes do Partido, sua composição social, etária e número de homens e de mulheres.

No Pavilhão de «O Militante» poderemos ainda observar um quadro da campanha dos 10 mil novos militantes para o Partido que — recordamos — acabou em Dezembro do ano passado, onde poderemos ver o cresci-

mento do número de militantes do PCP e onde veremos a grande implantação do Partido no nosso País, através dos seus Centros de Trabalho.

Finalmente, poderemos saber da relação existente entre o reforço ideológico dos militantes e as próximas batalhas eleitorais.

Batalhas que se nos apresentam como sendo um estímulo para o empenhamento militante de todo o Partido, de modo a que a sua acção chegue cada vez mais longe. No Pavilhão de «O Militante»

haverá ainda um diaporama sobre a sua vida, o Partido e as eleições. Neste espaço encontramos ainda à venda, além do livro «O Partido Com Paredes de Vidro», diversas brochuras de «O Militante» sobre a organização.

Um espaço, finalmente, onde nos poderemos sentar a uma mesa para conversar sobre experiências concretas ou sobre o PCP em geral. Um espaço, como se vê, imprescindível em qualquer itinerário que tracemos ao visitar a Festa do «Avante!».



A Cidade Internacional

A Cidade Internacional constitui, todos os anos, uma das zonas que mais interesse desperta nas muitas centenas de milhares de pessoas que passam pela Festa. A luta de outros povos, a sua cultura e a mútua solidariedade são os pratos fortes deste espaço que este ano fica no cimo da Festa.

São quarenta e duas as delegações de partidos e organizações irmãos ou amigos presentes na Festa do «Avante!». Destes, a grande maioria terá à sua disposição um pavilhão onde poderemos saber das suas lutas e realizações. Como não poderia deixar de ser, também por lá haverá boa comida, um pouco de todas as zonas do globo, artesanato q.b. e muita, muita solidariedade.

Só restaurantes estrangeiros há nove na Festa do «Avante!». Lá, poderemos provar a comida da RDA, da Bulgária, de Cuba, da Hungria, da União Soviética,

Itália, Cabo Verde e de Timor-Leste. Um restaurante especial vai ser o da República Popular de Angola, que este ano trás um mestre cuca na sua delegação. Um cozinheiro que promete

muitos e muito bons pratos. A parte os restaurantes, poderemos ainda provar petiscos espanhóis, checoslovacos e brasileiros (a inevitável caipirinha, claro).



Sessões internacionalistas

No âmbito das iniciativas em que participam delegações estrangeiras presentes na Festa do «Avante!», um lugar muito especial ocupa o Forum, onde se realizam várias sessões, seja sobre os novos países africanos de expressão oficial portuguesa, seja ainda de solidariedade para com a luta dos povos de diversos ponto do globo.

São as seguintes as sessões internacionalistas que se realizam no Forum:
Sábado — 17 horas: **Sessão sobre o 10.º Aniversário da Independência dos Novos Países Africanos de Expressão Oficial Portuguesa.** Participam nesta sessão representantes do MPLA-PT, Frelimo, PAICV, MLSTP e PAIGC, e Domingos Lopes, membro suplente do Comité Central e membro da

Secção Internacional do PCP. 22 e 30: **Sessão de Solidariedade com o Povo da África do Sul.** Participam neste colóquio o representante do Partido Comunista Sul-Africano e Albano Nunes, membro do Comité Central e responsável pela Secção Internacional do PCP.

Domingo — 15 horas: **Sessão de Solidariedade com a Nicarágua e a Luta dos Povos da América Latina.**

Participam nesta sessão representantes da Frente Sandinista, de Cuba, do Partido Comunista Chileno, da Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional, do Partido Progressista do Povo da Guiana, do PC do Uruguai e do PC Argentino e Aurélio Santos, membro suplente do Comité Central do PCP.

África do Sul

A luta do povo sul-africano não poderia deixar de estar presente naquela que é a Festa dos trabalhadores, da democracia e do socialismo. A solidariedade activa do Partido e do povo português para com os seus irmãos sul-africanos é uma realidade. Uma realidade que transparecerá na Festa do «Avante!»

Uma solidariedade activa que será simbolizada por um enorme rolo de papel onde será exigido pelos milhares de pessoas que o assinarem o fim do regime fascista do *apartheid*.

Uma solidariedade activa que estará retratada na pequena



exposição fotográfica sobre o *apartheid*, a repressão e a heróica luta do povo sul-africano.

No pavilhão do Partido Comunista Sul-Africano que se situa mesmo à entrada da Cidade Internacional, num ponto-chave proporcional à actualidade e à tenacidade da luta que opõe todo um povo a uma das mais sangrentas e inumanas ditaduras do mundo, poder-se-á ainda ver um painel sobre a luta do povo sul-africano e a imprensa democrática portuguesa.

O Pavilhão do Partido Comunista Sul-Africano: uma presença indispensável na Festa do «Avante!».

Para acompanhar as refeições, mais ou um pouco menos frugais, a RDA, a Hungria e a União Soviética terão palcos onde actuarão artistas desses países.

A partir de amanhã, poderemos ver no Alto da Ajuda pavilhões da RDA, Bulgária, Checoslováquia, República Popular e Democrática da Coreia, Hungria, Polónia, União Soviética, Vietnam, Partido Comunista Alemão, PC Espanhol, PC Francês, PC Grego, PC Italiano, PC Libanês, MPLA-PT, Frelimo, PAICV, MLSTP, PC Sul-Africano, Etiópia, PC Brasileiro, Partido Popular do Povo da Guiana, PC Uruguai, Frente Sandinista de Libertação Nacional, Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional, FRETILIN, OLP, Afeganistão.

Estarão ainda presentes delegações da Jugoslávia, Bélgica, Suíça, Turquia, Iraque, Partido Tudeh do Irão, Partido Progressista Socialista Libanês e PC Argentino.

Ainda no âmbito da solidariedade internacionalista de que esta Festa é uma bela expressão, realizar-se-ão colóquios de que falamos noutra local.

Como se vê, a presença de delegações de tantos povos — mais exactamente — demonstra não só o carácter internacionalista do nosso povo, mas também a solidariedade dos povos de todo o mundo para com a luta do Partido e do povo português.

Cosmonauta soviético no Alto da Ajuda

Investigador soviético, Oleg Atkov, integrou uma equipa que o torna, aos nossos olhos, uma espécie de super-homem. Não subiu o Everest nem desceu às profundezas do oceano. A sua expedição — embora envolvendo um cada vez maior número de homens — está ainda hoje entre a realidade e a ficção científica.

Já adivinharam, logicamente. Oleg Atkov é cosmonauta. A sua expedição foi onde só poucos homens conseguiram chegar. A

sua missão levou-o onde ainda há bem poucos anos só a imaginação poderia chegar.

Oleg Atkov está presente na Festa do «Avante!» integrado na delegação do «Pravda» que se desloca ao Alto da Ajuda. Com ele, virá também uma série de materiais usados por estes profundamente humanos super-homens da era moderna.

Quando dizemos «profundamente humanos», não falamos ao acaso. Tendo como contrapartida as missões norte-

-americanas no espaço com intenções belicistas, o trabalho de Oleg Atkov e de todos os outros cosmonautas soviéticos é um trabalho de paz.

Um trabalho que também estará presente na Festa do «Avante!», naquela mostra que terá o tema genérico «pela exploração pacífica do espaço». Uma exposição onde poderemos ver amostras de alimentos, uma caixa de primeiros socorros e outros equipamentos médicos para uso dos cosmonautas em missão.

Clendon Swarthout
Esqueletos
Caminho de bolso
Tudo integral

policial
ficção científica

CAMINHO de bolso
O prazer de ter bons livros para ler

Dez Festas

NOVAS lutas

Exposição Internacional de Gravura

As artes plásticas têm este ano um lugar privilegiado na Festa do «Avante!». Não só pela realização da Bienal, não só por Gil Teixeira Lopes ser o artista convidado, mas também pela presença da gravura internacional no Pavilhão Central.

Mais uma vez, a Festa do «Avante!» assume o seu papel divulgador. Assume o seu papel preponderante relativamente ao património cultural do nosso povo. Este ano fá-lo, também, com a Exposição Internacional de Gravura.

Trata-se de uma mostra para a qual foram convidados os melhores gravadores internacionais, tendo o critério de convite tido por base os prémios em bienais e trienais internacionais. Assim, no Alto da Ajuda, serão 120 as obras de 43 artistas de 28 países que marcam encontro com as muitas centenas de milhar de visitantes/participantes que passarão pelo Pavilhão Central. Uma grande iniciativa de divulgação de uma técnica plástica já com tradição em Portugal. Com o melhor que se faz por esse mundo fora.

Quando se fala no Pavilhão Central da Festa do «Avante!», não se pode deixar de frisar a exposição política que aí se realiza anualmente. Uma exposição que é sempre actual. Uma exposição que é sempre interviniente.

Uma mostra que este ano, por maioria de razões, manterá e aprofundará estas características. Uma exposição onde estará retratada a luta do povo português, a sua vitória ao ser demitido este Governo e as lutas que se lhe apresentam pela frente. Neste âmbito, particular destaque terão as próximas eleições para a Assembleia da

República e as propostas do Partido para um novo rumo. Também em foco estará o trabalho da APU nas autarquias e as próximas eleições autárquicas. Mas, nesta que é a décima edição da Festa do «Avante!», as nove edições anteriores serão tema de exposição também no Pavilhão Central, a ligar o espaço consagrado à bienal e o outro que é o da exposição política. Trata-se de um acontecimento que reflectirá a verdade desta Festa. Onde se verá a sua importância e a sua entrada no património cultural português. Um acontecimento a não perder.

5.ª Bienal

As Bienais de artes plásticas da Festa do «Avante!» são mostras que, desde a sua primeira edição, adquiriram uma importância pouco comum no panorama artístico nacional. Nela se junta muitas dezenas de artistas, das mais diversas escolas, e um público heterogéneo. Este encontro permite um maior conhecimento do que se faz em Portugal por parte das pessoas que normalmente não são frequentadoras de galerias. Este encontro permite ainda aos artistas plásticos o conhecimento de outras escolas e de outros artistas. Neste que é o ano da décima edição da Festa, realiza-se a 5.ª Bienal de Artes Plásticas da Festa do «Avante!».

Uma mostra onde estarão expostas 350 obras de 200 artistas portugueses. Não só por estes números que são à partida um êxito, mas também pela qualidade da Mostra, a 5.ª Bienal é um acontecimento a não perder na Festa do «Avante!».

Gil Teixeira Lopes

Faz agora dois anos, outros tantos artistas portugueses foram homenageados na Bienal de Artes Plásticas da Festa do «Avante!». Foram eles Abel Manta e Carlos Botelho. Este ano, e uma vez que se realiza a Exposição Internacional de Gravura, o

artista português homenageado nesta que é a maior exposição colectiva realizada em Portugal, é Gil Teixeira Lopes. Artista português, gravador de projecção internacional, Gil Teixeira Lopes participou já em mais de 250 exposições de grupo, tendo no seu palmarés numerosos prémios das mais consagradas bienais e trienais de pintura e gravura internacionais.

Na Festa do «Avante!», a obra de Gil Teixeira Lopes estará representada por uma mostra de quarenta trabalhos seus, naquela que pretende ser uma síntese das gravuras premiadas internacionalmente nos últimos anos. Desses quarenta trabalhos, 10

são os originais dos que ilustram o livro «Eros e Ares» sobre Camões.

Artista que foi um dos principais responsáveis pelo arranque da gravura portuguesa nos anos 60/70 e do seu crescente impacto no estrangeiro, Gil Teixeira Lopes está representado em museus e galerias um pouco por esse mundo fora, da América à África e Ásia, passando pela Europa.

A exposição de Gil Teixeira Lopes na V Bienal de Artes Plásticas da Festa do «Avante!» é, certamente, um acontecimento a não perder.

